

TERÊSA CRISTINA ALVISI

Baila Comigo

Os Velhos que dançam na Praça de Poços de Caldas

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM GERONTOLOGIA
SÃO PAULO -2007**

TERÊSA CRISTINA ALVISI

Baila Comigo

Os Velhos que dançam na Praça de Poços de Caldas

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Gerontologia, sob orientação da Profa. Dra Ruth Gelehrter da Costa Lopes.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM GERONTOLOGIA

SÃO PAULO SP

BANCA EXAMINADORA

Dedicatória

Para Beatriz

A filha que sonhei

A bem vinda

Poesia diária

Realidade e certeza de que a vida vale a pena

Razão de existir lutar amar

Para Marcos Cripa

Companheiro Amigo Guerreiro

Ternura e Admiração

Amor tão grande que me fez sonhar uma filha

O Homem junto ao qual pretendo contemplar sóis e luas

Para Minha Mãe Selma

“Mamy Blue”

A grande amiga

Apesar de não poder ler este trabalho, é a grande responsável por todas as minhas conquistas

Mulher que me ensinou o valor do conhecimento e da sensibilidade

Agradecimentos

Ao meu pai Sergio Alvisi., “O Gigante Lira”. Grandioso em sua bondade e generosidade. Possibilidade de ter a música presente em minha vida.

À minha orientadora Profa. Dra. Ruth Gelehrter da Costa Lopes. Alegria. Dinamismo. Paciência. Amizade e companheirismo. Possibilitou-me novo horizonte a ser descortinado. Competência. Entusiasmo e guia seguro no trajeto da viagem.

À Profa. Dra. Suzana Aparecida da Rocha de Medeiros. Exemplo de vida. Tive a honra e a oportunidade de tê-la não só como mestra, mas amiga que espero continuar tendo. Modelo de conduta e integridade a seguir.

Aos professores do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em especial às professoras Beltrina Corte, companheira e porto seguro; e Elizabeth Mercadante, possibilidade de aprender a ousar e construir novos saberes.

À Dona Manuela. Coração pulsante do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia.

À Maria Eliane Catunda da Siqueira, amiga, que numa tarde chuvosa, ajudou-me na organização dos meus pensamentos.

À Adriana Matthes pelas conversas e explicações sobre a cidade e seus lugares.

À minha irmã Candinha. Eterna cúmplice. Amor incondicional.

Aos professores e alunos do curso de fisioterapia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais campus Poços de Caldas, em especial à Luciana Auxiliadora de Paula Vasconcelos, Marcelo Branco, Marina Pereira Gonçalves e Marilene Mendes dos Santos pela paciência e cumplicidade.

À Capes pela possibilidade de concluir o Mestrado

A todos aqueles que freqüentam bailes e dançam nas praças.

Aos que amam a cidade de Poços de Caldas.

Coisas da Terra

Todas as coisas de que falo estão na cidade entre o céu e a terra

São todas elas coisas perecíveis e eternas

Como teu sorriso, a palavra solidária, minha mão aberta

Ou este esquecido cheiro de cabelo que volta e acende sua flama inesperada no coração de maio.

Todas as coisas de que falo são carne como o verão e o salário

Mortalmente inseridas no tempo,

Estão dispersas como o ar no mercado, nas oficinas,

Nas ruas, nos hotéis de viagem.

São coisas, todas elas, cotidianas, como bocas e mãos, sonhos,

Greves, denúncias, acidentes de trabalho e do amor.

Coisas de que falam os jornais às vezes tão rudes, às vezes tão escuras...

Que mesmo a poesia as ilumina com dificuldade.

Mas é nelas que te vejo pulsando mundo novo,

Ainda que em estado de soluços e esperança.

Ferreira Gullar

Sumário

<u>Agradecimentos</u>	v
<u>Resumo</u>	ix
<u>Abstract</u>	x
<u>INTRODUÇÃO</u>	11
<u>PREPARATIVOS PARA A VIAGEM</u>	19
<u>NA ESTAÇÃO</u>	26
<u>A CIDADE</u>	34
<u>1.1 - As Cidades Brasileiras: A Composição do Espaço no País</u>	41
<u>1.2 - As Praças Brasileiras</u>	508
<u>UMA CIDADE</u>	576
<u>2.1 - A descoberta das Águas Milagrosas</u>	59
<u>2.2 - O Nascimento da Cidade</u>	642
<u>2.3 - A Estrada de Ferro- Novos Tempos</u>	698
<u>2.4 - Os jogos e as Águas</u>	720
<u>2.5 - Tempos Modernos: a Indústria e a Mineração</u>	798
<u>2.6 - O novo século</u>	832
<u>TEMPO DE PERMANÊNCIAS</u>	891
<u>3.1- Identidade, Subjetividade, Tempo e Espaço</u>	931
<u>3.2- Envelhecer na Cidade Contemporânea - O Espaço Urbano em Reestruturação</u>	994
<u>3.3 - Lazer e Envelhecimento</u>	1064
<u>3.4 - O Corpo que Envelhece</u>	1142
<u>3.5 - O Corpo em movimento</u>	12927
<u>3.6 - O corpo que dança</u>	1341
<u>BAILA COMIGO</u>	1375
<u>4.1 - A Praça Pedro Sanches</u>	14139
<u>4.2 - O Baile</u>	16159
<u>4.3 - O Baile do Coreto</u>	1642
<u>4.4 - Os “Indignos” Dançarinos da Praça Pedro Saches</u>	1675
<u>ENTREVISTAS</u>	16967
<u>(IN) CONCLUSÕES</u>	198
<u>BIBLIOGRAFIA</u>	215
<u>ANEXO I</u>	229
<u>ANEXO II</u>	23028

Resumo

Este estudo concentrou-se na reconstrução histórica e na procura pela aproximação dos sentimentos e atitudes de indivíduos em processo de envelhecimento, que utilizam a Praça Pedro Sanches de Poços de Caldas como espaço para a dança.

Para a indagação ser abordada tornou-se necessária pesquisa de múltiplas abordagens partindo da categorização de significados universais para significados singulares: a formação das cidades e das praças ao longo da história da humanidade, do Brasil e da cidade de Poços de Caldas. Categorizar a velhice do conceito universal e no modo singular como cada indivíduo envelhece. Projetado como estudo qualitativo, a pesquisa utilizou como recursos metodológicos a fundamentação teórica sobre os temas a serem abordados, a análise de relatos orais e a observação de forma participante da pesquisadora. Os sujeitos escolhidos como referenciais para a pesquisa são indivíduos que freqüentam com assiduidade e se destacam nos bailes realizados nesse espaço: dois homens e duas mulheres. Foram colhidos depoimentos de pessoas que freqüentam o espaço da referida praça.

O Cenário I, nomeado “A Cidade”, foi composta do levantamento bibliográfico e de referenciais teóricos de como se deu a formação das cidades na história da humanidade e no Brasil e de como o espaço público, em especial as praças, se tornaram locais de apropriação e convivência de pessoas velhas.

O cenário II, “Uma Cidade”, singularizou a história da formação e da criação de espaços significativos da cidade de Poços de Caldas.

O Cenário III, “Tempo de Permanências”, abordou conceitos de Identidade, Subjetividade, Tempo e Espaço, Envelhecer na cidade contemporânea, Lazer e Envelhecimento e o Corpo que envelhece que se movimenta e que dança.

O capítulo nomeado “Baila Comigo”, é destinado à análise e interpretação dos velhos que dançam na praça. Como num baile, está repleto de movimentos, impressões e observações estruturadas ao longo da construção da pesquisa.

Palavras chave: envelhecimento , cidades, praças, dança

Abstract

This study concentrates on the historical reconstruction and in the search of the approximation of feelings and attitudes of persons that are arriving at old age, and who use the Pedro Sanches Town Square in Poços de Caldas as a space for dancing.

A multiple approach survey was necessary at the start for placing universal definitions in categories and then transporting them over to singular definitions. This requires going from the general to the subjective: research first the formation of towns and public squares throughout the history of mankind, then those that are in Brazil, and finally those in the town of Poços de Caldas. Old age was placed in categories within the universal concept and then in the singular mode as to how each individual grows old. Designed as a qualitative study, the author used the analysis of oral history and observation as methodological resources for the theoretical fundament of the themes that were treated. The persons chosen as references in the survey are individuals that are steady participants and stand out in the dancing that takes place in the square – two men and two women. Several interviews were also made with persons that are steady participants.

Scenario I, entitled “Towns”, is composed of a bibliographical survey and theoretical references on how towns were formed along the history of mankind and in Brazil, with the formation of public spaces, specifically town squares, that were transformed into areas for congregating elderly persons. Scenario II, “A Town” focuses on the history of the formation and creation of spaces that are significant in the town of Poços de Caldas. Scenario III, “Time of Permanencies”, takes into consideration the concepts of Identity, Subjectivity, Time, and Space, old age in the contemporary town, leisure and old age and the human body that gets older, and possesses movement and can dance. The chapter entitled “Come Dance with Me” concentrates on the analysis and interpretation of the elderly people that dance in the square. Just as a dance, it is full of movements, impressions, and observations that were structured during the construction of the present research work.

Key words: Aging of persons, towns, town squares, dance.



Coreto e Banda – Acrílico sobre Tela 40x40

Roseli Fontaniello 2002

VISITANDO CENÁRIOS

Este estudo é o resultado de um trabalho de pesquisa cujo final não é o esgotamento das possibilidades investigativas que o tema proporciona: aprofundar as possibilidades que levam alguns velhos da cidade de Poços de Caldas a dançar na sua praça central, a Praça Pedro Sanches.

Trabalhar com tema diferenciado da minha profissão, fisioterapeuta, foi desafiador, instigante e extremamente gratificante. O que a princípio foi objeto de ansiedade, passou a exercer profundo sentimento de provocação e descobertas.

Durante o período de intenso crescimento pessoal que tive a oportunidade de vivenciar no Programa de Estudos Pós Graduated em Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, compreendi a importância não só do trabalho interdisciplinar como também o desenvolver múltiplos olhares para o processo de envelhecimento. Agir de forma ampliada.

A minha história profissional é permeada de aprendizados e interações com a cidade de Poços de Caldas, minha cidade natal, e com o trabalho que realizo com idosos há muitos anos seja na abordagem reabilitadora, preventiva ou paliativa.

Dos contatos com pessoas idosas, seja no âmbito profissional ou de relações pessoais, inúmeros questionamentos surgiram ao observar o grande número de velhos que freqüentam as praças e jardins da cidade de Poços de Caldas, em especial a utilização da praça central como

local de encontro e de espaço para dança e na forma livre, informal e democrática que essa atividade se desenvolve.

A diversidade dos processos individuais de envelhecimento leva também a diferentes “olhares” sobre aquele que envelhece. A velhice, na maioria das vezes, é encarada apenas como processo declinante, não aceito na moderna civilização que preconiza o belo, o forte e o novo. A existência do idoso nas cidades contemporâneas, em número cada vez maior é objeto de reflexão e leva à reestruturação do espaço urbano atual.

Barros (2004) ressalta que no mundo moderno associamos à velhice, e logo aos velhos e velhas, imagens negativas do envelhecer, ou seja, a perda da saúde e de papéis sociais ativos.

Em contrapartida, Peixoto (2000) frisa que as pessoas se encontram em espaços públicos, se vêem cotidianamente, tecem relações de amizades construindo conceitos de pertencimento expressados em uma identidade social, abrindo a possibilidade de construção de uma velhice oposta a estigmas depreciativos.

Segundo a mesma autora, os jardins e as praças são espaços públicos gratuitos na cidade, permitindo aos idosos frequência mais assídua e a manutenção de contato cotidiano. Isso reforça o sentimento de pertencimento a um grupo social localizado em espaço limitado cujas fronteiras são bastante nítidas. Fronteiras que assinalam limite entre o público e o privado.

Ao abordar a relação entre cidade e memória ressalta-se a importância das experiências emocionais: há memória emotiva em nossas cidades por meio de seus parques, ruas, praças e monumentos.

A praça central da cidade de Poços de Caldas, assim como as montanhas que a cercam, fazem parte do cotidiano e da história de seus habitantes e daqueles que a visitam. O planejamento da área central da cidade, as árvores em grande quantidade, com diversas floradas anuais, o clima frio de montanha e a luminosidade dos jardins, são elementos importantes para a ocupação desses espaços pela população de todas as idades.

Entretanto, alguns acontecimentos foram fundamentais para meu universo ser ampliado e a pesquisa direcionada da forma em que se apresenta.

O mais importante foi o nascimento de minha filha Beatriz, hoje com seis anos. Beatriz me levou de volta à praça da minha cidade. Minha infância e adolescência foram marcadas pelos jardins da cidade. Também o foram para a maioria dos da minha geração. Voltar a passar as manhãs brincando ao sol, fez-me ver os espaços com os olhos do adulto e a alma repleta do gosto de infância. Um olhar e sentir envelhescente: maiores questionamentos e angústias, porém repletos de vidas e fatos.

Passei a conviver com uma realidade que eu já sabia, porém não sentia: os velhos de Poços freqüentam a praça com muita intensidade. E dançam. E ouvem músicas. E cantam. Meu pai, Sergio Alvisi, é um dos protagonistas desse fenômeno: canta em todos os finais de semana com seu “regional” e com voz grave e afinada, sem nunca ter aprendido a ler uma nota musical,

inunda de recordações e danças o fontanário do “Leãozinho da Thermas Antonio Carlos” sempre repleto de dançarinos.

Nas noites de quinta, sexta, sábado e domingo acontecem os bailes ao redor do coreto da Praça Pedro Sanches. Durante algumas horas grande número de idosos nativos e turistas, dança e encanta, acompanhado de outro grupo de admiradores que os assistem.

O que para mim era uma atração turística passou a ser objeto de indagação: pelo meu pai, pela minha filha, por tudo que tenho aprendido e sentido no Programa de Estudos Pós Graduated Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo , e, principalmente pela vivacidade e sabedoria da minha orientadora, professora dra Ruth Gelehrter da Costa Lopes, que incentivou e criou possibilidades para eu ultrapassar os limites de uma pesquisa fechada em minha profissão de fisioterapeuta.

Como se trata de uma pesquisa de múltiplas abordagens, diversos foram os desafios a serem transpostos, inclusive vencer a preocupação interior em abordar áreas tão distintas do meu universo usual de atuação profissional. No entanto, ao longo da trajetória da pesquisa, passei a compreender que o essencial para que este estudo fosse desenvolvido eram a abordagem e a diversidade de olhares sobre o tema. Aproximar-me de múltiplas formas de envelhecer: do corpo que dança, da cidade que envelhece, do processo de envelhecimento geral, singular e do meu próprio envelhecer.

O trabalho final representa também aprendizado em diferentes áreas, além de ter ampliado de forma gigantesca o meu olhar a respeito do processo de envelhecimento. Pude acrescentar e dividir experiências com diferenciados profissionais das áreas de arquitetura, turismo, história, sociologia e pedagogia, entre outras. E proporcionou uma relação maior e mais intensa entre a pesquisadora e os freqüentadores da Praça Pedro Sanches da cidade de Poços de Caldas.

Não só foi possível ampliar as possibilidades de convivência e trocas de experiências, como resgatar minha memória em relação a esse espaço. Tive oportunidade, durante esse período, de aprimorar meu autoconhecimento intelectual, social, e sobretudo emocional, percebendo a importância do estudo e da reflexão a respeito do desenvolvimento humano e do processo de envelhecimento.

A pergunta central da pesquisa, portanto, foi a seguinte: Quem são os velhos que dançam na Praça de Poços de Caldas?

O objeto central do estudo concentrou-se na reconstrução histórica e na procura pela aproximação dos sentimentos e atitudes de indivíduos em processo de envelhecimento, que utilizam a praça de Poços de Caldas como espaço para a dança.

Para a indagação ser abordada tornou-se necessário que todo o estudo partisse da categorização de significados universais para significados singulares. Do geral para o subjetivo. Pesquisar a formação das cidades e das praças ao longo da história da humanidade e do Brasil e da cidade de Poços de Caldas. Categorizar a velhice do conceito universal e no modo singular como cada indivíduo envelhece. Apresentar a idéia que não existe um ser velho, mas um ser que envelhece em constante processo de singularização. Citando Brito: “A produção cultural é o conjunto de expressões de um corpo social sobre si próprio e sobre o universo no qual se insere, e que propicia a sua identificação, singularidade e permanência enquanto grupo” (1989, p.08).

Projetado como estudo qualitativo, a pesquisa utilizou como recursos metodológicos a fundamentação teórica sobre os temas a serem abordados, a análise de relatos orais e a análise e observação de forma participante da pesquisadora.

Tendo como objetivo principal compreender e analisar a forma singular de apropriação e de pertencimento dos velhos frequentadores dos bailes ao redor do coreto da Praça Pedro

Sanches, o presente estudo buscou refletir sobre os significados que tais comportamentos representam.

Os sujeitos escolhidos como referenciais para a pesquisa são indivíduos que freqüentam com assiduidade e se destacam nos bailes realizados nesse espaço: dois homens e duas mulheres. Foram colhidos diversos depoimentos de pessoas que freqüentam o espaço da referida praça, à medida que o estudo avançava e havia necessidade de esclarecimentos.

O presente trabalho foi também influenciado pela subjetividade da pesquisadora, construída a partir da experimentação individual de novos conceitos e aprendizados que foram alterando minha história pessoal, gerando novos significados.

Por tratar-se de pesquisa na qual valores e conceitos foram revistos, ampliados e/ou adicionados, considero a sua construção como se na elaboração de uma viagem que percorreu cenários. Cenários entendidos como lugares onde fatos foram desenvolvidos, descortinando horizontes e avistando novas paisagens.

Como em uma viagem que se inicia é necessário estruturar e planejar os caminhos a serem percorridos, um pré-capítulo nomeado “Preparativos para a Viagem” foi construído: os recursos e abordagens metodológicas foram ali explanados.

O primeiro capítulo, intitulado “Na estação”, baseou-se no levantamento e na análise de conceitos de paisagem, lugar, espaço urbano e seus significados como imagem e no imaginário daqueles que ocupam espaços significativos. A parada na estação da pesquisa foi necessária para a compreensão da viagem que se iniciaria.

A primeira parte da viagem Cenário I, nomeado “A Cidade”, foi composta do levantamento bibliográfico e de referenciais teóricos de como se deu a formação das cidades na

história da humanidade e no Brasil. Também de como o espaço público, em especial as praças, se tornaram locais de apropriação e convivência de pessoas velhas.

O cenário II, “Uma Cidade”, singularizou a história da formação e da criação de espaços significativos da cidade de Poços de Caldas. Percorreu a partir do levantamento histórico e de análises atuais sobre a situação da cidade, caminho de aquisição de conhecimentos e subsídios para a análise dos espaços freqüentados por idosos na cidade.

O Cenário III, “Tempo de Permanências”, foi um trajeto explorado, no qual conceitos se consolidaram. Foram abordados os conceitos de Identidade, Subjetividade, Tempo e Espaço importantes para a compreensão das relações e das análises dos significados sobre universalidade e singularidade da presente pesquisa. Discutiu-se também o envelhecer na cidade contemporânea e a relação entre o conceito de lazer e envelhecimento. O enfoque dado ao tempo e ao espaço onde se desenvolve o envelhecer nesse período de permanências reforçou a importância da discussão e da reflexão sobre o conceito de corpo: o corpo que envelhece, o corpo que se movimenta e o corpo que dança.

O último capítulo do estudo, nomeado “Baila Comigo”, é destinado à análise e interpretação dos velhos que dançam na praça. O aspecto descritivo da Praça Pedro Sanches, do coreto nela situado e dos bailes que lá ocorrem, emoldura o tema central da pesquisa. Como num baile, o capítulo está repleto de movimentos, impressões e observações estruturadas ao longo da construção da pesquisa.

Encerrando a viagem, o estudo é concluído pelo que nomeei de “In-Conclusões”, por tratar-se não de uma finalização de um procedimento simplesmente, mas processo inacabado e interminável de discussões.

Para Freitas (2004), ao contrário da visão limitada do envelhecimento ocorrida por séculos, o mundo se mostra conscientizado da importância do pleno conhecimento desse processo, principalmente por suas repercussões sociais, políticas e psicológicas.

Monteiro ilustra o movimento, dando-lhe ares poéticos :

E assim, o rio da vida flui. Nesse fluxo, somos levados a pontos de bifurcação que propiciam os encontros. A cada encontro surgem expectativas, possibilidades de risco, pois o outro é o indeterminado, desconhecido e, muitas vezes, o diferente. Diante da presença deste outro, ainda não sabemos ao certo que corpo construir, que máscara utilizar, que disfarce vestir para que ocorra a aceitação. É natural que cada um busque se proteger frente ao desconhecido como forma de minimizar os riscos, mas da mesma maneira, é preciso aceitar o desafio do risco como condição de emancipação. (2003, p.175).

Esperamos que esta pesquisa possa se transformar instrumento capaz de contribuir para maior compreensão da história de minha cidade, dos seres humanos que a ocupam e, sobretudo, se solidifique em propostas que colaborem para entendimento mais amplo do processo de envelhecimento.

Parafraseando Milton Nascimento em sua canção “Encontros e Despedidas”, gravada em 1990: “E assim chegar e partir, são dois lados da mesma viagem”, o trabalho é o marco inicial de longas e novas viagens. Longas jornadas, novos cenários a serem descobertos na caminhada que sinto estar apenas iniciando.

Preparativos para a viagem

Planejar uma viagem requer elaboração e que os caminhos sejam delineados para se percorrer os cenários a serem descobertos.

A “parada na estação” descreverá a metodologia utilizada a fim de que o entendimento do objeto do estudo possa ser possível. É imperativo esclarecer as formas como ocorreram as relações entre o cruzamento do referencial teórico apresentado com as investigações realizadas.

Este capítulo descreverá os procedimentos utilizados para que o trajeto da caminhada ser realizado.

Questões metodológicas nas ciências sociais estão subordinadas às teorias que explicam o funcionamento da sociedade sob a visão do pesquisador, o que lhe confere uma visão própria de mundo.

O presente estudo baseou-se no método científico qualitativo, para a produção do conhecimento final, embasado nos conceitos elaborados por Haguette (1987). A autora enfatiza o papel do pesquisador social como um leitor de determinada realidade, exercendo caráter explicativo dos aspectos dessa realidade: “Como uma sociedade se mantém e se transforma, quais os mecanismos que ligam as micro e as macro estruturas, qual o papel da ação humana na história, quais os fatores principais que a dinamizam e como fazer para conhecer essa sociedade e obter indícios de respostas aos questionamentos formulados” (pgs.16-17).

Para Martins (2000), a análise qualitativa na pesquisa é a forma de trabalho metodológico das Ciências Humanas em que os conceitos produzidos se fundamentam pela análise do papel do homem inserido em contexto social dinâmico, na busca do conhecimento coletivo e individual das suas relações, do seu modo de ser, enfocando aspectos subjetivos e sensoriais.

As Ciências Humanas não são, portanto, uma análise daquilo que o homem é na sua natureza, mas, antes, porém, uma análise que se estende daquilo que o homem é, na sua positividade (vivendo, falando, trabalhando, envelhecendo e morrendo), para aquilo que habilita esse mesmo homem a conhecer (ou buscar conhecer), o que a vida é, em que consiste a essência do trabalho e das leis, e de que forma ele se habilita ou se torna capaz de falar (MARTINS, 2000, pgs.52-53).

Sustentada também em Chizzotti (2003), na pesquisa qualitativa a relação entre o mundo real e o sujeito é dinâmica e interdependente. Os conhecimentos obtidos por meio dela não são apenas ligados por uma teoria explicativa: encontram-se interligados meios externo e interno do pesquisador e do pesquisado repletos de significações nas ações de ambos.

Julgamos também importante observar o valor do referencial teórico como elemento de sustentação e de fundamentação para que esta pesquisa pudesse ser legitimada como instrumento de “validação do saber” (CHIZZOTTI, 2003, p.127).

Gil (1999), compartilha a relevância do embasamento teórico obtido a partir da pesquisa bibliográfica em estudos qualitativos:

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. [...] a pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos onde, em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados (p.65).

Segundo Brandão (1999), a escolha de um tema a ser pesquisado nunca acontece por acaso: é impulsionada por necessidade de descobertas ao longo do trabalho proposto. Ressalta a autora o valor das relações culturais da sociedade em que a pesquisa se desenvolverá e destaca a importância dos métodos qualitativos que enfatizam o estudo da memória individual e coletiva. A

lembrança, mesmo relatada por um único indivíduo, está associada a contexto social mais amplo; todas as sensações vividas estão ligadas a um grupo que partilha situações entre si. “Lembrar é reconstituir o passado a partir dos quadros sociais do presente. Ele se apóia em tempo socialmente referido - a memória está no grupo – e o trabalho de reconstrução do passado só pode ser realizado nesse contexto” (BRANDÃO, 1999, p.33).

A partir dos fundamentos teóricos citados, tendo a pesquisa qualitativa adotados como metodologia científica de trabalho, o cenário central em que o estudo se desenvolveu foi definido: a Praça Pedro Sanches na cidade de Poços de Caldas Minas Gerais.

O objeto da pesquisa foi construído a partir da observação da maneira peculiar de como aconteciam os bailes, essencialmente freqüentados por idosos, ao redor do coreto da Praça Pedro Sanches, delimitando o problema central do estudo.

A identificação do problema e sua delimitação pressupõem uma imersão do pesquisador na vida e no contexto, no passado e nas circunstâncias presentes que condicionam o problema. [...] A delimitação é feita, pois, em campo onde a questão inicial é explicitada, revista e reorientada a partir do contexto e das informações das pessoas ou grupos envolvidos na pesquisa (CHIZZOTTI, 2003, p.81).

Cabe ressaltar que o objeto desta pesquisa necessitou que diversas fontes de informação (pesquisa bibliográfica, observação dos eventos, relatos orais e entrevistas), fossem compreendidas e interpretadas embasadas na visão de diferentes olhares e linguagens, o que lhe conferiu um aspecto rico de reflexões, ampliando o universo do entendimento do tema abordado.

De acordo com Chizzotti:

Os dados qualitativos deverão ser validados segundo alguns critérios: fiabilidade (independência das análises meramente ideológicas do autor), credibilidade (garantia da qualidade relacionada à exatidão e quantidade das informações efetuadas), constância interna (independência dos dados em relação à acidentalidade, ocasionalidade etc.) e transferibilidade (possibilidade de estender as conclusões a outros contextos) (2000, p.90).

Os sujeitos escolhidos para serem os “atores sociais” desta pesquisa foram identificados a partir da observação de alguns critérios de seleção, como a assiduidade com que freqüentavam os bailes ao redor do coreto da Praça Pedro Sanches, disponibilidade para os encontros e as entrevistas e, sobretudo, o envolvimento com as atividades de dança desenvolvidas.

Foram ouvidos quatro dançarinos que aos olhos da pesquisadora melhor representavam o objetivo da pesquisa proposta; dois homens e duas mulheres sendo o grupo composto por um casal e um homem e uma mulher que freqüentavam os bailes desacompanhados.

Embora o grupo escolhido seja composto por um pequeno número de participantes, os depoimentos individuais conseguem ser representativos do grupo a que pertencem: “O indivíduo é também um fenômeno social. Aspectos importantes de sua sociedade e do seu grupo, comportamentos e técnicas, valores e ideologias podem ser acompanhados através de sua história” (QUEIROZ, 1988, p.28).

Outra autora trata do assunto, apontando: “Dessa forma, longe de refletir o social de modo mecanicista, o indivíduo o assimila e o acomoda numa linguagem construcionista, portanto o medianiza e o retraduz, projetando-o numa dimensão diferente, a dimensão da subjetividade” (MINAYO, 2000, p.174).

Os encontros para a realização das entrevistas foram agendados a partir de contatos feitos no próprio local onde acontecem os bailes. A reação dos entrevistados foi marcada pela satisfação e presteza em colaborar.

Também julgamos pertinente registrar na metodologia que, ao abordar os entrevistados para a marcação do local em que as entrevistas se dariam, os quatro escolheram os bancos da praça em frente ao coreto onde os bailes aconteciam.

O roteiro da entrevista foi elaborado em conformidade com Gil (1999, p.121), de modo semi-estruturado, definindo os tópicos de interesse, ficando o seu desenvolvimento por conta das habilidades do entrevistadora, constando de um roteiro básico de questões (AnexoII). “Esse roteiro foi usado para organizar o pensamento na linha de pesquisa adotado, e também como referencial a ser consultado após a entrevista, a fim de avaliar quais pontos propostos haviam sido ou não abordados” (BRANDÃO 1999, p.25).

A todos os participantes foram explicados o tema e o objetivo da pesquisa. Foi solicitada autorização do entrevistado que assinou Termo de Autorização Livre e Esclarecido como aceite em participar da pesquisa e da divulgação da mesma. (Anexo I).

Após a execução das entrevistas registramos as impressões do entrevistador em um Diário de Campo. As entrevistas foram gravadas em fita cassete com a autorização do entrevistado e transcritas para que o conteúdo pudesse ser analisado posteriormente, à luz dos conceitos elaborados por Macedo (2000), que considera três aspectos importantes para a coleta de dados: interação entrevistador/entrevistado, a transcrição fidedigna da entrevista e a interpretação dos dados coletados.

Segundo o autor:

“O primeiro aspecto a ser considerado no que se refere à particularidade da análise das entrevistas é o uso de gravadores ou notas na entrevista. [...] é um processo a ser tratado com cuidado que todo etno-pesquisador tem que ter quando do seu acesso à pesquisa. Ou seja, faz-se necessário, além de um *rappor*t bem construído, respeitar os hábitos, as crenças, as visões de mundo das pessoas incluídas na pesquisa, afinal, o pesquisador está em campo para compreender em profundidade, e não para impor condições ou formas de conduta. [...] Quanto ao aspecto interpretativo, o processo de gravação é um

fator de ajuda, na medida em que favorece a possibilidade do pesquisador se concentrar na conversação e registrar expressões não verbais do entrevistado, ao invés de despende um tempo significativo olhando notas e escrevendo o que é dito. É importante também assinalar que a gravação impede que o pesquisador coloque em suas próprias palavras as palavras do ator social, ou mesmo os significados que esse atribui à realidade investigada (MACEDO, 2000,pgs: 167-168).

Os relatos colhidos por meio das entrevistas foram analisados baseados na técnica da história oral dentro da metodologia qualitativa.

Para Neves (2000), ao se empregar a metodologia da história oral leva-se em consideração o processo elaborado por historiadores para que os depoimentos coletados possam demonstrar que a memória é trabalho de construção e reconstrução de lembranças nas condições do tempo presente.

O ato de relembrar passa a ser elemento fundamental para a identidade coletiva, pois ao lembrar-se do individual relaciona-se à inserção social de cada depoente e, principalmente se orientado por uma perspectiva histórica, fornece mais material para refletirmos sobre a opção metodológica adotada por este estudo.

Simson (2001) sinaliza a existência de uma posição política em relação à sociedade por parte do pesquisador, ao utilizar a história oral como método para análise de situações históricas, pois o seu conhecimento a respeito do objeto de sua pesquisa vai sendo elaborado a partir da relação entre o entrevistado e seu entrevistador.

A autora também ressalta estreita relação entre o método da história oral com o processo de envelhecimento como um projeto de reconstrução sócio-histórica: “um

domínio em que os mais velhos podem, de fato, destacar-se graças ao acúmulo de informações e experiências é o de narrar, interpretar o passado, bem como analisar o presente à luz da experiência pregressa” (2001, p.143).

Ainda julgamos pertinente registrar a diferença apontada por Alvisi (2001) entre relatos pessoais e história de vida utilizando a técnica de história oral, pois “estes últimos abrangem um período extenso de vivência do entrevistado desde os tempos mais remotos até a atualidade” (p.24). Essa diferença norteou e direcionou as condutas no desenrolar das entrevistas, pois nos detivemos mais especificamente na vivência dos entrevistados em relação às suas atividades de dança.

Finalizando, é importante também ressaltar a importância da multidisciplinaridade encontrada nos métodos qualitativos de pesquisa:

Quando as ciências humanas perdem a ambição de retirar de cada um dos setores da atividade humana as leis que a caracterizam e se orientam mais para um procedimento de resolução de problemas, isto as conduz a se inquietarem com as divisões que poderiam restringir sua ação, especialmente as fronteiras disciplinares, com seus territórios reservados (os historiadores ocupam-se do passado; os sociólogos do presente; os geógrafos do espaço etc.), pois isto poderia ser um obstáculo à compreensão completa de um problema sob todos os seus aspectos e as suas inter-relações entre eles. [...] O que se desenvolve, então, é uma abordagem multidisciplinar, que consiste em abordar os problemas de pesquisa apelando às diversas disciplinas das ciências humanas que nos parecem úteis. Os modos de fazer são diversos (LAVILLE & DIONNE, 1999, p.44).

Tendo como embasamento teórico o acima registrado, o presente estudo pretende estabelecer relação entre descrições universais com situações singulares: da formação dos espaços como a formação das cidades e das praças em um contexto macro social com a relação de inserção social da praça da cidade de Poços de Caldas. Procuramos também contribuir para a

reflexão a respeito da compreensão, ainda que de maneira sutil, de novos papéis assumidos por indivíduos em processo de envelhecimento.

Na Estação

Compreender a origem de uma cidade e refletir sobre a relação existente entre a construção social, histórica e sua trajetória de desenvolvimento remetem à necessidade de se ponderar sobre conceitos tais como os de paisagem, paisagem urbana, lugar, imagem, imaginário, pertencimento e identidade local e as suas implicações nas relações dos habitantes que percorrem esses espaços urbanos.

O conceito de paisagem está vinculado aos de espaço e lhe são atribuídos três tipos de qualidade: a ambiental, que avalia as possibilidades de vida e de sobrevivência dos seres vivos; a funcional que apresenta o grau de eficiência do lugar em relação ao funcionamento da sociedade humana, e a estética, que atribui valores sociais construídos pelas comunidades a algum lugar em um momento do tempo.

Ligada, portanto, à ótica da percepção urbana que representa um ambiente, a paisagem é resultante das diferentes formas de ocupação e transformação de um espaço, inseridas num dado momento. “Todo ambiente contém diferentes paisagens, mas nem todas as paisagens representarão um ambiente por completo” (MACEDO, 1999, p.11).

Paisagem é o resultado da leitura e da interpretação humana do espaço, e sua construção não é obra exclusiva de especialista. É produto do processo de transformação do ambiente operado pela sociedade humana, por outras comunidades de seres vivos, de ações climáticas e geológicas.

Essa idéia é reforçada por Kohlsdorf:

O vínculo existente dos indivíduos com o mundo exterior é responsável pela configuração dos espaços externos. As possibilidades de relação são diversas e determinam os aprendizados na formação da noção do espaço (1996, p.33).

O indivíduo e/ou o grupo social vão elaborando, construindo e interiorizando, por meio de vivências e experimentações, o contorno interior do espaço físico da cidade, transformando-o em histórico e continuamente reformulado pela experiência cultural de seus usuários.

O espaço urbano é resultante da somatória de características físicas e sociais, produto da sua relação com o tempo, parte integrante de um território social complexo e dinâmico que cria realidade histórica.

De acordo com Farret (1985), para que a dimensão do espaço seja compreendida por aqueles que o percorrem é necessário que esse seja experimentado de maneira individual e coletiva. Dessa experimentação surge a interpretação humana do ambiente externo: as cidades e seus espaços passam a ser compreensíveis a partir das várias abordagens cognitivas de seus habitantes.

As dimensões espaciais possuem significado material e simbólico: o espaço urbano é apreensível por meio de manifestações externas que vão se transformando em aquisições cognitivas recolhidas de informações concretas ou dados elaborados. A definição de espaço passa pela explicação da sociedade que a contém e, portanto, é dinâmica pelo movimento externo e interno de quem o define.

Sawaia (1995), ao refletir sobre a relação humana com o espaço construído, ressalta que essa não se dá apenas pelo planejamento urbano e pela geografia, mas encontro de identidades entre os homens e o espaço.

Os espaços construídos formam discursos e manipulam impulsos cognitivos e afetivos próprios. A cidade, a rua, o prédio e a porta representam modelos de subjetividade como portadores de história, desejo, carências e conflitos.

Gregotti (1979) registra que uma paisagem se transforma em percepção estética quando um grupo social a elege como lugar simbólico dentro da memória individual ou coletiva, ou também quando associado a práticas como a pintura, a fotografia e outras formas de expressão artística para representá-la figurativamente. A percepção da paisagem depende da construção histórica de seus usuários, transformando-a em um território único, um lugar. O valor do espaço está na memória que ele representa e na forma como influencia ações presentes.

A paisagem física relaciona-se à imagem propriamente dita do espaço, e o imaginário à imagem mental da mesma.

Os conceitos de imagem e imaginário são assim definidos por Ferrara:

A imagem corresponde à informação solidamente relacionada a um significado que se constrói numa síntese de contornos claros que a faz única e intransferível. Tem apenas um significado, correspondente a um dado solidamente codificado e impõe uma leitura que está claramente inscrita nos espaços construídos. (2000, p. 118)

O imaginário corresponde à atribuição dos significados humanos produzindo conhecimentos. O resultado dessa produção é múltiplo e cumulativo. Pelo imaginário, a imagem urbana de locais, monumentos, emblemas, espaços públicos ou privados passa a significar mais pela incorporação de significados extras e autônomos do que em relação à imagem básica que lhe deu origem. (2000, p.338).

A imagem estabelece relação direta com o espaço físico da cidade enquanto, o imaginário se configura como processo de acumulação de imagens, enraizado em crenças e valores constatados pela visão e registrados coletivamente.

O imaginário se fundamenta pela interpretação e percepção da paisagem urbana, exigindo participação e experimentação. É caracterizado pela construção mental do material, continuamente reelaborado por vivências, conhecimentos e memória da cidade. “A cidade é um cenário, um pano de fundo, um recorte que sustenta um conjunto de sentimentos e reflexões” (FERRARA, 2000:121).

Imagem e Imaginário são, portanto, elementos capazes de configurar e delimitar os chamados lugares constituídos tendo como base determinadas ações, eventos e experiências socialmente produzidas.

No processo da construção humana edificam-se ao mesmo tempo as imagens e o imaginário urbano. Na confluência desses elementos, materializam-se os lugares das cidades. Sendo assim, muitas dessas paisagens construídas são também lugares de memória local (POZZER, 2001, p. 156).

Limena reforça tal reflexão:

A cidade como nome próprio, fornece o modelo para concepções e construções do espaço, que tem por base propriedades estáveis, isoláveis e interligadas. Como ambiente construído, a cidade resulta da imaginação e do trabalho coletivo do homem que desafia a natureza (2003, p.65).

O espaço que representa uma paisagem passa a ser considerado um lugar quando alia às condições externas algum significado interior emotivo e representativo.

Rossi (1995) conceitua *locus* ou lugar como “aquela situação singular, mas universal que existe entre certa situação local e as construções que existem naquele lugar” (p.36). Lugar,

portanto, vem a ser sinônimo de espaço físico provido de significação, impregnado de sentido histórico e psicológico.

A simbologia do termo lugar, agora analisado sociologicamente por Peixoto, (2000), dá ao significado de local a representação da relação entre o homem com um espaço onde se desenvolvem trocas sociais, o que a autora denomina de pertencimento local.

Segundo a autora, existem, de fato, formas bastante diferenciadas de pertencimento local, uma vez que esse pode se apresentar tanto ao nível individual quanto coletivo, e definir-se por meio de delimitação geográfica, histórica ou mesmo cultural, ou ainda por meio da manifestação de sentimento ou emoção. A idéia da construção simbólica de pertencimento, desenvolvida nos espaços urbanos, cria sentimento de posse dos mesmos e se revela como percepção do indivíduo sobre seus sentimentos em relação aos lugares. Esses sentimentos a autora os conceituou como identidade local. “Desse ponto de vista, a identidade local nos permite entender, por meio da referência ao território como espaço de pertencimento, as estratégias individuais ou coletivas de inscrição num dado lugar” (PEIXOTO, 2000, p.48).

A realidade urbana, portanto, passa a ser somatória do que essa apresenta de concreto e a interpretação interior do que ela representa.

Hillmam (1993), ao abordar o conceito de realidade, a divide em dois aspectos: o da totalidade dos objetos materiais existentes no mundo exterior e a realidade interior, que é fruto da experiência particular, portanto desejosa e imaginativa.

O autor, ao referir-se à alma existente nas cidades, ressalta a importância de sua memória emotiva. Experiências emocionais influenciam a vida individual e coletiva dos seus habitantes,

refletindo na história dessa comunidade. Temos memória emotiva em nossas cidades a partir dos parques históricos, estátuas, a tradição dos fundadores, os nomes de ruas e praças. “A cidade, então, é uma história que se conta para nós à medida que caminhamos por ela” (HILLMAN, 1993, p.39).

Cenário**I****A CIDADE**

Lúcio Costa define o termo “cidade” como a “expressão palpável da necessidade humana de contato, organização e troca numa determinada circunstância físico-social e num contexto histórico” (1998, p.77).

Quando nos deparamos com uma cidade devemos, levar em consideração a somatória de vários olhares sobre ela para compreendermos a sua formação: fruto da relação do homem que sedentariza-se com a natureza à sua volta, centro das relações sociais e políticas entre esses indivíduos, é o resultado da construção de símbolos e mitos. Histórias vivas, construídas num determinado espaço, contadas ao longo do tempo. A origem de uma cidade é resultante de fatores históricos, geográficos e principalmente sociais.

A intenção deste estudo não é realizar minucioso levantamento histórico sobre a origem das cidades na civilização humana, mas levantar subsídios para reflexão sobre a importância desses espaços na vida daqueles que as habitam.

As cidades tidas como as mais antigas do mundo datam aproximadamente de 4.000 a.C., como Ombos, no Egito, Tebas, Mênfis e Hieracompolis no Vale do Nilo; Harapá, Moenjo-Daro e Laore na Bacia do Indus ; Jericó, Tiro e Jerusalém na Palestina; e Pequim, na China.

Qualquer que seja o fato originário das cidades, é sabido que o homem havia emergido de um estado de selvageria e barbárie para a civilização, e que no nascente da cidade estavam as raízes do próprio Estado.

Rolnik define a cidade como ímã, pólo aglutinador que reúne e concentra os homens. Segundo a autora, o sedentarismo da espécie humana levou-a a buscar formas de dominar o espaço físico, modelando a natureza, compondo uma “escrita” do espaço:

O desenho das ruas e das casas, das praças e dos templos, além de conter a experiência daqueles que a construíram, denota o seu mundo. É por isto que as formas e as tipologias arquitetônicas, desde quando se definiram enquanto habitat permanente, podem ser lidas e decifradas, como se lê e decifra um texto (1988, p.17).

Ao definir o conceito de cidade, a autora baseia-se no conceito grego de *polis*, que significa a vida em sociedade. Segundo a autora, o homem é um ser político: realiza-se pela vida na *polis*. Ressalta a definição de “cidade” mais na sua dimensão política do que geográfica. É também dessa forma que as relações de cidade/poder se consolidavam nas civilizações antigas: daqueles que detêm os modos de produzir, sobre os que são os instrumentos para obtenção do produzido e daqueles incapazes para contribuir nesse processo. Os escravos, as mulheres, os estrangeiros e os velhos, apesar de moradores do mesmo espaço, não possuíam o mesmo *status* na condução política e nas formas de exercê-lo. As antigas organizações urbanas trouxeram o início das relações de poder, o que passou a ser denominado Estado.

A sociedade primitiva não desenvolveu a cidade, mas apenas deu origem a aldeias rurais. O homem tinha como elemento de sobrevivência a economia baseada na caça, pesca e na coleta de alimentos. A fabricação de instrumentos baseava-se em artesanato rudimentar de objetos de pedra lascada e ossos.

Mais adiante, com o cultivo do solo, a domesticação de animais e a fabricação de objetos de cerâmica trouxeram importantes modificações culturais nas relações do homem com a terra,

provocando mudanças sociais muito significativas: a racionalização dos processos agrícolas, como o arado, o uso adequado do solo e a observação de épocas determinadas para o plantio propiciaram a sua fixação num local determinado.

Paralelamente a esse novo modelo de produção, verificou-se a incompatibilidade das atividades agrícolas e pastoris de se desenvolverem no mesmo local. Ocorre, então, a separação entre a agricultura e o pastoreio e, conseqüentemente, a primeira divisão social do trabalho entre o agricultor e o pastor. O processo de fixação do homem ao solo trouxe a busca de novas formas de produção e de exploração do espaço. Plantar e colher implica dominar um território.

Com a descoberta do uso de metais, os povos que aprenderam que, possuindo armas mais poderosas que as de pedra, dominavam as populações agrícolas. Para proteger essas populações construíram-se cidades fortificadas. Em troca da proteção recebiam tributos do povo agricultor.

Exemplo dessa forma de agrupamento urbano da antiguidade foi a civilização grega. A sociedade grega estava organizada em *génos*. Génos era uma comunidade formada por uma numerosa família cujos membros eram descendentes de um mesmo ancestral. Os gregos não se consideravam parte integrante de uma nação, mas membros de uma cidade-estado. Essas cidades nasceram do desejo de proteção dos camponeses, que para se ampararem dos ataques dos inimigos passaram a construir fortalezas. Quando atacados, buscavam refúgio com os animais dentro das muralhas de madeira. Com o tempo, as populações foram abandonando as aldeias e instalando-se perto das muralhas. Por volta de 600 a.C., quase toda a população da região morava em cidades construídas em volta dessas fortalezas. Surge assim a *polis*, a cidade-estado grega.

As primeiras cidades basearam-se, portanto, em leis sociais: a convivência coletiva necessita de organização e regulamentos. O grupo agora fixado no mesmo espaço também define relações e cria dimensão pública para o uso e ocupação do local.

O produto gerado nessa circunstância de fixação dos homens em um território também os estratifica em classes: os moradores são produtores e consumidores, e os divide de acordo com a participação no resultado final da produção.

A valorização dos moradores pela detenção ou não dos modos de produzir é, portanto, o determinante da organização do espaço urbano e também o delimitador de territórios na cidade, hierarquizando a divisão do trabalho e as relações de poder.

Surgem as *civitas*, ou seja, o lugar onde os homens vivem em conglomerados urbanos com direitos e deveres respeitados. O direito de participação no poder é o determinador da organização desses espaços.

A divisão do trabalho (divisão do excedente alimentar, comando da guerra, diálogo com os deuses, produção artesanal, produção agrícola etc.) produz e repõe uma hierarquia que se expressa claramente em termos espaciais. A suntuosidade do palácio ou do templo, ao mesmo tempo em que é signo dessa hierarquia, é também sua razão de ser. Sua construção e manutenção implicam o reforço de uma organização baseada na exploração e privilégio, que permite à classe dominante maximizar a transformação do excedente alimentar em poder militar e esse em dominação política (ROLNIK, 1988, p.21).

A fixação das pessoas em local determinado também possibilita a troca de experiências, a colaboração mútua se intensifica, potencializa a produção e especializa o trabalho, o que determina a divisão de classes.

Cria-se o mercado nas civilizações, estabelecendo relações entre o campo (que também consome o produto excedente nas cidades) e vice-versa. Nas antigas civilizações, as relações interurbanas passam a existir quando a necessidade de trocas entre cidades faz-se necessária. A condição para que esse processo ocorra é que esses territórios urbanos estejam politicamente

unidos. A junção de cidades com interesses comuns ou complementares deu origem aos Impérios na Idade Antiga. Surgem os primeiros postos de troca entre pastores e agricultores que permutavam seus produtos. Formam-se aglomerações de pessoas, e com elas as primeiras especializações profissionais, como sacerdotes, soldados e artesãos. É clara a importância da religião, pois em nome dela, muitas causas em favor do Estado são justificadas. A religião é instrumento político que justifica os interesses mais peculiares, servindo como conforto à população, que anda sempre em busca de ideais e possibilidades de sobrevivência bem-sucedida.

O poder de mercado e o consumo da produção aglutinam para a cidade grande número de pessoas, reorganizando o espaço urbano. O desenho das ruas e praças nessas cidades medievais, também chamadas de “burgos”, não obedecia a qualquer planejamento, e os moradores ao ocuparem a terra, ali se instalavam..

O comércio, a longa distância, adquire maiores proporções com a descoberta de rotas terrestres e marítimas, o que impulsiona o crescimento das cidades. Aumenta o número de camponeses que se deslocam para as regiões urbanas. As muralhas protetoras são derrubadas e a economia mercantil abre perspectivas de ampliação do mundo agora interligado.

O processo de mercantilização emergente também condiciona a ocupação da terra: antes naturalmente ocupada, passa a ser objeto de mercadoria. Tanto na Europa medieval quanto no Brasil colonial, a sociedade é dividida em classes sociais, definidas pela propriedade ou não dos espaços urbanos. Se nas cidades da Antigüidade o poder se concentrava nas atividades centradas na proteção e nas guerras, nas cidades medievais as atividades econômicas eram o fator determinante da hierarquização e divisão de classes.

A cidade medieval foi a representação artesanal, comercial e bancária das relações humanas, que trouxe como principal consequência a acumulação de bens a um número restrito de habitantes. A população urbana aumenta rapidamente, como também as tensões e as diferenças sócioeconômicas se instalam. A luta pela apropriação do espaço gera a intervenção e a regulação do Estado em determinar ações no espaço público com a finalidade de normatizá-lo e regulamentá-lo.

O Estado Moderno emerge nas aglomerações urbanas do século XVII. Surgem as primeiras cidades-capitais, sede do poder desse novo Estado. As cidades começam a acumular riquezas: grandes edificações (castelos, catedrais etc.) são levantadas como demonstração de força e demarcação de poder. Centralizado, esse poder se instala e interfere na vida diária dos moradores, criando o que Rolnik denominou de “segregação espacial onde as fronteiras são invisíveis definindo ações e papéis” (1988, p.41).

O espaço destinado à moradia também é reorganizado: o local de trabalho e produção já não é o mesmo do que se vive. As relações entre o público e o privado, o lar e a rua são demarcados e baseados num poderio econômico sociologicamente definido: os donos das terras, dos meios de produção de um lado, e os vendedores da força de trabalho de outro.

A cidade conserva um caráter orgânico de comunidade, que lhe vem da aldeia, e que se traduz na organização corporativa. A vida comunitária (comportando assembléias gerais ou parciais) em nada impede a luta de classes. Pelo contrário. O violento contraste entre a riqueza e a pobreza, os conflitos entre os poderosos e os oprimidos não impedem nem o apego à Cidade nem a contribuição ativa para a beleza da obra (LEFEBVRE, 1969, p.11).

O século XIX e, sobretudo o XX são caracterizados pelo surgimento da Era Industrial. A necessidade de aumentar a produção econômica e acumular o capital pede reformulação dos modos de produzir: gera a divisão de tarefas, exige disciplina, aumento do número de horas

trabalhadas, e centraliza o controle dos modos de produção pelo empregador, transformando a realidade. A produção artesanal e doméstica vai cedendo lugar à produção em série. As indústrias, fenômeno urbano que atrai grande número de imigrantes para o seio urbano, ampliando a heterogeneidade entre os habitantes. A nova forma de produzir altera rotinas habituais, acentua diferenças sociais, gera a diversidade de produtos, faz aumentar a população e assinala o aparecimento de fatores desencadeantes de violência.

Surtem as novas cidades desse novo tempo. A divisão do trabalho se opera nas esferas social, política e técnica. Três poderes se distinguem nessa nova formação urbana: o representado pelo Estado, o da sociedade estratificada em classes econômicas, e o da estrutura urbana, que delineia o desenho da cidade. A luta entre as classes acirra os contrastes sociais, porém o sentimento de pertencimento à cidade é reforçado.

Ao mesmo tempo, a rapidez com que se operam as comunicações entre as cidades é a responsável pelo processo de homogeneização não só de distribuição de produtos como também de valores culturais, favorecendo rupturas de conceitos preestabelecidos nas antigas cidades.

Os tempos contemporâneos caracterizam-se pelos avanços tecnológicos, diminuição das distâncias espaciais, graças ao avanço dos meios de comunicação que alteram as noções de espaço e de distância entre as cidades, responsáveis pela globalização do mundo atual, numa constante recriação do tecido urbano e de seus valores. Um mundo feito de coisas produzidas que reconstróem o espaço urbano.

O espaço público também é transformado: o homem passa a ser agente social cujas vontades são as representadas pelas da maioria. Novos espaços coletivos são necessários para que essa

sociedade industrial tenha lugares de trabalho, discussão e lazer. Os vínculos a cidades estão associados à apropriação e delimitação dos espaços urbanos.

A cidade e a realidade urbana dependem do valor de uso. O valor de troca e a generalização da mercadoria pela industrialização tendem a destruir, ao subordiná-las a si, a cidade e a realidade urbana, refúgios do valor de uso, embriões de uma virtual predominância e de uma revalorização do uso (LEFEBVRE, 1969, p.12).

1.1 - As Cidades Brasileiras: A Composição do Espaço no País

As obras de Marx (1980 e 1991) foram os textos norteadores dessa rápida retrospectiva histórica sobre as origens das cidades brasileiras. Analisar o espaço urbano e o seu processo de construção no Brasil facilitará a compreensão do surgimento da cidade de Poços de Caldas e as peculiaridades nela contidas.

Segundo autores como Marx (1980), Robba e Macedo (2003), as cidades coloniais brasileiras seguiram modelos de fundação a partir de doações de sesmarias para determinado santo, o que determinava, conseqüentemente, a construção de capela e a criação de paróquia em seu louvor. Em 1530, com a implantação das capitanias hereditárias, o governo português, por intermédio do capitão-mor dirigente da capitania, preocupou-se em conceder terras e incentivar a criação de vilas o que resultou no sistema de sesmarias, ou seja, o do fracionamento de territórios.

Durante o período colonial não existia posse absoluta de terras, mas, o sistema de concessões para a sua exploração. Foi outorgado à Igreja o direito sobre a sua utilização e administração. A responsabilidade da divisão da área doada cabia à paróquia, sendo outorgado, portanto, ao padre ou sacerdote, o direito de conceder pedaços de terra a quem solicitasse. O sesmeiro, nome dado àquele que recebia a concessão, pagava ao capitão da respectiva capitania o

foro por sua utilização. Parte desse valor também era repassada para a coroa portuguesa como pagamento pelo usufruto da terra. O assentamento urbano era, então, iniciado, e em geral o seu centro era destinado à capela e ao seu pátio.

Foram as capelas os embriões de nossas cidades, como também o pretexto para a formação dos primeiros espaços públicos à sua volta. A construção do casario passou a ser implantada nas imediações desses templos, configurando vilas, arraiais ou freguesias.

A história das cidades brasileiras, desde suas origens, esteve condicionada à relação do Estado (representado pela presença de casa de câmara e de presídio; o pelourinho) e da Igreja (representada pelas capelas e santuários). O crescimento dos espaços urbanos brasileiros se deu em torno desses marcos. A união entre o poder e a religiosidade foi responsável pela delimitação da paisagem, influenciando a realidade urbana nacional. Sua organização seguia a estrutura da cultura portuguesa, daí a semelhança encontrada entre as cidades lusas e brasileiras.

A importância da localização e do valor da terra no espaço físico dos aglomerados urbanos sempre foi determinante na origem das cidades no Brasil. Primeiramente a cidade brasileira se estabeleceu na costa litorânea por ser ponto de apoio ao reconhecimento do litoral; pelas táticas de defesa do território e garantia do tráfego português. Acidentes geográficos como ilhas, canais, baías e barras de morros foram decisivos para o surgimento das primeiras concentrações populacionais. Grande parte da atual rede urbana e do contingente populacional brasileiro até hoje se concentra ao longo da costa ou próximo dela. Entretanto, existia a necessidade de expansão e ocupação das novas terras, conquistar o interior e garantir a delimitação territorial entre os domínios espanhol e português. A criação das bandeiras, formadas

por exploradores portugueses à procura de minerais e outras fontes de riqueza exercem importante papel na conquista e assentamento nos territórios de domínio luso.

As primeiras aglomerações humanas no Brasil seguiram estágios hierárquicos: primeiramente uma pequena concentração de moradias dava origem ao povoado ou arraial (sempre acompanhada de uma capela), Logo após essa capela ser visitada por um padre, o adensamento urbano era elevado à paróquia (ou freguesia), mais tarde à categoria de vila e posteriormente a município.

A institucionalização se dava, portanto, pelos trâmites religiosos: a responsabilidade da divisão da área doada cabia à paróquia. O chão tornava-se sagrado, sempre devotado a um santo, passando a ser regido por normas eclesiais aceitas e respeitadas pelo poder oficial. As cidades da colônia, enquanto não tinham normatização vinda da coroa (ou codificação colonial portuguesa), eram regidas pelas normas e procedimentos eclesiásticos. Esse processo não aconteceu de modo linear nem previsível, mas como toda organização social foi resultado de uma interação dinâmica entre seres humanos, leis norteadas por hábitos e crenças e as características físicas do local. A capela ou a igreja eram a construção mais importante, e geralmente se posicionava em locais mais elevados do que o restante do casario como forma de demarcação de poder.

Desde o surgimento e a partir da própria gênese dos núcleos, os assentamentos coloniais expressam as precisas determinações eclesiásticas, não contrapostas ou sequer canalizadas por instrumentos equivalentes do poder temporal, mas aceitas pela importação dos costumes e das práticas do reino (MARX, 1991, p.11).

Se o reconhecimento do arraial se dava pela presença e atuação religiosa, quanto mais imponente fosse a construção da igreja maior era a importância do lugar: com o crescimento das aglomerações a capela era refeita, transformada em matriz, e o lugarejo elevado à categoria de paróquia ou freguesia. Freguesia, portanto, era o nome dado a um módulo de organização eclesiástica. A Igreja tinha como compromisso junto ao Estado o controle e arquivo de dados

relativos às famílias e à vida em comunidade. Representava o símbolo da unidade territorial. Os moradores dessa localidade, seus *fregueses*, dispunham de um chão pertencente ao patrimônio religioso, para o seu sustento.

Para que o poder religioso fosse destacado, a construção da capela também exigia delimitação de espaço à sua volta. A região territorial onde se localizava a construção da igreja deveria estar livre de casas particulares e em distância suficiente para que se realizassem cerimônias religiosas ao seu redor. A área livre exigida era de posse e uso da Igreja. Esses *vazios* ou *largos* propiciaram múltiplas possibilidades de uso: para encontros sociais, como espaço de comercialização e de acontecimentos militares. O largo, embrião das praças, representava o espaço de uso público de uma aglomeração urbana local. A nova freguesia estava sempre sob o jugo da Igreja para prover a sua subsistência e controlar a distribuição de terras.

Os senhores de terra, concessionários da terra imensa de uma confraria gerida pelo próprio rei, abrem mão de pequena porção de seus domínios não para qualquer um, porém para uma invocação qualquer, invocação de sua predileção, o santo que, por sua vez, repassará módicas parcelas a eventuais interessados ou necessitados de chão para se instalar e produzir (MARX, 1991, p.45).

Durante o período colonial (séculos XVI a XVII), a composição e implantação dos núcleos urbanos foi caracterizada pela irregularidade dos traçados de suas ruas sem contorno espacial definido, e existência de vários agrupamentos de casario. O reconhecimento do núcleo urbano e a sua elevação à vila nem sempre se deram pela sua extensão, mas pela importância política.

O aumento populacional da freguesia resulta em uma sociedade mais organizada, embasada na importância econômica, fator preponderante para o processo de conquista da autonomia municipal. Se essa for alcançada, implicará a construção de seu símbolo maior: as presenças arquitetônicas e oficiais do pelourinho e da casa de Câmara e cadeia. Sedes do poder municipal, essas

construções se compunham com o templo religioso preexistente. A igreja elevada, então, à condição de matriz, passa a ser o *marco zero* das aglomerações urbanas definindo o centro das cidades.

O poder oficial da Câmara era exercido pelos *homens bons*, normalmente proprietários de terras, já economicamente estabelecidos. Esses homens possuíam uma segunda residência na cidade, próxima à igreja, onde permaneciam suas famílias, os escravos e os agregados.

O desenvolvimento crescente das vilas e dos municípios propiciou o aumento da sua autonomia político-administrativa, e mesmo sem uma legislação abrangente desencadeou atribuições aos habitantes do local, compostas de direitos e deveres, relativas à utilização e ocupação do espaço público. Surgia novo instrumento de fiscalização e controle: o patrimônio leigo, que mesmo dispensando a presença de uma capela, exigia a existência de um casario. Competia à Câmara zelar para que normas estabelecidas fossem cumpridas e respeitadas. A relação patrimônio religioso versus patrimônio leigo apresentava desde então indícios de separação de poderes. A gestão do logradouro público e de como fracionar o espaço, foram decisivas para a conformação urbana e para o aparecimento de seus novos traçados. Atividades de direito coletivo são estabelecidas: a utilização por todos os moradores do pasto para animais, a coleta de madeiras ou lenha para algum plantio, a reserva territorial para a expansão da vila, que já previa novas cessões de terra, e a abertura de caminhos, estradas, ruas e praças.

Parcelas do solo pertencentes ao município eram doadas: as chamadas *glebas*, com prazo determinado para a sua ocupação e beneficiamento do solo. O sistema de glebas era diferente do de sesmarias, pois seria para eventual rendimento da municipalidade e de gozo comum.

A ordem arquitetônica nas cidades do Brasil Colônia e Império estava relacionada à sua ordenação social. O aproveitamento e a divisão das terras que compunham o patrimônio religioso desenharam de maneira paulatina as características desses arraiais. Os lugares de destaque ainda eram representados pelos poderes (sagrado e público) no espaço urbano. “Prolongando as ruas

principais, projetando-se pelos mais importantes acessos, pelos caminhos e estradas da vizinhança, iam avançando lentamente as moradas” (MARX, 1991, p.92).

O crescimento urbano e sua importância econômica trouxeram a necessidade de que novos instrumentos de controle surgissem por parte do Império Português. Indefinições no traçado do logradouro público incomodavam diferentes interesses particulares. Essa reação acentuou-se e transformou-se em conflito a partir da aprovação da lei de terras, em 1850, que impunha limites para a demarcação de territórios e legitimação de propriedades, o que alterou a paisagem cidadina e produziu o parcelamento do solo.

Inicia-se nesse período o processo de mercantilização do solo. A aquisição de terras se fazia a partir de então, pela sua compra e/ou venda: a terra adquire valor de troca de mercadoria sob as orientações e regulamentação do Estado. O campo, assim como a região urbana, foram parcelados em lotes interligados, auxiliados pelo avanço das comunicações viárias entre as cidades, principalmente com o advento das ferrovias ao final do século XIX. Novas orientações sociais, econômicas e legais são instituídas, alterando a relação entre os homens e o espaço urbano e rural.

Com a proclamação da República, e durante o período compreendido entre 1889 e 1930, as relações entre o Estado e a Igreja são rompidas no que dizia respeito à orientação religiosa nas demarcações de territórios. O novo regime vigente passa a se interessar por temas como, novas técnicas de transporte, tráfego de veículos, crescimento da população nos centros urbanos, saneamento, higiene e saúde públicas.

O poder da municipalidade foi aumentado, pois existia a preocupação com a administração do próprio chão. Tal situação contribuiu para o aprimoramento do controle administrativo: o patrimônio territorial passa a ser leigo e seus proprietários pagam impostos ao

município, ou seja, ao poder público. A significação das igrejas, matriz ou capelas adquire caráter apenas religioso.

Consolidaram os novos conceitos de domínio e transmissão dos bens de raiz surgidos no Império. Estado sem religião oficial. Separado da Igreja; terras negociadas, que se compram e vendem; poder público mais atento às questões mundanas de seus cidadãos, de suas propriedades ou de sua falta; governo que se tornou também proprietário e fiador, embaraçado pelas leis de mercado (MARX, 1991, p.123).

Surgem novas classes sociais no núcleo urbano: proprietários de terras rurais e/ou urbanas *versus* trabalhadores sem posses advindos do campo. As atividades industriais e de comércio vão se especializando, criando uma também nova classe de trabalhadores: a operária.

O poder do Estado consolida-se e reflete-se nas desapropriações de terras urbanas para o alargamento das ruas, delineamento de praças e vias públicas Intensificam-se as construções de símbolos oficiais, como teatros, bibliotecas e nobres edificações para a representação do poder público.

A relação de posse territorial é modificada com o aparecimento das primeiras construções verticalizadas, os “arranha-céus”, utilizados para fins comerciais e de residência, em que se verifica a co-propriedade do mesmo espaço.

Ainda na segunda metade do século XIX surgiram as primeiras discussões sobre um Código Civil para o Brasil, foi sancionado em 1º de janeiro de 1916, entrando em vigor em 1917, dispondo sobre normas referentes à pessoa, natureza e classificação dos bens, direito das obrigações, relações contratuais de natureza civil, direito sucessório, e também sobre os direitos de posse e propriedade. Definiu também o zoneamento urbano. Novas capitais de estados brasileiros são planejadas e criadas, com a preocupação de se estabelecer normas para o planejamento do traçado urbano, cidades tais como Belo Horizonte e Goiânia.

A abolição da escravidão, a República e o início da industrialização proporcionada pela crescente exportação de café (principalmente nas regiões Sul e Sudeste do Brasil) induziram ao rápido crescimento das cidades e ao aumento do contingente populacional, gerando grandes aglomerações urbanas.

Mesmo antes do advento do Código Civil, a primeira Constituição do Brasil, de 1824, bem como a Constituição de 1891 (a primeira da República), garantiam o direito de propriedade em toda a sua plenitude, num claro reflexo do pensamento liberal predominante naquele período.

O período entre 1930 e 1950 foi caracterizado pela visão da cidade como elemento único, mesmo que diversificada em atividades e relações. Os bairros são estratificados de acordo com funções e habitados por classes sociais distintas. A região central das cidades e a periferia são delineadas. O urbanismo como objeto de discussão e distribuição de atividades define e direciona formas de viver urbanas, fundamentado como ciência da arquitetura. Delineiam-se as vias de acesso centrais e periféricas. É o período das construções de parques e jardins. Inaugura-se a era do Modernismo. O público e o privado dentro da cidade são claramente demarcados.

O terceiro período, de 1950 a 1965, recebe nova geração de arquitetos, sociólogos e geógrafos, que passam a discutir mais eficazmente o viver em centros urbanos. Esse período caracteriza-se também pelo crescente êxodo rural, aumentando ainda mais os contingentes populacionais e exigindo um planejamento urbano mais abrangente. As cidades são cada vez mais interligadas e a comunicação tornou-se veloz o que se definiu como globalização. O mundo, com as aceleradas ligações eletrônicas, transforma-se em uma só realidade. A expansão desordenada e veloz que os centros urbanos sofrem acirra as diferenças sociais entre os habitantes do mesmo chão. O fenômeno da globalização trouxe importantes transformações em escala mundial para as estruturas, elaborando significados complexos para a atual composição urbana, provocando cada vez mais a diferenciação e exclusão no que se refere às riquezas e ao poder.

No caso do Brasil, o processo de globalização tem sido elemento fundamental para a agravante da desigualdade social, acentuando a exclusão social. A recente urbanização brasileira tem evidenciado dimensões globais que generalizam padrões de estética e consumo e locais que reproduzem modelos excludentes. A expansão das cidades brasileiras evidencia também lacuna na vivência e experimentação urbana dos indivíduos considerados excluídos. Muito mais do que ter condições de moradia, o desenvolvimento das cidades brasileiras solicita amplo leque de discussões a respeito do viver e conviver no espaço urbano contemporâneo.

Leme (1999) compara as modernas ações nas cidades com verbos ativos, símbolos da desordenada e frenética modificação urbana que as últimas décadas do século XX, continuadas no século XXI:

Derrubar patrimônios arquitetônicos que guardam a memória do espaço em detrimento da especulação e do mercado imobiliário.

Arrasar e rasgar espaços, transformando-os em assépticos e universalizados, sem trazer identidade própria ao local.

Modernizar, imaginar, antever e idealizar, na tentativa de amenizar os problemas gerados pelo crescimento urbano.

A ordem é construir, acelerando a difusão de costumes e ideologias, tendo a arquitetura urbana como triunfo do mundo moderno.

Reformar e desfavelizar como ideais para a construção mais humana e igualitária. Transformar núcleos de habitações em conjuntos habitacionais. Pensar grande sempre associado a grandes projetos de blocos habitacionais iguais entre si. Desenhar novas propostas de ocupação das cidades como recurso de proteção e de preservação humanas num espaço neurotizante. [...]

A cidade sofreu numerosas modificações durante os últimos cinco mil anos: e não há dúvida de que outras modificações estão à espera. Mas as inovações que urgentemente se anunciam não são na extensão e perfeição do equipamento físico: menos ainda, na multiplicação de instrumentos eletrônicos automáticos para dispersar, em disforme poeira suburbana, os órgãos remanescentes da cultura. Muito ao contrário, os melhoramentos

significativos só virão pela aplicação da arte e do pensamento aos interesses humanos centrais da cidade, com uma nova dedicação aos processos cósmicos e ecológicos que abrangem toda a existência. Devemos restituir à cidade as funções maternas, nutridoras da vida, as atividades autônomas, as associações simbióticas que por muito tempo têm estado omitidas ou esquecidas. Com efeito, deve a cidade ser um órgão de amor, e a melhor economia das cidades é o cuidado e cultura dos homens (MUNFORD, 2004, pgs 620-621).

1.2 - As Praças Brasileiras

Diversas são as significações do termo *praça*, porém todos os conceitos as definem como espaço de convivência e lazer dos habitantes urbanos. “São espaços abrangentes, públicos, destinados ao convívio da população, livres de veículos, retratando a urbanidade, qualquer que seja o tempo ou a cidade” (MACEDO, 1987, p.15).

O caráter social de ocupação desses espaços sempre foi a sua maior qualidade: são o principal local de encontros sociais, tecendo relações urbanas densas e diversas. “Nesse espaço comum, cotidianamente trilhado, vão sendo construídas coletivamente as fronteiras simbólicas que separam, aproximam, nivelam, hierarquizam ou, em uma palavra, ordenam as categorias e os grupos sociais em mútuas relações” (ARANTES, 1995, p.12).

A praça e a rua são dos mais importantes espaços públicos urbanos da história das cidades, tendo desempenhado papel importante no desenvolvimento das relações sociais. A formação e a estruturação ao longo da história da humanidade demonstram a sua importância para a estruturação das relações sociais não oficiais e manifestações populares.

Marx ressalta:

As praças, como tal, para reunião de gente e para exercício de um sem-número de atividades diferentes, surgiram entre nós, de maneira marcante e típica,

diante de capelas ou igrejas, de conventos ou irmandades religiosas. Destacavam-se, aqui e ali, na paisagem urbana, esses estabelecimentos de prestígio social. Realçava-lhes o edifício; acolhia os seus freqüentadores (1991, p.50).

Robba e Macedo (2003) relatam semelhanças nas formações dos espaços livres nas estruturas medievais européias e nas brasileiras. Relatam que as funções desses espaços medievais livres subdividiam-se em cinco grupos:

- As praças de mercado, onde aconteciam as atividades comerciais.
- Praças no portal das cidades, áreas de passagem e distribuição de tráfego.
- Praças como centro da cidade, implantadas no centro do povoado.
- Adros de igrejas, onde os fiéis se reuniam para atividades religiosas.
- Praças agrupadas, conexão entre praças de mercados e adros de igrejas.

Todas esas funções sociais aconteciam no mesmo local, englobando atividades diversas: sacras e profanas, civis e militares, espaço polivalente de integração social entre os diversos extratos da sociedade.

Exemplos brasileiros remanescentes desse modelo de praça ainda são encontrados, o Pátio do Colégio, em São Paulo, e o Pelourinho, em Salvador.

Os espaços ajardinados em nosso país e sua relação com o atual modelo de praças percorrem trajetória histórica ao longo da formação das cidades brasileiras. Desde a história antiga, o jardim era considerado um local destinado à meditação e à contemplação da natureza, porém confinados em espaços privados de castelos e clãs medievais. “Os jardins, desde a

antiguidade, representavam idéia paradisíaca de tranqüilidade celestial”, como assinalam Robba e Macedo (2003, p.23).

Jardins raramente eram encontrados, nas cidades coloniais brasileiras, cumprindo apenas um caráter privado em algumas igrejas e residências importantes, tendo funções utilitárias como hortas, plantio de ervas medicinais ou árvores frutíferas.

Os autores acima citados enfatizam que os primeiros jardins públicos surgem no século XVIII, na Europa e nas cidades do Novo Mundo, principalmente na América Católica. Motivados pelas novas idéias que valorizavam o usufruto dos espaços ao ar livre, passaram a ser utilizados principalmente pela burguesia, que freqüentava o local para ser vista.

No Brasil, segundo Robba e Macedo, 2003, o primeiro jardim público surge no final do século XVIII o Passeio Público do Rio de Janeiro. Destinado ao povo e objetivando sua utilização para a contemplação da natureza, foi transformado em lugar ermo, pois a inexistência de classe burguesa urbana estabelecida no país da época e a multiplicidade de uso que as praças permitiam, transformaram-no em espaço sem utilidade.

Apesar da existência de alguns jardins botânicos que cumpriam especialmente as funções de estudo da flora nativa, somente em meados do século XIX o Passeio Público do Rio de Janeiro foi restaurado e reaberto à população. “Nesse momento já começava a existir uma elite urbana que viria a freqüentar os jardins públicos, consolidando no Brasil o hábito europeu do “passeio” e do “corso”, o que motivou a construção, reforma e manutenção de jardins e passeios urbanos” (ROBBA e MACEDO, 2003, p.24).

O século XIX trouxe a consolidação no Brasil, do ato de projetar o espaço livre. Mesmo com influências européias, incorporou características tropicais do país, em especial a vegetação distinta dos trópicos. Durante esse período ocorreu o ajardinamento de antigos e novos espaços públicos, sempre situados em áreas centrais e livres de comércio. A “*praça jardim*” dessa maneira vai gradativamente se transformando num importante espaço social urbano, passando a ser representada por meio de elementos significativos, como canteiros ajardinados, fontes, quiosques e coretos.

Segundo ainda Robba e Macedo (2003), a partir do século XIX observa-se proliferação de jardins públicos e particulares: a população passa a valorizar a utilização da vegetação como forma de embelezamento das ruas, praças e residências. Cria-se o hábito da jardinagem. A arborização de vias públicas e ruas constituíram elemento importante nos espaços livres urbanos do país: a concepção complexa das praças do Brasil colonial dá lugar à concentração organizada dos jardins.

Entre o final do século XIX e início do XX verifica-se a necessidade de o país conectar-se às idéias de modernização, salubridade e embelezamento das cidades: o objetivo maior era a modernização dos espaços urbanos nacionais, transformando as cidades coloniais em cidades republicanas, sempre à semelhança dos centros europeus. O modelo de urbanização colonial dá lugar a um novo conceito de cidade: bela, higiênica e pitoresca. Cria-se o hábito do passeio e do desfilar para ver e ser visto.

A praça colonial, usada como mercado, área de manifestações de cunho militar e político, e área de recreação, perde algumas funções, recebendo outras no lugar. São minimizados os usos comercial e militar, passando a ser uma área destinada à contemplação da natureza e ao descanso, uso anteriormente reservado ao jardim (ROBBA E MACEDO. 2003, p. 28).

O século XX traz, principalmente após a Segunda Grande Guerra Mundial, quando a demanda por projetos para o espaço livre se mostra mais evidente, uma consolidação do

paisagismo urbano: a estética e a ocupação do espaço público ganharam novos arranjos. As principais praças do país passam a ser objetos de projetos paisagísticos. A praça ajardinada torna-se modelo de modernidade urbana nas primeiras décadas do século.

Vale ressaltar que o desenvolvimento das regiões urbanas e o adensamento das cidades no início do século XX levaram à diminuição dos espaços livres e conseqüentemente à valorização dos que permaneceram. Nesse momento, as praças passam a ter papel fundamental como espaço de lazer da população urbana: já não são muitos os espaços públicos livres nas cidades.

Esse processo de remodelação urbano, aliado às idéias sanitaristas vigentes, foi usado para justificar a expulsão de camadas sociais mais pobres, que porventura ocupassem áreas centrais: a diversidade de convívio social nas praças centrais foi consideravelmente diminuída.

Novais & Sevcenko (1998) relatam que a população feia, pobre e suja que habitava o centro colonial foi banida para áreas mais afastadas da cidade. O convívio nas praças centrais passou a ser, em sua maioria, entre as classes sociais mais abastadas.

Questões sociais e políticas também se refletiram no novo modelo de espaço urbano: apenas as principais praças das cidades foram remodeladas, ficando os bairros mais pobres e distantes sem qualquer tratamento urbanístico.

Importante acrescentar que, no Brasil, a rápida passagem do rural para o urbano, mais notadamente após a década de 1940, foi espantosa: Valle (1998) relata que em 1940 a população rural no país era de 69%, e nessa época as cidades ainda apresentavam convivência mais amena. Todos se conheciam e as crises das metrópoles ainda não existiam. Segundo o mesmo autor, em

2000 o percentual da população rural cai para 24.55% ou seja: dois terços dos habitantes passam a morar nos centros urbanos.

Esse contexto “urbano-rural” contemporâneo condicionou novas relações sociais nas cidades. A urbanização dos espaços, observada nos países em desenvolvimento decorrente da rápida industrialização, trouxe como consequência a construção de loteamentos em regiões periféricas ao centro da cidade, característica marcante do processo de urbanização do século XX. Bairros operários foram gerados, condicionando diferenças sociais, promovendo situações excludentes e dando origem a bolsões de pobreza, principalmente nas grandes cidades. A utilização dos espaços livres também se diferencia de acordo com a posição socioeconômica dos moradores desses locais diversificados.

Assim, o desenvolvimento das regiões urbanas e o adensamento das cidades no início do século XX levaram à diminuição dos espaços livres e consequentemente à valorização dos que permaneceram. Nesse momento, as praças passam a ter papel fundamental como espaço de lazer da população urbana: já não são muitos os espaços públicos livres nas cidades.

O lazer contemplativo passivo deixa de ser priorizado, dando lugar ao lazer ativo, principalmente para as atividades esportivas e de recreação infantil. As praças centrais das cidades assumem destaque não só para atividades recreativas como para ser em o pólo de circulação dos seus habitantes, alternativa para encontros sociais e políticos. Essa estrutura de praça no Brasil permanece inalterada até a metade do século XX.

Solidifica-se nova forma de estruturação do espaço livre. As cidades coloniais tinham como centro de suas atividades a praça central e seu entorno. A praça contemporânea adquiriu outros significados: tornam-se essenciais para o lazer, pois são cada vez mais raros os locais para

o convívio e as interações sociais. O lazer ativo fica mais consolidado no urbanismo moderno. Surgem no cenário urbano moderno os primeiros parques com enfoques múltiplos para o lazer: quadras esportivas, áreas para caminhadas, mobiliário infantil, e o nascimento do lazer cultural, com a implantação de museus e pavilhões de exposições nesses locais.

Após os anos 70 as “cidades metrópoles” começam a se consolidar com grandes contingentes populacionais, e a verticalização dos espaços se acentua. Mais uma vez as áreas livres se impõem como fundamentais para a sobrevivência urbana: as praças são elementos necessários para a vida nas cidades e, ao final do século XX, novas linguagens urbanas passam a ser consideradas. A crise ecológica que o mundo moderno atravessa cria cada vez mais a necessidade de valorização, existência e conservação de praças. As praças contemporâneas desempenham, portanto, vários papéis: alternativa naturalista, espaço para o lazer contemplativo, ativo e de convívio social. Outro importante aspecto a ser considerado é o papel estético e simbólico que tais espaços representam. “A nova conjuntura urbana forçou a revisão de alguns conceitos relativos ao programa de atividades dos espaços livres urbanos, passando a ser aceita maior liberdade na sua concepção, que varia conforme a sua localização” (ROBBA e MACEDO, 2003, p.41).

Cenário
II

UMA CIDADE

Um Lugar Chamado Poços de Caldas

Para a compreensão do panorama urbano, social, político e econômico atual da cidade de Poços de Caldas faz-se importante uma retrospectiva da história dessa cidade e de como seus espaços urbanos foram organizados: recursos naturais, suas construções e jardins foram assumindo lugares de valor simbólico para aqueles que nela vivem e a freqüentam e em função de quais interesses esses se configuraram.

Utilizamos diversos referenciais bibliográficos, como as obras de Sanches (1903), Mourão (1952), Ottoni (1960), Seguso (1988), Mourão (1998), Pozzer (2001), Megale (2002) e Marras (2004), que serviram de base teórica para este breve relato sobre a história da cidade. Contamos também com relatos orais de personagens que desempenharam e desempenham papéis reais na história da cidade. Essas *histórias* auxiliaram a recuperar e elucidar fatos e passagens perdidas ou esquecidas ao longo dos anos. O ato de relembrar passa a constituir-se elemento fundamental para a identidade coletiva, pois o lembrar-se do individual relaciona-se à inserção social de cada depoente, principalmente se orientado por uma perspectiva histórica.

A pesquisa histórica, quando exercida com interesse e paixão, tema, também pode arrebatá-lo a momentos de poesia.

Iniciamos este capítulo relatando a “Lenda das Três Porteiras”, encontrada em Mourão (1952:481-484), e ainda lembrada pelos habitantes mais velhos da cidade de Poços de Caldas:

Existiam no ano de 1882 três porteiras delimitando espaços na cidade: a da esperança, a da fortuna e a da saudade.

A porteira da esperança situava-se próxima à nascente das águas termais onde atualmente encontramos as Thermas Antonio Carlos. Era guardada pelo negro “Benedito”, que tinha como ofício sua abertura e seu fechamento evitando assim que o gado e outros animais viessem beber da “água quente” e dessa forma sujassem suas nascentes. Certo dia, cansado deste trabalho e da raridade em que o gado incidia ao local, o negro abriu de vez a cancela e essa nunca mais se fechou: a entrada da esperança ficou assim escancarada para todos aqueles que chegavam de todos os cantos do país procurando a cura para seus males.

A porteira da fortuna, guardada pelo italiano Vicente Petreca, abria-se para o interior do estado de Minas Gerais na altura da atual Rua Santa Catarina. Por ela passavam os tropeiros trazendo alimentos e produtos de que necessitavam os habitantes do local. Também atravessavam por ela enfermos vindo em liteiras e macas improvisadas em busca da recuperação da saúde perdida. Era chamada de porteira da fortuna, pois todos aqueles que por ela passavam ganhavam sempre o bem-estar perdido ou os lucros decorrentes de transações comerciais.

A terceira porteira era vigiada pelo João Sabino, o primeiro agente dos correios de Poços de Caldas. Situava-se próxima à fonte dos Macacos. Era um velho que só trajava vestimentas brancas, e que apesar de bondoso e querido pelos moradores era bastante temido:

ninguém o procurava para que abrisse a porteira da qual era guardião. João Sabino guardava a porteira da saudade, que delimitava o território do cemitério local: quem ali solicitasse a chave de entrada não mais saía.

Assim, a lenda das Três Porteiras persistiu através dos anos e fez com que estas alargassem e demarcassem a história da cidade de Poços de Caldas.

Abrimos agora outra porteira: a da memória, dando entrada no cenário da história da cidade.

2.1 - A descoberta das Águas Milagrosas

Poços de Caldas nascera, como descreve Seguso (1988, p.02), quase por “imposição” do poder de suas águas, que brotando da superfície numa temperatura elevada, chamavam a atenção de um número cada vez maior de doentes à procura de cura.

Sua característica montanhosa é consequência de estar localizada em uma região vulcânica. Prova disto são jazidas de minerais radioativos, como o zircônio e a bauxita, e quentes águas, cujo componente principal é o enxofre, o lhe confere características próprias, como o forte cheiro de “ovo podre”.

Segundo Megale (2002, p.12), “a palavra caldas” vem do latim “calidus”, que na língua portuguesa é usada para designar águas minerais de temperatura elevada.”

Mourão, reproduzindo discurso proferido pelo autor em setembro de 1952, na VIII Reunião do Dermato-Sifilógrafos, relata:

A lenda do vale milagroso correu célere... Entre ipês floridos e aprumados pinheiros, no fundo da pirambeira, à margem de pedregoso ribeirão, havia uma água que nascia quente, que endireitava estropiado, limpava os tinosos, fechava chagas e curava mazelas e dava saúde, e dando saúde dava o direito de viver, de lutar, de ser feliz. Era só mergulhar o corpo nos poços nevoentos e cálidos, para sentir a água untuosa, balsâmica, milagrosa” (1998, p.5).

O surgimento da cidade, assim como sua primeira formação urbana, muito se diferenciam das cidades nascentes do mesmo período: não se deram ao longo dos caminhos abertos pelas bandeiras que desbravavam o imenso continente a ser explorado. Também não se configurava como ponto estratégico de comércio ou passagem: a região da atual cidade de Poços de Caldas foi extraída da área de uma fazenda concedida pelo sistema de sesmarias em virtude da importância de suas águas.

Desde o final do século XVIII, as fontes de águas quentes da região já eram conhecidas. Nesse período, a região da bacia do Rio Pardo foi explorada por bandeirantes à procura de ouro e pedras preciosas. A bandeira chefiada por Manoel Velho¹ não descobriu mineral de valor significativo para a época, mas deparou-se com um vale montanhoso cortado por riachos que tinham à sua margem uma lama escura de onde borbulhavam jatos quentes que emanavam um forte odor de enxofre e fumaça. Animais de grande porte, como veados, antas e onças procuravam essas águas para matar a sede com grande avidez.

¹ Segundo Ottoni (1960: 32), foi a bandeira de Manoel Velho que, por volta de 1765 descobriu ouro na região do Rio Pardo próxima à atual cidade de Caconde-SP. Em função da descoberta, a capitania de São Paulo mandou abrir um caminho direto de Moji-Guaçu-SP para o local. Essa área abrangia o vale onde situa-se a atual cidade de Poços de Caldas.

As características sulfurosas e a temperatura dessas águas foram associadas a poderes demoníacos. Megale (2002) menciona lenda citada em antigas crenças medievais, cuja denominação “Perro el Botero” é associada ao demônio condutor das almas para o fogo eterno. A autora assinala que a denominação da fonte de águas de maior temperatura em Poços de Caldas foi denominada “Pedro Botelho”, alusão ao Príncipe das Trevas no imaginário popular. Também nas crenças coloniais, segundo a autora, o inferno era associado a enormes fogueiras nas quais as almas condenadas queimavam em chamas que emanavam enxofre.

A revista Magazine das Nações, edição de 1952, traz referência às fontes termais por um documento de cunho oficioso, no ano de 1786, data que Luiz da Cunha Menezes governava a Capitania de Minas Gerais:

A doze léguas da cidade de Campanha foram descobertas águas quentes, capazes de curar muitas moléstias inclusive a lepra. O ativo cheiro que delas desprende é tido pelo povo como comprovante da presença do diabo, que costuma perambular por aquelas paragens. (p.3)

O médico Pedro Sanches de Lemos², em seu livro “Águas Thermaes de Poços de Caldas”, publicado em 1904, aponta ser do Comandante do Registro de Sant’Ana do Sapucaí, João de Almeida Fonseca, o mais antigo relato sobre a presença das águas quentes na região, em documento enviado ao governador de Minas Gerais, na data de 15 de junho de 1786:

Apareceu um olho d’água, Caldas legítimas, é tão quente que não se pode aturar dentro dela, causa suores gravíssimos, tudo o que são feridas gálicas e gálicos

² Responsável pelas primeiras pesquisas sobre o poder curativo das águas sulfurosas, o doutor Pedro Sanches de Lemos é considerado um dos precursores na defesa do poder curativo das águas minero-medicinais no país. Figura de grande importância nos primórdios da formação da cidade publicou a primeira monografia científica sobre as “Águas Termais de Poços de Caldas” na Revista Arquivo Público Mineiro em 1896. Estudou sobre as propriedades das águas e desenvolveu intensa propaganda das suas qualidades terapêuticas. À procura de conhecimentos, viajou para a Europa e escreveu, logo após o seu regresso, o livro “Notas de Viagens” (1903), estudo descritivo e comparativo de todas as estações de águas da Europa com Poços de Caldas. Publicou ainda em 1909 o livro “Os fundamentos de minhas crenças médicas” no qual defende o uso terapêutico dessas águas. Exerceu grande influência como médico e como político nos primórdios da formação da cidade. A praça central onde ocorrem os bailes, objeto desta pesquisa, leva o seu nome.

tudo sara com brevidade; sarou um quase leproso com empolas grandes em todo o corpo (p.15).

A região passou a ser denominada “Campo das Caldas”, por se situar entre as capitanias de São Paulo e Minas Gerais. E por ser de interesse de ambas, a região foi por muito tempo disputada entre as capitanias de São Paulo e Minas Gerais³.

De acordo com Seguso (1988), o primeiro habitante da região foi o paulista Inácio Preto de Moraes, que tinha obtido uma sesmaria em 1782. Sua permanência na região foi curta por causa das divergências entre os Estados de São Paulo e Minas Gerais.

Mourão (1998) descreve o início da povoação da região, que se dá em 1818, quando foram concedidas várias sesmarias na Freguesia de Nossa Senhora do Patrocínio de Caldas. Essa extensão de terras abrangia também o território do atual município de Poços de Caldas, e foi conferido a membros da família Junqueira. Esses se instalaram na região, fundando algumas fazendas. Coube ao coronel Joaquim Bernardes da Costa Junqueira a sesmaria onde estavam localizadas as águas quentes e misteriosas, em 1820.

Paralelamente à atividade agrária, o valor terapêutico das águas⁴ atraía enfermos de várias regiões do país principalmente Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

³ A discussão a respeito das fronteiras entre os dois Estados tinha como preocupação liberar o litoral para o Estado de São Paulo, assim como fechar e patrulhar os caminhos mineiros a fim de se evitar o desvio do ouro, já que o caminho envolvendo a região fazia parte da rota do ouro no Brasil colonial.

O litígio entre os dois Estados foi discutido através dos anos, só terminando em 1937, com a lei federal n. 375 de 7 de janeiro, sancionada pelo presidente da República Getúlio Vargas de Souza, que demarca os limites da cidade de Poços de Caldas que foi reconhecida como pertencente ao Estado de Minas Gerais. (Ottoni, 1960:19-21).

⁴ A prática hidrotermal, ou seja, a utilização do valor terapêutico de águas quentes, foi trazida ao Brasil pelos nobres da Corte de Portugal. Coube às bandeiras a localização das fontes e mananciais. Ao redor de muitas fontes medicinais surgiram núcleos populacionais. No início do século XIX os portugueses tinham já documentado grande quantidade de mananciais cujas águas seguiam de navio até Lisboa para que se procedesse à análise das mesmas.

Outro importante acontecimento registrando a presença de águas quentes na região é citado por Ottoni (1960), o autor relata a passagem do naturalista francês Auguste Saint-Hilaire.⁵ Em 1819, percorrendo o país e documentando usos e costumes do Brasil, o naturalista, em viagem de retorno da província de Goiás rumo à de São Paulo, parou próximo à região do Rio Pardo, para que seu arrieiro pudesse caçar papagaios, que se diziam abundantes nas “águas quentes”. Em seu livro “Viagem à Província de São Paulo”, o naturalista escreve sobre o relato feito por seu arrieiro a respeito dessa região:

As águas minerais, a que fiz referência, nascem no seio de um bosque cerrado, a cerca de uma légua do rio. Nesse bosque encontram-se grandes clareiras, próximas uma das outras, nas quais nenhuma árvore cresce, e que só apresentam, com alguns tufos de ervas, uma lama espessa, amassada pelas patas do gado. No meio dessa lama notam-se pequenas poças esverdeadas e lodosas que não têm escoamento –as águas minerais dessas poças são denominadas águas minerais do rio Pardo; não são amargas como as de Araxá, mas têm acentuado gosto de ovos podres. O que já disse acima, com relação ao gosto dessas águas, basta para mostrar que as mesmas são essencialmente sulfurosas, e que, por conseqüência, poderiam ser empregadas, com proveito, no tratamento de moléstias cutâneas, desgraçadamente tão comuns no Brasil (apud OTTONI,1960, p.80).

⁵ Auguste Saint-Hilaire, naturalista francês, esteve no Brasil entre os anos de 1816 a 1822 a convite do Conde de Luxemburgo, percorrendo os estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Seu trabalho foi de grande importância para os estudos de botânica, zoologia e geografia no Brasil Império. No prefácio escrito por Mário Guimarães Ferrari (:6), de seu Livro “Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e São Paulo-August Saint-Hilaire-1822”, edição de 1974, este autor ressalta a esperança manifestada pelo naturalista, em suas obras, de que a detalhada narrativa das suas peripécias científicas pelo Brasil, após ter percorrido vastas extensões (talvez mais de 16.500 quilômetros), escassamente conhecidas, mesmo para os nativos do país, servisse aos brasileiros em geral como espécie de testemunho abalizado da situação geral em que o país-continente se encontrava naquela ocasião.

2.2 - O Nascimento da Cidade

O Campo das Caldas, nesse período, misterioso por suas características, passou a ser reconhecido como “Vale Milagroso”, conforme descreve Mourão (1988). O autor cita ofício que o capitão-general da capitania de Minas Gerais dirigiu, em julho de 1818, ao Ministro Secretário do Reino, primeiro documento oficial dos benefícios que as águas quentes do “Campo das Caldas” propiciava:

Não tendo podido obter completo restabelecimento de minha saúde, mas antes havendo sofrido um grande aumento em meus incômodos, já desenganado de que nenhum outro recurso posso ter do que os banhos de águas de Caldas, único recurso que resta ao meu estado valetudinário. (1998, p.7).

Também na obra de Mourão (1988) encontramos o relato do primeiro mapa aproximado das Caldas, confeccionado por Souza Loureiro, datado de 1826, no qual, segundo o autor, esse já localizava na região alguns casebres, ranchos à beira das nascentes para doentes, rua projetada para construção de casas e cemitério.

Nesse mesmo ano, dois poços ao lado do Ribeirão das Caldas foram abertos para melhor utilização das águas. Daí a derivação do nome “os poços de Caldas”, fato relatado por Megale (2002, p.22).

Nessa época a fama de tais águas espalhava-se por diversas províncias brasileiras, e as estações de cura se davam nos meses de seca, de agosto a novembro, época em que o acesso à região era menos penoso.

Segundo ainda Megale (2002), em 1872 o governo da Província de Minas Gerais, na pessoa de Joaquim Floriano de Godoy, demonstra interesse na desapropriação da região próxima aos poços medicinais para a construção de uma estância balneária. Em acordo com os sesmeiros

proprietários do local, major Joaquim Bernardes da Costa Junqueira e filhos, foram doados alguns alqueires de terra para a instalação de um núcleo de povoação. O povoado recebeu o nome de “Nossa Senhora da Saúde das Águas de Poços de Caldas”.

Outra visão do mesmo fato a respeito da origem da cidade de Poços de Caldas é relatada por Seguso (1998). O fluxo cada vez maior de pessoas que procuravam as nascentes da água medicinal milagrosa causou uma situação delicada, pois tais nascentes situavam-se em área particular, e a presença de estranhos incomodava. “Era necessário, portanto, resolver esse problema que tinha surgido em épocas anteriores, quando a área não tinha proprietários e era aberta a todos” (p. 08).

O período também foi marcado pelo grande número de imigrantes italianos que chegaram em decorrência da forte cultura do café e seu poderio econômico. Esses imigrantes instalaram-se no vilarejo, ocupando funções não só agrárias, mas também de artesãos, oficiais sapateiros, padeiros, marceneiros e pedreiros. Foram pessoas importantes para a estruturação e o crescimento urbano da atual cidade. Poços de Caldas foi uma das cidades mineiras que mais receberam esses imigrantes. A formação urbana da cidade e a fisionomia do local foram marcadas por esse fato, conforme relata Dias (1972).

Seguso (1988) situa a posição do Brasil na época da formação da cidade: D. Pedro II reinava no país, muito influenciado pelos ideais da Revolução Francesa; o comércio de escravos já havia sido proibido em 1850, fato responsável pelo início da escassez de mão-de-obra para a cultura da cana-de-açúcar e da crescente cultura cafeeira no sudeste e sul do país. Os primeiros sinais de progresso surgiam como a implantação das primeiras estradas de ferro e por causa do pequeno número de habitantes do país, o incentivo à imigração foi uma solução encontrada para a

introdução das novas formas de desenvolvimento emergentes no continente europeu. Segundo o autor, sem a presença dos imigrantes italianos o cultivo das plantações de café teria sido inviável na região sul/mineira.

Para Marras, os italianos dividiam-se em dois grupos: os que haviam passado por experiência urbana em outros países, como a Argentina, e os provenientes diretamente da Itália, de origem agrária. “Quase metade dos residentes em Poços de Caldas nos primeiros anos do século XX era feita de italianos” (2004, p.79). A presença de imigrantes nos primeiros anos da formação da cidade trouxe novos modos de pensar o destino do lugar.

Junto à crescente informação de novos costumes e novas relações infiltradas pelos forasteiros de águas na virada do século, vinham agora os italianos com os requintes culinários, a música, a fotografia e as artes européias, os engenhos de máquinas e as novas técnicas de marcenaria e estilos de arquitetura. Foi obra dos italianos a construção de muitas casas de veraneio para os barões, condes e coronéis, que queriam passar estações mais freqüentes na vila que ia se afamando (MARRAS, 2004, p.79).

Observa-se, desde então, preocupação com o arranjo urbano que o povoado deveria assumir para abrigar os doentes, cada vez em maior número, que procuravam as águas quentes como recurso de cura para seus males.

De acordo com Ottoni (1960), o senador Joaquim Floriano de Godoy era presidente da Província de Minas Gerais em 1872. Médico por formação, comissionou o colega doutor Luiz Pereira Barreto para prestar-lhe informações exatas sobre os estabelecimentos balneários nos poços de Caldas. O relatório enviado informava:

Os estabelecimentos balneários não existiam nem jamais existiram. A presidência tratasse de desapropriar os terrenos necessários para a fundação do estabelecimento balneário, e que si ela não se julgava com forças para fazer tal obra à custa do cofre provincial, quanto antes concedesse o privilégio das águas termais, requerido por vários peticionários (1960, p.107).

Também foi Joaquim Floriano de Godoy que, por lei sancionada em 1872, determinou a análise das águas minerais reconhecidas em território mineiro. A análise foi realizada em 1874.

Determinou também ao engenheiro Honório Henrique Soares de Couto a medição e demarcação dos terrenos doados, e que se efetuasse planos para a construção de um estabelecimento de banhos, e que não se procedesse à derrubada indiscriminada das matas pertencentes ao terreno. Embora tais determinações não se concretizassem de imediato, já demonstravam a preocupação com o planejamento urbano de um vilarejo que se iniciava.

Cabe uma ressalva: nos finais do século XIX a medicina adquiria novos contornos, passando apenas da observação clínica para a análise fisiológica e química. O poder terapêutico das águas já era reconhecido na Europa e nos Estados Unidos, sendo a disciplina de crenologia⁶ médica, ciência que estuda as águas minerais, disciplina formal nas faculdades de medicina, conforme aponta Candido no prefácio do livro de Marras (2004), “A Propósito de Águas Virtuosas” (p.17).

Já no século XIX, os portugueses tinham documentado grande quantidade de mananciais cujas águas seguiam de navio até Lisboa para que se procedesse à análise das mesmas. Em 1814, foi fundado o primeiro hospital termal do Brasil, localizado no povoado de Caldas da Imperatriz, Estado de Santa Catarina. De 1825 a 1862, várias cidades ou povoados foram formados em decorrência das propriedades das águas minerais. Os locais já comportavam médicos clínicos gerais, provenientes da “Real Academia Portuguesa de Medicina”, interessados nas propriedades medicinais das águas, segundo Mourão (1992).

⁶ Ciência que aborda as águas mineromedicinais. Diz respeito aos tratamentos preventivos e curativos das águas em cuja análise são detectados componentes minerais que possuem indicações terapêuticas. Podem ser utilizadas em uso interno (ingestão) ou externo (inalações, banhos, duchas, irrigações, lavagens, ou injeções intratissulares (MOURÃO, 1992, p.9).

Poços de Caldas, seguindo essa mesma característica, tomava contornos urbanos direcionados para estância de banhos e lazer. O crescente número de novos moradores e de enfermos à procura de cura transformava pouco a pouco a paisagem do local.

Otoni cita o Almanaque Sul-mineiro, editado em Campanha-MG, para o ano de 1874, no qual se encontra relatório realizado pelo engenheiro Bernardo Saturnino da Veiga sobre a situação da povoação de Poços de Caldas naquele ano:

A povoação de Poços de Caldas, já tem 34 casas, 2 sobrados em construção, 66 cabanas cobertas de capim, diversas ruas e praças já lá estão alinhadas. Há dous hotéis com sofríveis acomodações, algumas casas comerciais, uma capela, um cemitério; aulas de ensino primário (apud OTTONI, 1960, p.117).

A importância da tríade - Medicina, Estado e o Poder político dos coronéis donos das terras - é observada em Marras (2004), ao relatar os primórdios da formação da cidade. As idéias provenientes da Europa, que priorizavam a higiene e a salubridade, têm respaldo no Poder Público. Este controla o direito do uso dos recursos minerais, aliados aos interesses privados dos proprietários das terras onde brotavam as águas quentes. O autor ressalta:

No estudo sobre a moderna implantação da moderna cidade balneária de Poços de Caldas, parece imprescindível equacionar o privado e o público, o local e o global, o senhorial e o moderno nas ações que amalgamam eruditos saberes médicos, interesses de gente fazendeira da terra e poder estatal num projeto que, ao cabo e acima das desavenças e desafetos, resulta comum (p.54).

A partir do ano de 1873, o Poder Público, não tendo recursos financeiros nem interesses na administração dos mananciais hídricos, concedeu a empresas privadas, que se sucederiam, a administração e o gerenciamento da utilização das fontes de águas minerais da região.

Em 1873 a Empresa Termas de Dom Pedro II se compromete a captar as águas das fontes “*Pedro Botelho*”, *Mariquinha*” e “*Chiquinha*”⁷, construindo um balneário. Em 1880, rescindida a concessão, as águas passam a ser exploradas pela “Sociedade Anônima Empresa Balneária”, que constrói um balneário provisório de madeira, recebendo o nome de “Barracão”. A Empresa, em 1884, também inaugura um hotel, com 60 quartos, o da “Empresa”, interligado ao balneário.

Nessa época, fato marcante para a povoação, deu-se a chegada do médico Pedro Sanches de Lemos, já mencionado, que aqui residiu por mais de 40 anos. Pedro Sanches, médico de idéias avançadas para a época, casa-se com a filha do coronel Agostinho da Costa Junqueira, herdeiro da sesmaria onde se situavam os poços de águas quentes. Une-se a tradição à ciência.

2.3 - A Estrada de Ferro- Novos Tempos

Um dos acontecimentos mais importantes na história da cidade de Poços de Caldas foi a inauguração da Estrada de Ferro Mojiana⁸, em 1886, fato relatado por Alvisi (2001). A cidade passou a pertencer ao setor dinâmico da economia brasileira integrando-se à produção cafeeira paulista. Com a “Mugiam”, o acesso à cidade, realizado anteriormente apenas por cavalos e carro

⁷ São quatro as fontes termais da cidade de Poços de Caldas: *Pedro Botelho*, *Chiquinha* e *Mariquinha*, designações das fontes termais que servem o principal balneário da cidade (hoje denominado de *Thermas Antonio Carlos*). Também existe outro fontanário, o dos *Macacos*, distante das demais e serve o balneário que tem o mesmo nome da fonte. Todas possuem praticamente a mesma temperatura (41 a 45 graus) de composição fixa: sulfuradas sódicas (LEMOS, 1890, pgs. 3-5).

⁸ Segundo Megale (2002, p.100), o Ramal de Caldas da Estrada de Ferro Mojiana deu-se em 22 de outubro de 1886, com a presença do imperador D. Pedro II. O acesso à cidade de Poços de Caldas era muito sacrificado: pelo lado de Minas Gerais o transporte era feito por meio de cavalos, troles e carro de boi, pela Província de São Paulo os trens da Estação de Ferro chegavam até a cidade de Casa Branca. Os banhistas pernoitavam em São João da Boa Vista, segundo de troles até o Campo das Caldas.

de boi, ficou mais acessível aos doentes e turistas que procuravam as “águas milagrosas”. O vilarejo tornou-se centro nacional reconhecido como estância climática e pólo aglutinador da cultura cafeeira do país.

No ano de 1890, o governador de Minas Gerais, João Pinheiro da Silva, criou a vila de Poços de Caldas. Em 1904, o município de Poços de Caldas foi criado, sendo o primeiro prefeito o senhor Juscelino Barbosa. Cabe ressaltar que as nomeações dos prefeitos se deram até o ano de 1947, quando a população passou a elegê-los.⁹

Na gestão de Francisco Escobar, 1909-1918, diversos melhoramentos urbanos são realizados graças ao interesse do Estado de Minas Gerais em equipar as estâncias do chamado “Circuito das Águas”. Houve, na época, significativo aporte de verbas, por parte do Estado, para a remodelação da cidade. Durante a administração de Francisco Escobar, a cidade transforma-se em estância hidromineral. O prefeito também contratou os serviços do construtor José João Piffer¹⁰.

Pozzer enumera diversas obras sob a orientação do arquiteto na cidade:

Foram realizadas as retificações dos córregos, a pavimentação das ruas, a construção do Horto Florestal e do Mercado Municipal. É aberta a avenida João Pinheiro, implantada ao longo do ribeirão das caldas. A cidade é arborizada e a praça central passa a se chamar Pedro Sanches (2001, p.20).

⁹ O presidente Francisco Antônio Salles, empossado em 1902, resolveu criar prefeituras nas cidades hidrotermais a fim de intensificar o controle do Estado nessas cidades, que cresciam rapidamente. As nomeações para o cargo de prefeito se deram até 1947. Com a Constituição de 14 de julho de 1947, a cidade passou a eleger seus prefeitos, sendo o primeiro eleito, Miguel de Carvalho Dias (1947-1951). A partir da Constituição de 1967, coube ao governador dos Estados nomear os prefeitos das capitais de Estados, Estâncias Hidrominerais e cidades consideradas Zona de Segurança Nacional. Nesses locais as eleições só voltaram a sere diretas a partir de 1971. O primeiro prefeito eleito a partir de então foi Ronaldo Junqueira 1971-1976 (MEGALE, 2002).

¹⁰ Em 1895, José Piffer chegou a Poços de Caldas atraído pelas águas famosas daqui porque se dizia, que curavam. São atribuídas ao arquiteto diversas obras que contribuíram para a atual estrutura arquitetônica da cidade. (www.quisisana.com.br/historico.htm).

O construtor José João Piffer também constrói a Matriz de Nossa Senhora da Saúde e o Teatro Cassino “Polyteama”, em 1910. O sucesso dessa construção possibilitou a implementação da “Companhia Melhoramentos de Poços e Caldas” que, em 1911, projetou e construiu o Grande Hotel, estabelecimento dotado de 110 quartos.

Finda a construção do Grande Hotel, a “Companhia Melhoramentos” assume a concessão do conjunto termal do município e do “Hotel da Empresa.”.

Otoni (1960) cita em sua obra o texto do contrato firmado entre o governo do Estado de Minas Gerais e os diretores da Companhia Melhoramentos, lavrado em dezembro de 1912, o que demonstra o interesse do Estado e da iniciativa privada em investir no potencial turístico da cidade. Eis os termos do documento que ilustram a suntuosidade e a importância do turismo na cidade de Poços de Caldas no cenário brasileiro da época:

“A Companhia arrendatária obriga-se a despende dois mil e trezentos contos de réis, no mínimo, com as seguintes obras e melhoramentos:

Um novo balneário para as fontes Pedro Botelho com 116 banheiras de primeira e segunda classe, e de luxo, com tanque de natação, modernas instalações de hidroterapia.

Um grande e confortável hotel com 250 quartos, salões e acomodações para médico, farmácia etc, ligado ao estabelecimento balneário e ao cassino (a ser construído).

Adquirir mobiliário confortável..

Um pavilhão para ginástica dentro do edifício” (1960, p.215).

Em 1915, Poços de Caldas foi elevada   categoria de cidade, e em 1917 a Comarca Municipal foi instalada, tendo como o seu primeiro juiz o doutor Felício Buarque de Macedo. A cidade adquire a sua autonomia jurídica, segundo Megale (2002).

2.4 - Os jogos e as Águas

No início do século XX, a cidade passou a ser reconhecida nacionalmente, tornou-se a mais importante estância hidromineral do país, por atrair turistas ou “curistas”, como eram chamados aqueles que vinham à procura de cura. As “estações de águas” traziam visitantes pertencentes às classes sociais economicamente elevadas, reunindo políticos, artistas e a burguesia da época. A cidade não era só procurada por suas águas, mas também pelas opções de lazer e entretenimento.

João do Rio, jornalista eminente do início do século XX, relata em suas crônicas, datadas do ano de 1906, o borbulhar da cidade, no livro “João do Rio - um escritor entre duas cidades”:

Parece que as fontes, outrora guardadas por ninfas e amadriadas, logo que a análise química lhes deu foros de superioridade científica, correram os protetores pagãos e tomaram por padroeira a roleta. Porque as cidades d’água não vivem de curas, vivem do dinheiro que a roleta absorve dos curáveis, a roleta, Nossa Senhora das águas aproveitáveis (1992, p.47).

E em outra crônica no mesmo livro:

Dois dias depois, a gente tem a impressão que vive há anos no casarão do hotel. Já sabe todos os nomes, todas as histórias secretas, todas as intimidades [...] Cinco dias depois eu não podia nem tomar o demorado banho das caldas, tanto mourejava em cousas de divertir, extremamente estafantes (1992, p. 71).

O elemento enxofre, encontrado nas águas, tinha como maiores indicações as doenças reumáticas e a sífilis, cujo tratamento da época eram as injeções de mercúrio. Supunha-se que o mineral encontrado nas águas aumentasse a tolerância do paciente ao mercúrio.

Antonio Candido, ao prefaciар a obra de João do Rio (1992: XV), relata:

Muita gente ia aos banhos sulfurosos para dar mais eficácia ao tratamento pela famosa injeção anti-sifilítica “914”, o Neo-Salversan, que reinava na Poços terapêutica, com suas ampolas solitárias e avantajadas em caixinhas próprias. De fato, aqueles rapazes brilhantes, circulando cassinos e dançando com alegria, eram muitas vezes de moléstias do sexo, prontos a transmiti-las gentilmente às esposas e antes conquistadas nos passeios e nas festas.

Entre os anos que abrangeram as duas grandes guerras (a de 1917 e a de 1945), a cidade passou a ser opção de viagem para os cautelosos viajantes, que encontraram na estância uma nova opção de entretenimento, com seus hotéis, passeios, bailes e cassinos.

A viagem, entremeada por paradas em sítios, fazendas e estações ferroviárias, apresentava um novo Brasil, redesenhado pelas culturas do café. Poços de Caldas representava um refúgio para a oligarquia nacional, que preservada de possíveis ataques submarinos alemães poderia ali desenvolver temporada de lazer. “A cidade foi palco de reuniões e pactos durante a antiga República, reunindo políticos de variadas concepções que procuravam o local para o descanso ou afastamento do centro nevralgico do país” (POZZER, 2002, p.24).

O Palace Hotel foi inaugurado em 1925 pela “Companhia Melhoramentos”. O hotel e a construção das termas receberam críticas quanto a suas estruturas e acomodações. Tais fatos culminaram com a rescisão contratual com a empresa.

A exploração das águas do município passou a ser feita pelo Governo do Estado de Minas Gerais. A atuação do Governo de Minas Gerais chefiado pelo então presidente do estado, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, foi fundamental para o desenvolvimento da cidade.

Em 1927, Antonio Carlos nomeia o prefeito Carlos Pinheiro Chagas, que traz em seu discurso de apresentação, a expectativa da transformação da cidade em modelo de estância termal.

O governador, por meio de decreto, destinava cinco mil contos de réis para os melhoramentos. O grande investimento comprova a importância das cidades hidroclimáticas na política nacional e estadual do início do século XX.

O plano geral do empreendimento foi descrito na obra de Pozzer:

Reforma dos serviços de energia elétrica, iluminação pública, reforma geral da rede de esgotos e captação dos mananciais, calçamento da cidade, construção de parques e jardins, recaptação das fontes e construções de um novo hotel, um cassino e um balneário (2001, p.38).

As idéias da nova remodelação urbana eram embasadas na construção de uma cidade estética, estruturada no belo e na saúde. Novo desenho da cidade se delineia.

Coube ao engenheiro Saturnino de Brito¹¹ os projetos de saneamento; à empresa Dierberger e Cia¹² o ajardinamento; e os projetos das novas obras ao arquiteto Eduardo Vasconcelos Pederneiras¹³.

A proposta de Pederneiras para as novas edificações era a construção de novo espaço urbano, com características européias, de grandes construções envolvidas em jardins, colaborando para o impacto que tais edificações provocariam. As chamadas “Grandes Obras” compreendiam o Palace Hotel, o Palace Cassino e as Termas.

Esse novo conjunto cênico que possuía a cidade e as montanhas como pano de fundo, foi implantado em um território definido pelo traçado dos ribeirões urbanos, foi incrementado com a construção de uma nova linguagem diferenciada constituído pelo edifício das novas Termas. (POZZER, 2001, p.51).

¹¹ Saturnino de Brito é o nome mais relevante da história do urbanismo sanitário do Brasil do início do século XX, sendo o engenheiro que realizou os mais importantes estudos de saneamento urbanístico em várias cidades do país. Nascido em 14 de julho de 1864, em Campos, no Rio de Janeiro, Francisco Saturnino Rodrigues de Brito foi o engenheiro sanitário responsável pelos principais estudos urbanísticos e de saneamento em 55 cidades do país, entre elas Campinas, Ribeirão Preto, Vitória e as capitais paulista e pernambucana (dados recolhidos em MACEDO, 1999).

¹² Os paisagistas João e Reynaldo Dierberger viriam a se tornar figuras exponenciais na área de paisagismo, jardins de residências, como a do Conde Crespi, Henrique Villares, parques como Araxá, Poços de Caldas, Jardim do Ipiranga, Palácio da Guanabara, Praça Tiradentes em Belo Horizonte, entre muitas outras são exemplos de suas obras. Fazem parte do quadro dos paisagistas ecléticos, que ora com projetos românticos, ora clássicos, ora mistos e aplicando elementos decorativos diversos, serviram as elites da Velha República, segundo Macedo (1999).

Segundo o mesmo autor, os jardins foram elementos fundamentais para a composição da nova paisagem. Criados para propiciar sensação romântica e paradisíaca que lembrasse os campos medievais ou os jardins reais europeus, o projeto paisagístico emoldurava as “Grandes Obras”.

A idéia dos jardins como logradouros públicos destinados ao lazer e ao bem-estar, presentes nas concepções paisagísticas do início do século XX, tiveram no projeto do paisagista Dierberger para os parques de Poços de Caldas grande expoente. Com a implantação de eixos estruturadores de vegetação, esculturas, fonte luminosa e coreto, os jardins da cidade adquiriram, além do papel de emolduramento das “Grandes Obras”, a função estética, saúde e lazer.

As obras foram concluídas em 1931 - no auge da turbulência política nacional que precedeu a Revolução de 1932, na administração do prefeito Assis Figueiredo - com ampla campanha de divulgação e propaganda dos atrativos da cidade.

As propriedades curativas de suas águas e o incessante crescimento dos jogos tornaram a estância conhecida internacionalmente. A vida noturna era intensa, com cassinos, e utilização das termas procurada por turistas de todo o país. A cidade viveu sua fase áurea durante o “Estado Novo”, com visitas freqüentes de Getúlio Vargas. A elite brasileira encontrava na cidade local de refúgio e palco para negociações econômicas e políticas e, principalmente, diversão.

A cidade tem incessante crescimento urbano, se tornando grande canteiro de obras, com empreendimentos sendo realizados ligados aos jogos e ao turismo.

Ao final da segunda década do século XX, o país era presidido pelo paulista Washington Luiz, e o Estado de Minas Gerais era governado por Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, em cujo governo aconteceram as grandes remodelações do complexo turístico da estância termal.

A sucessão à presidência da República seguia, até essa época, a chamada política do “café com leite”, acordo entre os dois Estados mais fortalecidos economicamente, ou seja: um mandato pertencia ao governo paulista (café) e o seguinte a um mineiro (leite). Antonio Carlos era o candidato natural à sucessão presidencial. O pacto foi quebrado com a indicação por parte de Washington Luiz do nome do paulista Júlio Prestes à presidência da República. Minas Gerais acabou articulando a Aliança Liberal, chapa de oposição encabeçada pelo gaúcho Getúlio Vargas e tendo como vice o paraibano João Pessoa. A campanha foi bastante acirrada. Mas realizada a eleição, a chapa situacionista foi declarada vitoriosa.

No Brasil, contudo, os oposicionistas, liderados por Antonio Carlos, prepararam um movimento revolucionário que visava depor Washington Luís antes que a presidência fosse transferida a Júlio Prestes o que desencadeou a Revolução de 1930. O movimento teve início em 3 de outubro, e no dia 24 do mesmo mês Washington Luís foi afastado do governo por uma junta militar que, no dia 3 de novembro, entregou o poder a Getúlio Vargas, líder das forças revolucionárias.

Fato importante a ser relatado foi que durante o período da 1930 -1932, durante o governo provisório de Getúlio Vargas, a cidade foi palco de negociações políticas. O famoso “*Pacto de Poços de Caldas*” de 1930, firmado durante o governo tenentista, reuniu na cidade Juarez da Távora, Oswaldo Aranha e Góis Monteiro, num manifesto de apoio a Vargas (ALVISI, 2002, p.183).

A cidade, durante a Revolução de 1932¹⁴, e com a interrupção de todas as suas comunicações, passou por completo marasmo turístico, sendo pátio das colunas mineiras pela proximidade ao Estado de São Paulo. Com o final da Revolução, a atividade turística foi lentamente sendo recuperada.

Poços de Caldas estava crescendo desordenadamente, sem planejamento: muitas eram as reclamações a respeito dos serviços oferecidos e várias as reivindicações.

Mesmo assim, o número de visitantes aumentava. O turismo atraiu vários empresários que se mudaram para a cidade, entre eles João Moreira Salles, que iniciou suas atividades como comerciante de café. Posteriormente, o empresário criou o Banco Moreira Salles.

Entretanto, a crise mundial desencadeada com a quebra da Bolsa de Valores de Nova York, que afetou também o país, traz contrastes sociais importantes entre os turistas que visitavam a cidade e seus moradores. A propaganda sugeria que Poços de Caldas era espaço de completa harmonia entre seus habitantes e aqueles que a procuravam, porém as diferenças econômicas e sociais entre os dois grupos formavam universos diferentes e distantes entre si. Crescia paralelamente ao quadro exposto o crescente êxodo rural de famílias que viviam em situações precárias nos campos e procuravam novas formas de trabalho.

O turismo, propiciado pelos cassinos, era a principal fonte de trabalho para os habitantes, tendo também influenciado culturalmente os hábitos locais. A pobreza dos habitantes levava a

¹⁴ Getúlio Vargas, durante o seu governo, dissolve o Congresso Nacional e nomeia interventores para todos os Estados do país, com exceção ao Estado de Minas Gerais. O governo federal passa a queimar os estoques de café paulistas alegando com isto aumentar o seu valor de venda. Surge então um movimento revolucionário paulista em oposição ao governo federal, que culminou em um conflito de duração de três meses, com violentos combates nas fronteiras dos Estados de São Paulo e Minas Gerais. O movimento oposicionista é derrotado pelas tropas federais. Muitas batalhas se deram nas imediações da cidade de Poços de Caldas, muito próxima à fronteira paulista.

triste contraste com a opulência dos turistas. A descoberta da penicilina por Alexander Fleming em 1928 mudou os rumos da medicina à época, pois abriu novas perspectivas de tratamento para doenças até então sem respostas terapêuticas concretas. Novos métodos terapêuticos também foram impulsionados pela procura de soluções imediatas que buscassem reabilitar o grande número de debilitados que as duas Grandes Guerras deixaram no continente europeu. Inicia-se nas ciências médicas uma nova era: a da antibioticoterapia. A cura termal começa a ser colocada em segundo plano. Observa-se principalmente ao término da Segunda Grande Guerra crescimento explosivo dos laboratórios de medicação alopática. Tais fatores são decisivos para o descrédito do termalismo com ciência mundial. A medicina científica norte-americana se sobrepõe à naturalista européia. Pouco a pouco a disciplina de crenoterapia é retirada das cátedras das escolas de medicina.

Em 1945, o presidente da República Eurico Gaspar Dutra toma posse, decorridos quinze anos da ditadura Vargas. Em 1946 proíbe os jogos de azar no país e há o conseqüente fechamento dos cassinos.

A proibição dos jogos foi catastrófica para o turismo de Poços de Caldas aumentando ainda mais os já existentes contrastes sociais, causando desemprego para a população local em razão do fechamento dos cassinos.

2.5 - Tempos Modernos: a Indústria e a Mineração

Novas formas de captação de recursos foram obrigatoriamente sendo pensadas para a superação da crise econômica que se instalara: a cidade, que até o presente momento desenvolvia suas atividades voltadas àqueles que vinham de fora, agora precisava pensar em seus moradores para garantir a sobrevivência.

A exploração dos recursos minerais e a produção industrial passaram a ser a alternativa para os habitantes locais, pois o desemprego agravou as condições econômicas da população.

A existência do mineral zircônio, utilizado na época para o refinamento do aço tornando-o mais duro, já havia sido detectada no início do século XX. As primeiras extrações do mineral ocorrem em 1915, e foi exportado para a Alemanha nas duas Grandes Guerras, para a fabricação de canhões. Em 1942 os primeiros experimentos comprovam a radioatividade do mineral que continha urânio, conforme relata Willians (2001, pgs.8-12). A grande aplicabilidade do mineral foi demonstrada com a bomba atômica.

O mesmo autor relata que, desde 1930, a bauxita, mineral utilizado na fabricação do alumínio, era explorada em larga escala para a época. Nesse ano foi fundada a Companhia Geral de Minas. Em 1950, a Companhia Brasileira de Alumínio se instala na cidade para a produção de alumínio em barras, e o seu processamento industrial dava-se na cidade de Sorocaba.

Desde então diversas investigações geológicas sobre o potencial mineral da cidade foram realizadas, o que propiciou incremento na produção de energia elétrica da cidade, e possibilitou o aparecimento de diversas indústrias com a de alimentos, de vidros, refratários e confecções.

A população urbana já representava 76% do total de habitantes no município de Poços de Caldas, de acordo com o censo de 1955, dados colhidos pelo IBGE em 1959. A cidade ainda procura aliar a atividade turística à industrial.

Nos anos 70, Poços de Caldas estava totalmente envolvida com a produção industrial, destaque para a mineral, principalmente com a vinda da multinacional ALCOA (Aluminium Company of América). Em 1970 a indústria extraía bauxita e produzia alumínio, empregando 800 funcionários. Em 1972, a ALCOA produzia 30.000 toneladas de alumínio ao ano, segundo dados obtidos no Plano Diretor de Poços de Caldas, 1992.

Desde os anos 50 o governo federal estudava as possibilidades energéticas do urânio, enviando equipes da CNEN (Comissão Nacional de Energia Nuclear). Em 1970 foi instalada usina de prospecção do minério uma vez já constatada grande quantidade de reservas de urânio na região: A Nuclebrás.

Com o processo de industrialização crescente e promissor, Poços de Caldas enfrentou um processo de urbanização diferente do ocorrido na época áurea dos cassinos: no lugar de construção de moradias elitizadas a cidade assiste à expansão de loteamentos populares formados para abrigar os operários das indústrias nascentes. A verticalização do centro da cidade inicia-se rapidamente. Os problemas de tráfego urbano e escoamento dos produtos industrializados se agrava. O crescimento populacional ocorreu desordenadamente e, segundo dados do Plano Diretor da cidade, elaborado em 1992, a população praticamente dobrou durante a década de 70.

Pozzer cita matéria publicada no Diário de Poços de Caldas de 4 de Janeiro de 1974:

a cidade passa a enfrentar problemas de trânsito, semáforos não funcionam, ciclistas não respeitam a mão de direção na Rua Assis Figueiredo... o número de veículos aumenta assustadoramente e a capacidade de dirigir diminui cada vez mais. (2001, p.98)

A povoação se instalava desordenadamente, ocupando os morros, e o crescimento urbano se dava de modo fragmentado. Não havia política pública habitacional que enfrentasse o problema.

Em 1979 são iniciadas as obras de um conjunto habitacional financiado pela Coab-MG durante o governo estadual de Francelino Pereira e municipal de Sebastião Pinheiro Chagas. O projeto previa a construção de 1551 moradias residenciais, distante mais de 10 quilômetros do centro da cidade, em região ainda desabitada.

As obras foram entregues em 1981, apresentando problemas de saneamento básico e falhas na construção.

Uma Poços de Caldas operária se apresenta. O uso de seus espaços públicos se altera em decorrência das mudanças sociais e econômicas.

O turismo também sofre modificações: a classe burguesa, pertencente à oligarquia do início do século XX, cede lugar a uma classe social popular que visita a cidade em períodos curtos, como os finais de semana.

As Grandes Obras ainda são referências urbanas, mas sofrem as conseqüências de um turismo considerado "predatório", que percorria o centro da cidade nos finais de semana, como ressalta Pozzer (2001).

Os problemas relacionados ao rápido crescimento urbano agravam-se, e a população local, ao lado dos órgãos administrativos, inicia processo de discussões sobre os novos rumos urbanos da cidade.

Segundo Pozzer (2001), no ano de 1982 a administração das Termas Antonio Carlos e do Palace Cassino passa a ser realizada pela Prefeitura Municipal. Em 1983 é criada a Comissão Permanente de Defesa do Patrimônio Ambiental e Histórico de Poços de Caldas, composta por representantes da comunidade. A mobilização levou a Prefeitura a constituir a Diretoria do Patrimônio Histórico, Turístico e Artístico Municipal, em 1984, e o tombamento das Termas Antonio Carlos, Palace Hotel e Palace Cassino assim como, a Praça Pedro Sanches, conjunto arquitetônico central da cidade.

No ano de 1988 é regulamentada a lei de Uso e Ocupação do Solo do município, que estabelece tipos de ocupação por zonas urbanas e modelos de assentamento. Inicia-se a discussão sobre a revitalização do centro da cidade.

A última década do século XX é marcada por uma nova mudança no perfil social e econômico da cidade, com a implantação de um *campus* da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais em 1997, e da Universidade de Alfenas em 1995. Em 1991 ocorre a reforma do Palace Cassino e das Termas, na administração municipal de Sebastião Navarro Vieira Filho, e em 1994 o Palace Hotel é privatizado, passando a ser administrado pelo Grupo Carlton Plaza. No ano de 2000 tem início a revitalização da praça Pedro Sanches e do Parque “José Afonso Junqueira”, áreas que contornam e emolduram as “Grandes Obras” construídas no início do século XX e retratam o apogeu turístico da cidade de Poços de Caldas.

2.6 - O novo século

A prefeitura de Poços de Caldas, transcorridos mais de 12 anos, iniciou em 2005, revisão do seu Plano Diretor. Em julho de 2006 as propostas preliminares para análise e consolidações de dados atualizados sobre o perfil da cidade foram entregues. Os dados aqui apresentados foram publicados, Lei Complementar 74/2006, e apresentados à comunidade em agosto de 2006.

Atualmente, Poços de Caldas encontra-se entre os dez maiores municípios geradores de renda do Estado, com forte presença industrial. Seu PIB (Produto Interno Bruto) é de R\$ 1,059 bilhão, o que resulta em uma renda per capita de R\$ 8,325 mil, contra a de R\$ 4,920 mil de Minas Gerais, e a qualidade de vida urbana está entre as dez melhores do país, com Índice de Desenvolvimento Humano de 0,83.

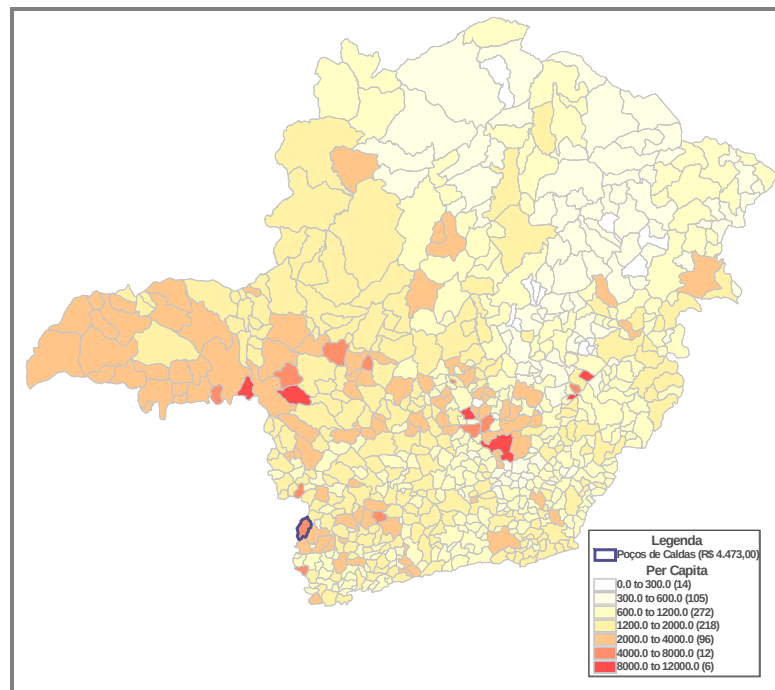


Figura 1 - Renda Per Capita

Fonte: revisão do Plano Diretor 2006 Lei complementar 74/2006

A cidade é pólo turístico e estância hidromineral, sexto parque hoteleiro do país e segundo maior do Estado¹⁴.

A população recenseada pelo IBGE em 2000 é de 135.627 habitantes, dos quais se estima que cerca de 94% encontram-se na zona urbana. A projeção feita pelo IBGE para 2005 foi de 151.605 habitantes.

Na escala hierárquica dos centros urbanos brasileiros, classificados pelo IBGE, Poços de Caldas caracteriza-se como "Capital Regional" em função da centralidade que a cidade desempenha sobre outras 23 pequenas cidades da região, no processo de distribuição de bens e serviços.

Ocupa posição geográfica altamente estratégica, em função da proximidade com São Paulo (250 km), Belo Horizonte (460 km) e Rio de Janeiro (470 km), cujas ligações se processam por rodovias asfaltadas, e por estar integrada às rotas das estâncias hidrominerais paulistas de Serra Negra, Águas de Lindóia, Socorro, Monte Alegre do Sul e Águas da Prata, e também com as estâncias mineiras de Caldas (Pocinhos do Rio Verde), Cambuquira, Lambari, Caxambu e São Lourenço. Além desses fatores, está próxima às regiões mais desenvolvidas do interior do Estado de São Paulo, como Ribeirão Preto (200 km), Campinas (160 km) e São José dos Campos (315 km).

O município, com área total de 544,42 Km², dos quais aproximadamente 85,51 Km² formam a zona urbana e 458,91 Km² zona rural, é composto por um único distrito, e tem como limites oito municípios: ao Norte, Botelhos e Bandeira do Sul; a Leste, Caldas; ao Sul, Andradas

e a Oeste os Águas da Prata, São Sebastião da Grama, Caconde e Divinolândia, os quatro últimos no Estado de São Paulo.

A cidade tem tradição de ser um dos mais ativos centros culturais do Estado, sendo dotada de excelente oferta de instituições educacionais, disponíveis em todos os níveis de ensino. São aproximadamente 88 instituições de ensino públicas e particulares, nas quais estão matriculados 41.763 alunos.

Em termos de infra-estrutura a cidade atinge parâmetros acima da média, praticamente alcançando à almejada condição de universalização total dos serviços de abastecimento de água, esgotamento sanitário e energia elétrica. Da mesma forma, são altos os índices de atendimento nas áreas de saúde, educação e lazer. A distribuição espacial dos equipamentos mostra-se bastante equilibrada por todas as regiões da cidade.

Os dados recentes apontados pelo novo diagnóstico urbano da cidade indicam que o grande crescimento demográfico se deu de 1960 a 1970, com 177% de incremento demográfico.

Observou-se desse período em diante expressiva migração, principalmente durante a década de 90. A migração ocorreu em 83% no sentido urbano-urbano sendo que 33% desta população é proveniente da cidade de São Paulo. Apesar do perfil desses migrantes ser bastante variado, 83% possuem escolaridade de nível universitário.

A Leitura Técnica e Comunitária, elaborada pelo Instituto Pólis em 2003/2004 mostrou transformações significativas na composição demográfica de Poços de Caldas também na década de 80. Destaca-se a continuidade do processo de *envelhecimento* da população, com maior número de habitantes nas faixas etárias mais avançadas (cresce particularmente o número de mulheres com mais de 55 anos, e menor participação de crianças e jovens. O processo se

aprofunda nos anos 90, com tendência à inversão da pirâmide etária. Em relação aos aspectos demográficos observam-se diminuição relativa da população entre 0 20 anos e um aumento das faixas de 25 a 34 anos e mais de 70 anos, o que caracteriza envelhecimento populacional. A renda familiar estimada de 14% da população e de até três salários mínimos.

Tabela 1 - Distribuição da população por faixa etária						
Faixa Etária	1980		1991		2000	
	Num.Abs.	%	Num.Abs.	%	Num.Abs.	%
Até 14 Anos	28.478	32,7	32.561	29,6	33.242	24,5
15 a 24 anos	18.371	21,1	19.966	18,1	25.661	18,9
25 a 64 anos	36.342	41,8	51.380	46,7	67.390	49,7
65 anos e mais	3.750	4,3	6.216	5,6	9.334	6,9
Idade ignorada	31	0,0	-	0,0	-	0,0
TOTAL	86.972	100,0	110.123	100,0	135.627	100,0

Fontes: IBGE, Censos Demográficos 1980 (PD92), 1991 e 2000.

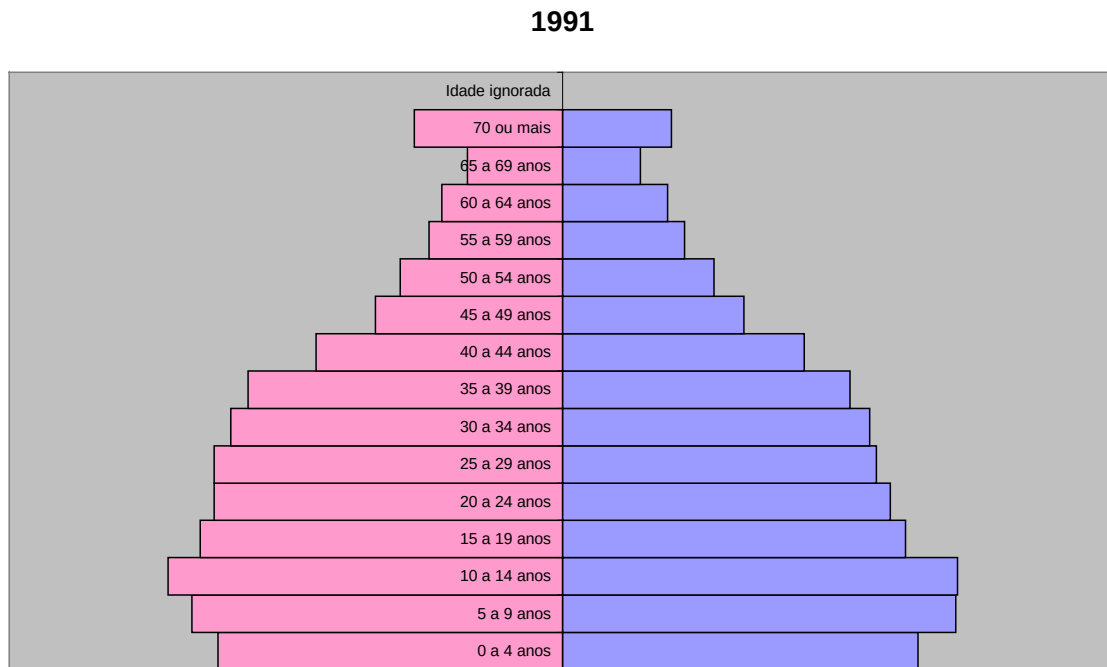


Figura 2 - Poços de Caldas Pirâmides Etárias 1991

Fonte: IBGE, Censos Demográficos, 1991 (mulheres cor rosa homens cor azul)

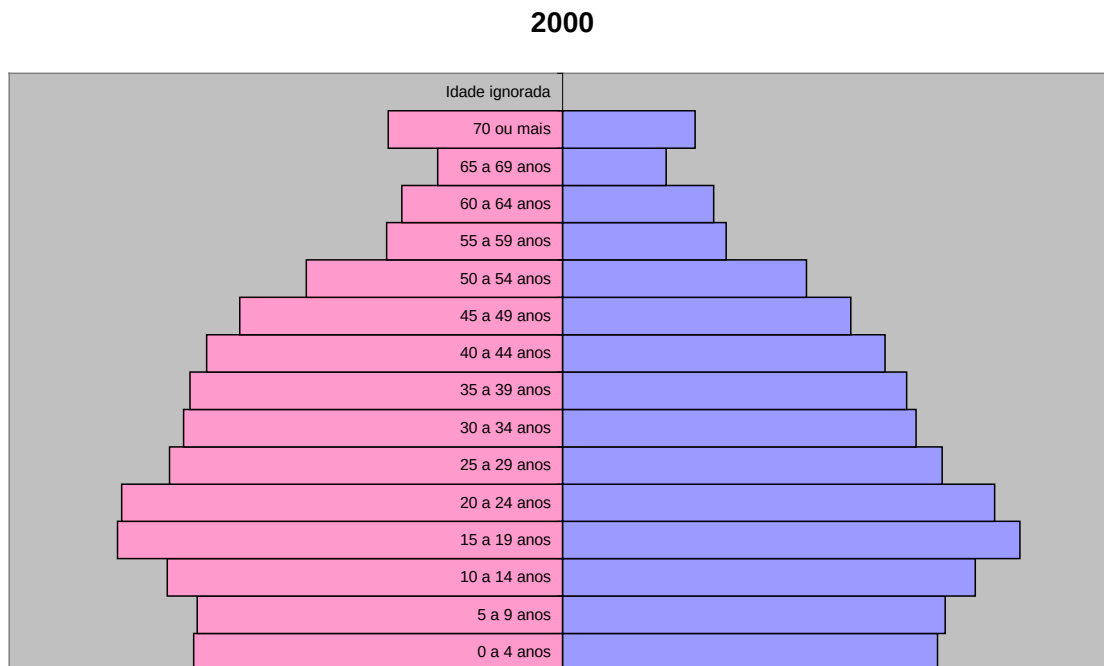


Figura 3 - Poços de Caldas Pirâmides Etárias 2000

Fonte: IBGE, Censos Demográficos, 2000 (mulheres cor rosa homens cor azul)

O diagnóstico preliminar da revisão do Plano Diretor da cidade indica que, segundo estimativa do IBGE, a população em 2005 está na faixa dos 151.605 habitantes, sendo que a média de ocupação de 3,4 pessoas por domicílio.

As atividades relacionadas à indústria ainda são o fator determinante da economia, porém observa-se diminuição da sua participação no montante da produção de riquezas do município: de 70% no ano de 1980 para 55% em 2006. Crescem as atividades ligadas ao comércio e à prestação de serviços.

As atividades agrícolas permanecem ligadas a agro-indústria, com o beneficiamento do leite para produção de seus derivados e fabricação de doces e alimentos diversos.

Não se tem dados estatisticamente comprovados sobre a maior frequência de turistas que visitam a cidade de acordo com a faixa etária. Entretanto, segundo informações colhidas com o

coordenador do Curso de Turismo da Pontifícia Universidade Católica – *campus* de Poços de Caldas, professor René Corrêa do Nascimento, a fidelidade de alguns antigos visitantes é presente na maioria dos hotéis, e o turismo de terceira idade é observado em períodos específicos.

Os dados com relação ao turismo são poucos e não têm diagnóstico. O Plano Diretor de 1991 registrava que 70% dos freqüentadores assíduos, 41% são provenientes da capital e 30% do interior do Estado de São Paulo, e já apontava a importância de se incrementar atividades turísticas ligadas a terceira idade.

A maioria dos turistas em condução própria, 63% destes possuem nível superior.

As projeções de 2005 sinalizam que decresce para 66% o número de turistas assíduos, e 52% possuem curso superior, o que demonstra popularização do turismo local.

A faixa etária dos turistas fica assim distribuída: 15% possuem idade acima de 60 anos, 24% entre 36 e 45 anos, e 43% são famílias e 24% casais.

Poços de Caldas está assumindo a forma de um T, com 168 bairros urbanos, o vetor de expansão urbana hoje no município é na direção oeste, e tem ao norte sua expansão limitada pela serra de São Domingos, tombada e com proposta para se converter em área de preservação permanente.

A segregação socioespacial se consolida em função da distribuição de renda. As populações mais carentes, que antes se concentravam na região sul, passam a ocupar os espaços vazios que são preenchidos entre as habitações da COHAB e o centro da cidade. Surgem loteamentos em áreas de relevância ambiental, o que acentua a preocupação ambiental e a segregação social.

A população de baixa renda fica distribuída especificamente nas regiões mais afastadas. Muitas famílias passam a morar em lotes na zona leste, ocupando trabalhos de baixa

remuneração. São moradores provenientes de cidades vizinhas que apresentam dificuldades de criarem vínculos com a cidade.

Observa-se no início de século conflito crescente entre o processo de urbanização versus atividades turísticas. A preocupação com a verticalização desenfreada da região central, e a preservação ambiental, do patrimônio histórico e da garantia da qualidade das águas e a conservação dos mananciais subterrâneos das águas minerais são e devem ser motivos de apreensão e discussão.

O grande desafio que se apresenta é conciliar o crescimento urbano a propostas preservacionistas de seus espaços.

Nesse cenário, espaço de interações diversas, acontecem os bailes ao redor do coreto da Praça Pedro Sanches nas noites de sábado e domingo. A explanação mais detalhada sobre a formação da cidade de Poços de Caldas foi necessária para a reflexão posterior sobre a sua relação histórica com as atividades de dança em sua praça central.

O capítulo encerra com a crônica de Antonio Candido¹⁵, publicada no jornal Folha de S. Paulo, no caderno de Turismo, do dia 6 de junho de 2006 :

¹⁵ **Antonio Candido de Mello e Souza**, 87, é crítico literário e professor emérito da USP.

“Sou bastante poços-caldense, com raiz antiga”

Poços de Caldas é uma cidade encantadora. Minha mãe, nascida lá e depois residente lá por muitos anos, dizia que é a melhor do mundo. Exagero à parte, vale a pena ir verificar se é ou não. Sou bastante poços-caldense, com raízes antigas, porque meu avô materno, médico no Rio, foi um dos diretores da empresa que, nos anos de 1880 e 1890, transformou o pequeno povoado em estância hidromineral. Muito mais tarde, meu pai, também médico, foi contratado para ser o primeiro diretor dos Serviços Termais na cidade transformada profundamente pelo Governo de Minas entre 1926 e 1930. Fomos para Poços nesta última data, quando eu tinha onze anos e meio, e apesar de ter vindo cursar a Universidade em São Paulo em 1936 e ter acabado por morar aqui, sempre vivi muito lá até 1989, configurando quase um duplo domicílio. Conheci a pequena cidade de 12 mil habitantes, que vi crescer até ficar a cidade grande de hoje, e acho que foi sempre um lugar ideal. Basta pensar nas suas "manhãs de azul e prata" e no "célebre luar de Poços, de uma doçura de lírios diluídos", como escreveu João do Rio no romance "A Correspondência de uma Estação de Cura".

TEMPO DE PERMANÊNCIAS

O aumento da expectativa de vida tem remetido à constante preocupação com a velhice e suas características. A tendência é focalizá-la como estágio do desenvolvimento humano isolado do curso da vida. É uma etapa que traz singularidades que devem ser abordadas e discutidas. Porém, particularizá-la, desprovida da interpretação e da compreensão do processo histórico que enfoca novos modos de pensar os estágios do desenvolvimento humano contemporâneo, desenvolvimento inserido em contextos culturais e sociais distintos, pode levar à tendência de segregação e de discriminação dos indivíduos que envelhecem.

Aparecem como de fundamental importância, para a nossa reflexão sobre a velhice, os estudos feitos pela antropologia sobre as questões da natureza da cultura, sobre suas relações nas diferentes sociedades e como especialmente no caso da velhice as relações entre o natural e o cultural ocorrem. A velhice é ao mesmo tempo natural e cultural. É natural e, portanto, universal se apreendida como um fenômeno biológico, mas é também imediatamente um fato cultural na medida em que é revestida de conteúdos simbólicos. São esses conteúdos que informam as ações e as representações dos sujeitos. (MERCADANTE, 2003, p.56).

Pensar o envelhecimento também remete à reflexão da relação dos indivíduos em tempo e espaço distintos.

Santos (2004), ao abordar a problemática da relação do homem, o espaço e o tempo, sugeri a importância de se pensar o passado na perspectiva de conceitos formulados no presente, pois de outra forma as questões contemporâneas tornam-se abstratas e irreais.

“Para aprender o presente, é imprescindível um esforço no sentido de voltar as costas, não ao passado, mas às categorias que ele nos legou. Conservar categorias envelhecidas equivale a erigir um dogma, um conceito. E, sendo histórico, todo conceito se esgota no tempo” (2004, p.14).

Para o autor, as possibilidades de leitura dos espaços podem ser diferenciadas, permitindo um leque diverso de construções, porém todas as interpretações são cúmplices e se complementam.

Para que se possa “sentir” o espaço é necessário situar-se socialmente no tempo. Todas as unidades de tempo só podem ser visíveis como tal porque estão ligadas a alguma atividade marcada em espaços distintos. “Tempo que é e simultaneamente passa, confundindo a nossa sensibilidade e, ao mesmo tempo, obrigando a sua elaboração sociológica. Por tudo isso, não há sistema social onde não exista uma noção de tempo e outra de espaço” (SANTOS, 2004 p.34).

Fundamentado nessa premissa, este capítulo pretende levantar alguns elementos que tragam um suporte conceitual a respeito das subjetividades do indivíduo que envelhece e suas relações com os conceitos de tempo/espaço abordados em seus aspectos grupal e individual, sob a ótica do mundo presente. Contribuindo, para maior compreensão do envelhecimento nos dias de hoje e os novos papéis que os idosos vão assumindo na sociedade.

A discussão sobre a singularidade do indivíduo idoso contemporâneo foi também necessária na análise da cidade “singular” de Poços de Caldas e suas atividades de dança em sua praça central, como espaço de inclusão para aqueles que estão envelhecendo.

Serão, além disso, discutidos os conceitos de lazer, corpo e dança relacionados ao processo de envelhecimento, suportes para a reflexão do tema central deste estudo.

3.1- Identidade, Subjetividade, Tempo e Espaço

Ao iniciar esta discussão, refletir os significados de subjetividade e identidade encontrados na língua portuguesa são pertinentes para posteriormente introduzir uma ponderação sobre esses quando inseridos em ponderação sociológica e associados ao processo de envelhecimento.

No dicionário Aurélio identidade é “qualidade de idêntico, conjunto de características próprio de uma pessoa, relação de igualdade válida para todos os valores das variáveis envolvidas” (2003, p.743).

Quanto ao sentido de subjetividade, o mesmo dicionário a define como “aquele que é subjetivo, relativo ao sujeito, individual, pessoal. Pertence unicamente ao pensamento humano em oposição ao mundo físico, à natureza empírica dos objetos a que se refere” (2003, p.1340).

Mercadante 1998, ao discorrer sobre as diversas possibilidades que os indivíduos podem apresentar durante o processo de envelhecimento, analisa as relações entre a identidade (a partir da relação com o outro) e a subjetividade (que rompe com a identidade e assinala inúmeras formas de ser e de viver) das pessoas que estão envelhecendo. “Não há uma única forma de ser velho, mas muitas” (p.59).

A autora sinaliza para a importância da criação de novos modos e concepções de análise do envelhecer, não apenas abalizados no entendimento universal sobre o processo de

envelhecimento que se fundamenta principalmente no aspecto biológico em que as alterações fisiológicas são priorizadas e criam padrão geral de velhice e do ser velho. A imagem social do ser que envelhece é formulada em contraposição ao ser jovem. Os símbolos atribuídos à velhice tendem a ser estigmatizadores. Características como beleza, movimento, atividade e força são qualidades inerentes à juventude e contrapostas ao aspecto biológico de declínio na velhice: cria-se quadro de identidade negativa do envelhecer.

A velhice nos dias atuais estabelece dualidade entre o processo externo e o interno do envelhecer. O externo classifica os indivíduos de maneira cronológica, como categoria de indivíduos, moldada muitas vezes pelas alterações físicas inerentes ao envelhecimento biológico. O processo interno baseia-se na experimentação interna da velhice, impregnada de conhecimentos, ou seja, tempo vivido que origina formas diversas de vivenciar o tempo presente.

A discrepância entre o processo interno e o externo acentua as idéias preconcebidas do envelhecer: os aspectos externos por serem mais visíveis e, portanto, mais evidentes tendem a ordenar os aspectos internos, reforçando o estigma negativo do ser velho.

Embasado nessa premissa, o envelhecimento deve ser analisado na sua totalidade: um processo singular moldado histórica, social e psiquicamente, e não apenas acontecimento biológico:

Destaca-se a idéia equivocada de uma única maneira de se viver como idoso, e, portanto, de não se levar em conta uma análise reflexiva sobre a diversidade de respostas que os indivíduos dão aos desafios que enfrentam no dia a dia, às situações múltiplas e variadas que vivem no cotidiano. Os desafios e as respostas não cabem em um modelo estigmatizador e homogeneizador de velho, que sugere poucos desafios e poucas respostas (MERCADANTE, 1998, p.67).

Nas ciências humanas, pensar o subjetivo implica análise de como a visão social interfere e modifica a relação do indivíduo com o seu meio. O grande desafio está em unificar todos os aspectos que constituem o indivíduo como ser único: biológicos, culturais, existenciais, psíquicos e históricos, considerados com o mesmo grau de importância quando se discute o envelhecimento. Pensar o indivíduo dotado de valores internos: história de vida, inserção social, cultural e econômica e os valores externos caracterizados cronologicamente pela contagem do tempo vivido.

As considerações a respeito dos conceitos de identidade e subjetividade, segundo Mercadante (1998), devem ser analisadas nesse novo modelo de envelhecimento que a sociedade atual vem experimentando. A noção de identidade vem associada a partir da relação com o outro: o ser velho é uma oposição ao ser jovem. “Sempre se é velho a partir do olhar dos outros” (p. 61).

Analisar e repensar subjetivamente o envelhecer amplia as possibilidades de entendimento da velhice, estabelecendo diferentes formas de envelhecer e de ser um indivíduo velho, o que torna a questão complexa e individual, e abre, leque de possibilidades acerca da vivência interna de cada sujeito.

Se a consideração a respeito do conceito de identidade auxilia na classificação cronológica, e no caso do envelhecimento cria a categoria de pessoas idosas, o conhecimento do conceito de subjetividade irá auxiliar no entendimento da significação e do sentimento do que é “ser um velho”, indivíduo singular em constante produção de acontecimentos.

Goldfarb (1998) reforça a importância de se pensar a velhice de modo singular e individual: “A dificuldade principal para categorizar a velhice consiste em que ela não é unicamente um estado, mas um constante e sempre inacabado processo de subjetivação” (:23).

Sob essa ótica, a percepção de tempo também se estratifica em tempo externo versus tempo interno.

Martins 1998, ao abordar a relação entre o tempo vivido e o processo de envelhecimento, ressalta:

Precisamos sair da concepção popular de tempo para conceber o sujeito humano e o tempo, como se comunicando de dentro para fora. Poderíamos, então, dizer que a existência não pode ter qualquer contingente externo ou atributo (ser visto como criança, adulto, velho). Não pode ser algo especial, mental, cronológico, ser isso tudo numa totalidade, sem assumir e levar para adiante seus atributos e transformá-los em várias dimensões do seu ser. Resulta daí que qualquer análise de um desses elementos encontrar-se-á com a subjetividade (p.12).

Para o autor, compreender o sujeito humano implica o entendimento de que a noção de tempo vivido é interna e não simplesmente registrada em sucessão de fatos ou somatória de anos. Pensar o tempo, perceber o passado e planejar o futuro se fundem numa experimentação subjetiva do tempo presente, impregnada de experiências pessoais e de modos distintos de percepção de mundo, não apenas fundamentado em acontecimentos classificados e organizados apenas externamente. “Um passado e um presente passam a existir quando se os busca” (p.18).

Pensar o tempo de maneira exclusivamente externa, medida biograficamente e estratificada na estatística da história dos fatos, acentua a contradição entre as noções distintas do tempo interno que por ser subjetivo é dinâmico, construído, ilógico (pois não obedece a uma ordem de fatos) e se molda pela história vivenciada e afetiva de cada indivíduo.

Analisar um indivíduo que envelhece partindo-se apenas de percepção externa do tempo vivido cronologicamente inibe a compreensão ampla de que o ser humano está continuamente em transformação. Passado, presente e futuro interagem-se na construção da imagem interna de si e do mundo que o cerca.

Para Goldfarb (1998), o tempo do envelhecimento é o encontro da medida dos anos vividos com a percepção subjetiva da passagem desses: encontrar o interno que não tem idade e é atemporal com o corpo que envelhece.

Também Martins (1998), ao abordar a dialética da percepção do tempo interno x externo indica que a compreensão do ser humano se fundamenta e se origina na dinâmica das relações do homem com o meio e consigo mesmo: “O homem não está no tempo, é o tempo que está no homem” (p.12).

Não existe forma de se pensar um tempo sem inseri-lo em contexto social. A própria noção do tempo vivido é essencialmente definida por acontecimentos demarcados em um espaço próprio e em determinada sociedade.

Damatta (1997), ao discutir as relações entre o tempo e o espaço onde esse é calculado, analisa que a diferente forma de manifestá-lo está relacionada ao tipo de sociedade em que o indivíduo está inserido.

O fato é que tempo e espaço constroem e, ao mesmo tempo, são construídos pela sociedade dos homens. Sobretudo o tempo que é e simultaneamente passa, confundindo a nossa sensibilidade e, ao mesmo tempo, obrigando a sua elaboração sociológica. Por tudo isso, não há sistema social onde não exista uma noção de tempo e outra de espaço (DAMATTA, 1997, p.33).

Para reforçar a concepção de que tempo e espaço estão fundidos socialmente, o autor exemplifica com dois modelos de sociedades tribais: os “nuer”, grupo tribal do Sudão, e os “apinayé”, grupo indígena do Brasil Central: as medidas de tempo, além das marcações ecológicas, como a passagem das estações e dos dias e noites, também são impregnadas de valores sociais assinalados por atividades ou referidos pelas classes de idade. Tanto os “apinayé” como os “nuer” marcam a duração de um evento do passado fazendo referência a um parente

mais velho; como, por exemplo: “Isso aconteceu no tempo em que meu geti (avô) era moço” (p.33).

Para Damatta (1997), nos meios sociais as unidades de tempo só são aparentes, pois estão sempre ligadas a atividade social que se dá em determinado espaço. Cada sociedade tem forma própria de articular a demarcação do tempo/espaço balizada em atividades sociais, o que permite lembranças ou memórias diferenciadas e diversas formas de organização. Para o autor coexistem formas paralelas diferentes de tempo e de espaço, que não seguem as classificações regidas unicamente pelo relógio cronológico.

A identidade e a subjetividade dos indivíduos são mais uma vez, segundo o autor, regidas por sistema social que prioriza ou esquece determinados acontecimentos. “Não é preciso especular muito para descobrir que temos espaços concebidos como eternos e transitórios, legais e mágicos, individualizados e coletivos” (1997, p.42).

E mais adiante:

Pois bem, é isso que permite controlar o tempo. É isso também que permite equilibrar o espaço, fazendo com que o mundo se torne menos indiferente e totalmente significativo, posto que ordenado por suas relações com os grupos que se combinam e se reformulam, na complexa lógica social que cada sociedade ordena para os seus membros (1997, p.43).

Santos (2004) também aborda a percepção do espaço como propriedade individual e ao mesmo tempo objetiva do ser social. Para que se possa ter a sensação de “estar” em algum lugar é necessário situar-se.

O autor sugere que a realidade de um espaço é a mesma para todos os indivíduos: as interpretações e significados só terão relevância se relacionados ao modo de produzir e de interagir do sujeito nesse espaço.

Em realidade, a paisagem compreende dois elementos: 1. Os objetos naturais, que não são obra do homem nem jamais foram tocados por ele. 2. Os objetos sociais, testemunhas do trabalho humano no passado como no presente. A paisagem nada tem de fixo, de imóvel. Cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança, a economia, as relações sociais e políticas também mudam, em ritmos e intensidades variados. A mesma coisa acontece em relação ao espaço e à paisagem que se transforma para se adaptar às novas necessidades da sociedade (SANTOS, pgs.53-54).

Pertencer a um espaço significa reconhecer-se numa referência de tempo, perceber-se em um ambiente, estabelecendo vínculos sociais entre si e o meio, reforçando a idéia de pertencimento ao lugar.

3.2- Envelhecer na Cidade Contemporânea - O Espaço Urbano em Reestruturação

A discussão da relação entre os homens e o espaço urbano caminha por vertentes distintas e porém interdependentes, quando analisada sob a ótica do processo de envelhecimento. O modelo atual de sua composição traz nova realidade acerca das populações humanas que o ocupam: os conflitos provenientes da diversidade, dos contrastes socioeconômicos e das várias gerações que ali convivem e interagem.

A primeira reflexão a ser levada em conta é o fenômeno do crescimento das cidades, ou seja, ocupação urbana, relacionado ao aumento da população que envelhece. Os modelos socioeconômico cultural e tecnológico contemporâneos conseguiram aumentar a sobrevivência da espécie humana, correlacionados à diminuição de nascimentos da população. Cresce o número de pessoas em processo de envelhecimento em detrimento da diminuição da taxa de natalidade. O mundo assiste, então, a um processo de geriatriação, ou seja, o conjunto de pessoas com mais de 60 anos. Os níveis de expectativa de vida aumentam.

Como deverá ser o planejamento urbano para essa faixa de população? As cidades contemporâneas atendem às necessidades daqueles em processo de envelhecimento? Qual é o espaço destinado ao idoso? Como se procede a interação social intergeracional nesses espaços? Quais serão as implicações desse envelhecimento como previsão para os futuros anos?

Muitas são as variáveis que influenciarão esta reflexão e tomo como referência para a discussão dos conceitos adotados por Valle (1998). Para o autor, o termo variável refere-se à observação crítica de uma realidade. Segundo ele, é necessário avaliar todas as variáveis envolvidas nesse processo de envelhecimento, em especial no Brasil.

A primeira é a demográfica, revolucionariamente nova e fundamental, em que se verifica a alteração da pirâmide etária nos últimos 30 anos. A base começa a abaular, pois cai a taxa de natalidade e aumenta a expectativa de vida. O número de integrantes de uma família caiu drasticamente nos últimos anos: “Em 1970 baixamos de uma média de 6,7 para 2,6, alterando assim as relações familiares instituídas anteriormente” (VALLE, 1998, p.32).

Além disso, observa-se a mudança estrutural das sociedades, que passam essencialmente a ser urbano-industriais, em detrimento da organização rural anterior. Mudanças nos aspectos econômicos, da convivência e do modelo de trabalho são observadas. Essa rápida urbanização populacional colabora para a criação de modelos de exclusão no envelhecimento. Passamos a nos perguntar: qual é o real papel do idoso numa sociedade eminentemente urbana, em cidades permeadas por desigualdades sociais e econômicas, que por si só já trazem ações de violência para todas as faixas etárias?

A variável biogenética se refere à expectativa da vida humana aumentada nos tempos atuais. A indagação resultante desse fenômeno é: o que fazer com os anos restantes? A moderna

gerontologia prevê que as futuras gerações de idosos apresentarão melhores condições de acesso à saúde, de suporte nutricional e de medidas preventivas. Esse fenômeno leva o mundo contemporâneo a repensar valores. As formas de ensino deverão se estender a idades mais avançadas, os meios de comunicação de massas acessíveis a todos, a previdência social reformulada, e novas perspectivas de lazer estruturadas.

A revolução tecnológica é a variável mais característica dos séculos XX e XXI. Inicia-se com a utilização e aperfeiçoamento constante das máquinas industriais e agrícolas, acompanhadas pela vertiginosa informatização de todos os meios de produção. Esse fator exige especialização constante dos que as utilizam, e a rapidez com que surgem novas formas de produção coloca o trabalhador num campo de desatualização quase imediato à aquisição do conhecimento.

Valle, 1998, também pondera a respeito da evolução econômica que cada país desenvolve, possibilidades de distribuição de riquezas e acesso aos bens materiais, culturais e educacionais. As desigualdades sociais evidentes nas economias da maior parte dos países em desenvolvimento levam à reflexão sobre os futuros velhos quando se tem legião de excluídos já na juventude.

A importância que a estrutura familiar carrega nos processos de relacionamentos sociais em todas as idades também é variável que segundo o mesmo autor deve ser priorizada quando se trata de discutir o processo de envelhecimento: os atuais quadros familiares mostram-se em processo de reformulação e os núcleos familiares encontram-se reduzidos a pais e filhos na maioria nas cidades. O quadro de exclusão e de falta de perspectivas para o idoso gera desagregação e contribui para a disparidade de valores intergeracionais, promovendo conflitos de prioridades.

Como atender às reais necessidades daqueles que estão em processo de envelhecimento no atual modelo de espaço urbano? Nossas cidades não estão preparadas para as questões que a forma de organização solicita. Será necessário reformular leis, rediscutir a distribuição econômica e possibilitar o acesso tecnológico a essa faixa de indivíduos pertencentes ao que a ONU (Organização das Nações Unidas) preconiza como terceira idade.

Barreto sugere:

O advento de uma nova composição populacional implica a reconsideração de relações ecológicas e sociais que temos discutido marginalmente. O mais básico aspecto dessa nova ecologia humana reside no fato de que podemos, fundamentalmente, esperar viver mais que nossos antepassados, ainda que em circunstâncias muito diferenciadas (1999, p.56).

Ressalta-se a importância de avançar o processo de remodelação do espaço urbano, sendo possível aos habitantes de diversas faixas etárias convertê-lo em relações prazerosas de convivência e civilização. As necessidades das pessoas maduras devem ser discutidas em conjunto com as demais que convivem no mesmo espaço. Em comum deve ser debatida a qualidade de vida¹⁶.

Ainda segundo Barreto, (1999), as cidades projetadas a partir de meados do século XX e que sediam as principais atividades de nossas sociedades, são planejadas levando-se em consideração valores baseados no trabalho, e padronizam comportamentos direcionados à faixa etária em produção, ou seja, os indivíduos adultos jovens. Nesse modelo de ocupação urbana, os

¹⁶ Paschoal (2002), ao abordar o tema qualidade de vida e envelhecimento, indica que as diversas formas de envelhecer sofrem influências genético-biológicas, psicológicas, e socioculturais. Tais influências dimensionam e gradua vários aspectos como a saúde percebida, a capacidade funcional e o bem-estar subjetivo. O autor cita Lawton (1993), que ao analisar o modelo de qualidade de vida na velhice, aponta quatro aspectos a serem considerados: 1. Condições ambientais: o ambiente deve oferecer condições adequadas à vida das pessoas. 2. Competência comportamental: diz respeito ao comportamento individual em diferentes situações de vida. 3. Qualidade de vida percebida, influenciada por valores pessoais e por expectativas individuais e sociais. 4. Bem-estar subjetivo: satisfação com a própria vida.

espaços não possuem avaliação definida, os recursos ambientais são explorados à exaustão, reforçando a exclusão e criando condições predatórias ambientais e sociais.

As cidades também amadurecem no sentido demográfico quando a expectativa de vida é ampliada. Surgem os problemas previdenciários, distribuição de benefícios, aumento da carga tributária, o aumento de idade para a aposentadoria e os planos privados de previdência são questionados. Além disso, enfrenta-se a incapacidade governamental de gerir os conflitos dos contrastes dessa sociedade urbano-industrial que envelhece. “A discussão da qualidade de vida nas cidades deve ser tornada ponto de partida para a compreensão e o enfrentamento das questões criadas pelo crescimento da fração longa das populações urbanas (BARRETO, 1999, p.59)”.

O mesmo assinala que o impacto do desaparecimento das praças nas cidades contemporâneas é um dos indicadores da perda da qualidade de vida nos espaços urbanos, continuamente pressionados pela especulação imobiliária. Tal fenômeno redesenha os locais destinados ao convívio de todos, em especial ao dos idosos. Para essa faixa da população, o desenvolvimento das necessidades de contato, convívio, lazer e segurança está associado a conceitos de qualidade de vida no envelhecer. “A longevidade impacta obviamente a organização das cidades” (p.61).

As avaliações, quanto ao desempenho das cidades contemporâneas em termos de qualidade de seus espaços, ainda são incipientes, e os parâmetros de dimensionamento dos equipamentos públicos de uso coletivo são desatualizados. A consideração respeito da nova face das populações urbanas ainda é primária. Enfatizar desejos e aspirações dos habitantes de uma cidade como forma de transformação deverá ser priorizado quando se pensa em qualidade de vida

urbana. O espaço urbano de uso coletivo deverá ter assegurado às diversas faixas etárias e ser acessível às necessidades especiais da população que o ocupa. Só assim contemplará uma população composta por habitantes que estão reformulando papéis nessa nova sociedade.

Quanto ao planejamento urbano direcionado aos idosos, sem levar em consideração os estereótipos e estigmas comuns ligados a essa fase da vida, será necessário repensar o aspecto da ocupação e do convívio, priorizando as decisões tomadas particularmente pelo indivíduo que envelhece e cria conjunto de atitudes coletivas. Tais atitudes devem ser baseadas nas habilidades individuais e coletivas adquiridas e nas futuras habilidades que poderão adquirir. Da mesma maneira, o planejamento urbano deve estar atento aos diversos tipos de envelhecimento apresentados, com ou sem limitações.

Para que possamos abordar a interação do homem com o espaço e sua relação com o envelhecimento a discussão deve ser ampliada.

Pondé, em seu texto intitulado “Algumas Reflexões sobre o Existir nas Cidades”, abre outro panorama sobre as significações do existir na urbanidade. O autor relaciona a vivência nas cidades, ao processo de envelhecimento e discorre sobre a premissa da função de agregação social que as cidades desempenham ao longo da história da humanidade e sua importância como veículo de trocas interpessoais. Reforça a “necessidade de entender e perceber o sentido do ser dentro desse universo” (2004, p.51).

A afirmação é definida também por Peixoto (2000), que destaca a importância dos espaços públicos na elaboração das relações sociais denominadas informais. O homem é um ser sociável que tece uma malha de relações tecidas na sua vida cotidiana” (p.46). “Os espaços públicos a céu

aberto permitem a criação de uma sociabilidade bastante particular: o encontro fortuito é aquele o que se dá segundo os desejos e intenções e são despojados de qualquer obrigatoriedade” (p.48).

Quando se discute o processo de envelhecimento contemporâneo é necessário também levar em consideração as dificuldades de existir dentro das cidades, ou seja, a inserção social desses indivíduos encontra cenários mais áridos e as relações tornam-se mais contraditórias.

Pondé, ao associar a existência dos que envelhecem às relações sociais, ressalta:

No plano social, no plano concreto de duração de tempo, percebe-se como o modelo de vida na cidade é o da velocidade e do movimento baseado no progresso, que, por definição, torna difícil para os mais idosos acompanharem esse ritmo frenético. (2004, p.57).

Ao sentimento de apego e pertencimento aos espaços urbanos, à noção de sua importância como lugar de convívio e relações sociais associa-se o papel dos idosos como construtores da história das cidades nesses novos cenários contemporâneos. Esse novo panorama de relações apresenta fatores multidimensionais abrangendo questões políticas, econômicas, sociais e culturais, e dependentes das transformações que se processam no âmago das sociedades conforme expõe Moretti (1998).

A problemática do envelhecimento, com todos os seus componentes de exclusão, desigualdades e contrastes socioeconômicos, coloca-se então num contexto mais amplo quando se discute as significações do espaço urbano. Também direciona o pensamento para o direito desses indivíduos ao reconhecimento social de sua existência.

O tema da cidadania, atualmente tratado com grande interesse, aponta para a consolidação desse direito de viver e de se sentir inserido e reconhecido num determinado contexto social.

Cidadania é uma construção desenvolvida no decorrer das trajetórias de vida dos indivíduos que ocorre em determinados contextos sociais-político-

econômicos, sendo ainda influenciada por circunstâncias ocasionais favoráveis ou desfavoráveis, bem como projetos de vida. (MORETTI, 1998, p.39).

A mesma autora reforça a importância da ocupação e apropriação do espaço público para a consolidação de uma convivência coletiva embasada na cidadania, na ética e no respeito aos direitos humanos, embasada nos conceitos de liberdade de pensamento e conjugadas à ação.

A reflexão final a respeito do tema espaço urbano/envelhecimento será fundamentada no texto de Limena (2003). Abordando a realidade urbana e sua construção atual, a autora apresenta propostas que podem levar as cidades contemporâneas para uma relação mais humana e equilibrada. As cidades são, segundo a autora, objetos complexos com padrões de modernidade que sofrem rápido processo de transformação. Para sua compreensão, o diálogo intergeracional e interdisciplinar deve ser enfatizado baseado nessa realidade urbana, almejando modelo mais humano, saudável e cidadão de vida nas cidades. A busca de conciliação entre ética, estética e planejamento deve ser priorizada. Para que tais comportamentos ocorram, a autora enfatiza a necessidade do rompimento de dualidades como rural x urbano, presente x passado, a cultura x natureza, na proposta de formular um novo pensamento que busque a compreensão do fenômeno urbano na sua amplitude geográfica, histórica, econômica, sociológica e psicológica. Um espaço urbano mais acessível a todos os indivíduos de todas as idades, onde também os mais velhos possam exercitar sua cidadania.

3.3 - Lazer e Envelhecimento

O tema lazer envolve a vida social do homem. Questionar e repensar esse conceito deve ser efetivado com a mesma amplitude com a qual as demais categorias nas ciências humanas abordam os modos de agir do ser humano contemporâneo.

Gutierrez (2001) assinala as diversas contradições que surgem quando se discute o tema lazer nas sociedades modernas. A abordagem mais comum que permeia o conceito de lazer é associá-lo à imagem de “uma atividade não obrigatória de busca pessoal do prazer no tempo disponível” (p.6). Segundo o autor, pensar sobre o tempo livre remete à discussão das formas de trabalho contemporâneas em que as transformações tecnológicas, sócias e políticas.

Nas bibliografias consultadas sobre o tema, diversos autores citam a definição elaborada por Dumazedier:

O conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de bom grado seja para repousar, seja para se divertir, seja para desenvolver sua informação e formação desinteressada, sua participação social, voluntária ou sua livre capacidade criadora, depois de ter-se liberado de suas obrigações profissionais, familiares ou sociais (1999, p.39).

Nas sociedades pré-industriais, o conceito e aplicação do sentido de lazer não existiam. A partir das relações de trabalho impostas na moderna sociedade industrial que surgiu a indagação do que fazer com o tempo livre nos momentos de “não trabalho”.

Marcelino (1996) ao abordar a evolução histórica do entendimento do lazer, estabelece que a sua importância remonta ao nascimento das sociedades industriais e das suas relações com o trabalho no século XIX. Na Europa surgem as primeiras manifestações contra as formas arbitrárias das relações de trabalho. Ao analisar o enfoque sociológico do lazer, o autor ressalta as teorias marxistas que especificam a possibilidade da conquista do tempo livre como “espaço para o desenvolvimento humano”, o que resultaria na humanização do trabalho.

Dumazedier (1999) observa que o ato de se praticar lazer não elimina o trabalho, mas obedece a uma liberação periódica da vida de trabalho. Para que tais atitudes possam ocorrer, será

necessário que essas atividades sejam de livre escolha dos indivíduos e que o tempo livre não esteja necessariamente atrelado aos rituais do trabalho exercido.

Ao abordar as diversas significações do sentido da palavra lazer, o autor a relaciona aos conceitos de tempo e atitude. O tempo se refere ao lazer realizado fora do horário de trabalho ou no “tempo livre” de compromissos. A atitude implica relação entre o sujeito e a experiência provocada pela atividade realizada.

Cabe ressaltar que, ao se debater o tempo livre, discute-se também os progressos advindos da nova sociedade industrial e seu aumento de produtividade, as conquistas sindicais de redução da jornada de trabalho e a necessidade da sociedade de escoar os seus produtos aumentando o tempo de consumo.

Os primeiros estudos sistemáticos sobre as formas de lazer se dão no início do século XX, na Europa e nos Estados Unidos. Contudo, a partir de 1950 esse passa a ser objeto de estudo nas sociedades contemporâneas. A crise pós Grandes Guerras impôs um momento de reconstrução social na busca de projetos que pudessem redimir a humanidade, enfatizando a qualidade dos lazers, conforme relata Oliveira (1997).

No Brasil, segundo Marcelino, (1996), a preocupação a respeito do tema acontece tardiamente em comparação às sociedades mais desenvolvidas, e está subordinado à ocupação urbana nas grandes cidades.

Sob o aspecto etimológico, Leite (1995, p.12) conceitua a palavra “lazer”: do verbo latino “licere”, com o significado de lícito, correto, próprio, livre, espontâneo, ser permitido.

A palavra “ócio”, segundo o mesmo autor, é uma tradução do significado de lazer na língua espanhola. Representava “lazer com dignidade” após uma vida de trabalho, com direito ao descanso, o que mais tarde passou a ter a denominação de aposentadoria.

Ao longo do seu emprego, a palavra “ócio” passou a ter um significado contrário à sua formação original, designando vício, sinônimo de vadiagem. Daí a origem da palavra “ocioso”: aquele que nada faz, reforçando a lógica da valorização pela produção.

A ocupação desse tempo livre passa a ser o principal fenômeno individual, social e ao mesmo tempo coletivo do significado do lazer, sugerido por Leite (1995). A decisão sobre “o que realizar nesse tempo” está condicionada a aspectos culturais, econômicos e sociais impostos pela sociedade em que o homem está inserido.

Oliveira (1997) cita o sociólogo Henri Lefebvre, que relaciona a interpretação da vida cotidiana às possibilidades de lazer que essa proporciona. As regras preestabelecidas são rompidas quando não coincidem com as necessidades humanas da produção econômica do mesmo indivíduo trabalhador.

Os homens almejam no lazer algo que o trabalho ou mesmo a vida privada em família, do modo como estão organizados na sociedade capitalista, dificilmente podem oferecer. É no interior das práticas de lazer e por meio delas que os homens, conscientemente ou não, realizam na extensão de suas possibilidades a crítica de sua vida cotidiana (apud 1997, p.12).

Se as atividades de lazer estão integradas às relações sociais de atividades do indivíduo, essas também estarão associadas a fases determinadas da vida. Se a ocupação do tempo livre remete a um período de não trabalho, duas categorias teoricamente deveriam ser beneficiadas: a dos jovens que ainda não estão trabalhando, e a dos idosos aposentados.

Com o envelhecer, as contradições observadas na interação entre diversas faixas etárias se acentuam: as atividades construídas sob a determinante do trabalho tornam as ações relacionadas ao lazer insatisfatórias para aqueles que estão dele excluídos.

A desvalorização da velhice também atinge os modos de se pensar o lazer nessa etapa da vida. A desvalorização e a negativização de atividades ligadas ao lazer são associadas, na maioria das vezes, “ao tédio ao vazio, à espera de alguma coisa que poderia compensar.” (DUMAZEDIER, 1999, p.114).

Iwanowicz, ao relacionar lazer, envelhecimento e sociabilidade, define: “As relações entre envelhecimento e lazer dependem das possibilidades adequadas e acessíveis para a sua participação e dos hábitos comportamentais formados ao longo da vida” (2000:102).

Para a autora, o idoso afastado do trabalho perde não somente os amplos vínculos sociais, mas também a principal razão de sua existência, que é o processo de manter as relações como meio social e material. A partir de atividades direcionadas ao lazer será possível recuperar o lugar do idoso no processo de reconstrução de papéis dentro da sociedade.

A inexistência do trabalho remunerado apresenta-se ameaçadora no processo de envelhecimento: a rotina de trabalho é interrompida repentinamente e o indivíduo sente-se sem função.

De acordo com Vieira (1996) não existe preparação para a chegada da aposentadoria em nossa sociedade. No atual modelo de relações humanas o envelhecimento não tem papel definido. As relações sociais construídas sob a determinante do trabalho tornam as atividades de lazer

insatisfatórias quando dele se está excluído. O idoso não só perde o contato social e o *status* econômico, como também o direito de participação ativa em seu meio.

Estudos revelam que há uma tendência para a deterioração da cultura e da personalidade quando as pessoas não conseguem usar seu tempo livre com atividades recreativas significativas. Tem sido um grande desafio para o idoso a forma como ele vai ocupar o tempo livre gerado pela aposentadoria, que o isenta das obrigações formais que o compromisso do trabalho impõe.

Historicamente, as atividades recreativas para ocupar o tempo livre de um indivíduo eram espontâneas, centralizadas no lar e em festas de acontecimentos domésticos. No entanto, hoje elas assumiram maiores proporções, visto que sua execução pode refazer as relações do indivíduo com o trabalho, determinando inclusive sua qualidade de vida. Elas podem ser espontâneas, de organização comunitária ou de motivação social (VIEIRA, 1996, p.93).

As atividades de lazer no envelhecimento podem ocupar ou substituir o trabalho numa importante busca de satisfação pessoal quando se envelhece adquirindo um papel de suporte social, colaborando para o processo de desenvolvimento humano.

Vale também salientar a importância da categoria sociocultural em que o idoso está inserido, que influenciará e determinará a continuidade e a escolha das formas de lazer na vida adulta e na velhice.

Para Oliveira (1996), as atividades de lazer envolvem diferentes áreas de interesses no envelhecimento e são dependentes do nível social, cultural e econômico dos indivíduos idosos:

- Os interesses físicos estão relacionados às atividades realizadas durante a utilização do tempo livre, ou seja, a participação ativa na vida social e social em busca da satisfação pessoal. Os esportes são as atividades menos praticadas na velhice, pelas limitações físicas características da idade, falta de práticas semelhantes em fases anteriores da vida e pela desinformação sobre a importância preventiva que podem oferecer e, sobretudo, ausência de incentivo e de espaços apropriados para os que envelhecem.

- Os práticos, que se referem às atividades utilitárias e cotidianas, ligadas a habilidades manuais que não possuem caráter obrigatório no âmbito social.
- Os artísticos, que englobam atividades por meio das quais possa exista a possibilidade de expressão da criatividade.
- Os sociais, além de estarem implícitos nas demais atividades, reforçam o convívio social e formação de grupos. Nesse grupo estão presentes as atividades como bailes, festas e encontros sociais.

A partir do lazer, o idoso pode expressar-se melhor em todos os sentidos, do real ao imaginário. É o direito à demonstração de suas afetividades e sociabilidade. Observa-se certa continuidade nos interesses anteriores, por vezes aprimorados pelo tempo livre agora existente.

O lazer na velhice deverá ser, portanto, baseado em atividades que contêm valor social, para serem representativos. As ações deverão servir como instrumento à busca de liberdade de escolha e de satisfação intrínseca. “Não há luta entre lazer e trabalho, mas uma coexistência” (OLIVEIRA, 1996, p. 118).

Se a sociedade moderna observa o aumento da expectativa de vida e se vê obrigado a discutir multidisciplinarmente um mundo que envelhece rapidamente, pensar modos de agir e de propiciar atividades de lazer para essa faixa etária torna-se fundamental. Já não é suficiente referir-se ao lazer como forma de não trabalho. Cabe levar em consideração outros fatores de igual importância, como espaços apropriados e formas diversificadas de atividades para diferentes idades e classes sociais.

Como ressalta Dumazedier:

O espaço de lazer deve ser amplamente aberto em direção ao futuro, porquanto, no domínio que é seu, as necessidades variam e podem variar não somente com as descobertas técnicas, mas também com a evolução das atividades sociais e dos modelos culturais. Qualquer que seja essa evolução das técnicas e das idéias, uma observação, a nosso ver, é capital para o porvir geral do urbanismo. Pode-se dar antecipadamente por seguro que nos próximos cinquenta anos, o espaço de lazer será cada vez mais necessário para o equilíbrio humano das cidades cada vez maiores, constituídas por uma população cada vez mais rica, cada vez mais instruída, e que trabalha menos (1999, p.171).

E mais adiante:

Não se trata de disciplinar, de reprimir sem utilidade a própria natureza interior, mas de permitir que se realize com o mínimo de coação para o máximo de satisfação individual ou coletiva. O lazer é uma revolta contra a cultura repressiva. Na nova sociedade, é cada menos com respeito às virtudes do trabalho que o lazer é vivido (1999, p.173).

Entretanto, essa mesma sociedade, que evolui vertiginosamente, também abriga em seu seio uma gama de grupos marginalizados que sofrem desigualdades sociais, econômicas e culturais. Faz-se necessário também, nas atividades pertinentes ao lazer, que se pensem novas formas de relações humanas e humanitárias. Repensar e criar novas maneiras de relações e de organizações sociais em que o prazer, a criatividade a diversidade e a originalidade sejam estimulados e respeitados.

Em qualquer atividade realizada por livre escolha, o idoso pode ter no lazer um instrumento importante para a observação de si e do mundo, colaborando para a construção permanente da vida e da valorização do homem, independentemente da idade.

“É para orientar novas análises e estimular uma ação reformadora das antigas instituições para velhos que a gerontologia social começou recentemente a colaborar com a sociologia do lazer” (DUMAZEDIER, 1999, p.129). Por meio de atividades que propiciem o prazer, o novo

velho dessa nova era, tem o direito a buscar novos modos de pensar o tempo livre, no qual imperam a busca e a conquista de diferentes formas de realizações pessoais.

3.5 - O Corpo que Envelhece

Discutir os significados do corpo e a sua representação tempo-espacial (pois ocupa um lugar no espaço sofrendo ações de um tempo determinado), acena para a criação de diferentes formas de relacionamento dos homens entre si, desencadeando mudanças no meio social, cultural e físico. Os homens vão se transformando em sujeitos de seus corpos e de suas ações.

Luria (1987), em sua análise a respeito do desenvolvimento da linguagem e da consciência abstrata humana, ressalta a importância da experiência sensorial para que o indivíduo penetre na essência do mundo exterior e elabore conceitos próprios sobre o mundo que o cerca.

Segundo o autor, parte considerável de todo o conteúdo das relações sociais refere-se aos questionamentos de como se forma o reflexo imediato da realidade, de que maneira o homem reflete o mundo real em que vive e por quais formas elabora imagem do mundo objetivo.

As origens da consciência humana não se buscam nem nas profundidades da alma, nem nos mecanismos cerebrais, mas sim na relação do homem com a realidade, em sua história social, estreitamente ligada com o trabalho e a linguagem (LURIA, 1987, p.22).

Nosso corpo é o veículo de interação homem / exterior, e por intermédio dele que, segundo Vygotsky (1984), realiza-se essa leitura de mundo. “O homem lê o mundo através do movimento” (p.20). Por meio de suas múltiplas experiências corporais, o indivíduo adquire conhecimento e desenvolve potencialidades.

Os modos de interação desse corpo em cada sociedade seguirão princípios ideológicos e determinarão diferenças em suas interpretações. Em torno da representação corporal e de seus significados as sociedades modernas caracterizam os pensares, ações e interpretações de comportamentos.

O fato de falar e de dissociar o conceito de corpo da totalidade do ser é postura dualista, tentativa de fazer desse um objeto de estudo. O artificialismo passa a compartimentalizar os aspectos anatômicos, morfológicos, neurológicos, sociológicos, psicológicos etc.

Bertazzo (1998) ressalta a importância da abordagem do conceito “corpo” de modo global, assim como a impossibilidade de sua fragmentação em diferentes objetos de estudos sem a visão da sua totalidade.

A imagem que cada indivíduo idealiza de si está relacionada ao seu desejo de aceitação e de reconhecimento pelo outro: a imagem corporal é construída a partir do olhar do outro, combinado às experiências pessoais.

Schilder (1999, p.108) define imagem corporal como “a figuração de nosso corpo formada em nossa mente, ou seja, o modo pelo qual o corpo se apresenta para nós”. Essa imagem mental do próprio corpo é formada sob a influência de três componentes: fisiológico (mecanismos neurológicos), psicológico (estrutura libidinal) e social (influência do ambiente externo) que, juntos, integram e mantêm a imagem corporal.

Segundo o autor, o elemento social é um dos fundamentos na construção da imagem corporal. No contato com os outros as pessoas se percebem.

A imagem corporal não é algo pronto e definitivo, mas dinâmica, que se modifica, altera e justifica a sua labilidade pela influência dos estados emocionais, conflitos psíquicos e contato

com o mundo e com os outros. Há fluxo contínuo de sensações em que novas construções são possíveis.

O conceito que cada um tem de seu próprio corpo e de inserção em determinado espaço é modificado continuamente. A figura do corpo desenhada interiormente está em processo de construção e desconstrução, dependendo da maneira que o homem elabora sua experiência de mundo. A imagem corporal formada pelos conceitos sociais é que molda a identidade do sujeito, assumindo um significado que se refere ao corpo como experiência subjetiva, focalizando atitudes e sentimentos do indivíduo para consigo mesmo. Diz respeito às experiências pessoais com o corpo e a maneira como essas vão sendo organizadas.

Gómez (2002) assinala que a percepção do corpo, do que se considera padrão natural em cada sociedade, segue princípios culturais, estabelece categorias, determina diferenças consideradas inquestionáveis e organiza a ordem social:

O caráter evidente e indiscutível dos costumes, o fato de que o corpo se nos apresenta como entidade óbvia - pura realidade - resultado de um longo e complexo processo de naturalização que a faz inquestionável, concede uma condição natural, entre outras, às diferenças entre os sexos e aos processos de exclusão a que dão lugar; às distinções entre crianças, jovens, adultos e idosos, o mesmo que faz desnecessário esclarecer as diferenças entre grupos étnicos e raciais, camponeses e habitantes da cidade, pobres e ricos ou bonitos e feios (GÓMEZ, 2002, p.83).

O entendimento da importância do corpo nas sociedades atuais segue valores antropológicos que determinam diferentes interpretações, produzem tendências de comportamentos, originam formações de papéis sociais, usos e práticas corporais. A abordagem corporal e seus valores individuais e coletivos seguem, portanto, padrões ideológicos, historicamente formulados, responsáveis pela construção e organização das sociedades. Discutir o corpo significa refletir sobre a sua representação social.

A análise do corpo marcada pelas dimensões do tempo (que segue marcos cronológicos como o nascimento, as fases do desenvolvimento e a morte), do espaço (nas formas territoriais de habitação, de sobrevivência e de ocupação), dos diferentes padrões de comportamento ditados pelo gênero (que definem a concepção sobre a sexualidade) e padrões de identidade (determinados por grupos, classes e raças) resulta em dimensão corporal idealizada por ações e pensamentos socialmente concebidos. As formas como esse corpo é interpretado, entendido, educado e utilizado seguem padrões predefinidos e permitem diversos modos de explicação.

A abrangência do tempo descortina dois modos de interpretação e de entendimento do corpo pela história social: o tempo marcado cronologicamente que ordena os dias, as atividades e o desempenho pessoal e o tempo experimentado individualmente, vinculado às histórias de vida de cada indivíduo.

O espaço, segundo Gómez (2002), nos termos em que é concebido na modernidade determina relações distintas entre as ações realizadas em territórios públicos e privados. Dessa forma, os padrões de comportamentos individuais são ditados de acordo com normas públicas impostas pelo coletivo social. Valores como beleza, elegância, bom comportamento e higiene são formulados de acordo com o âmbito social no qual se insere o indivíduo. A concepção de corpo nas sociedades modernas passa a seguir moldes preestabelecidos, socialmente ditados pelas relações do homem em seus espaços geográficos, impregnados de histórias individuais e coletivas de vida.

Segundo a autora:

O discurso da urbanidade encaixa em uma antropologia na qual o indivíduo não é a figura central, e sua subjetividade está subordinada, da mesma forma que sua identidade, ao fato de pertencer a uma comunidade em que primam relações de parentesco e laços sociais que se atualizam na relação cara a cara, alimentada em salões e lugares de encontro (teatro, parques, veraneios, lugares de recreação, tertúlias, trens). Ali se busca impor uma doutrina altamente normatizada e ritualizada que guia a ação e na qual posições pessoais, numa estrutura de classes, gêneros, idades e ofícios, fundam-se em

princípios estéticos com repercussões morais cujo princípio de distinção brilha. (GÓMEZ, 2002, p.92).

E quanto ao corpo que envelhece?

O desenvolvimento socioeconômico, cultural e tecnológico conseguiu aumentar a sobrevivência da espécie humana, e a diversidade do processo de envelhecer tem aspectos desafiadores. O envelhecimento é inerente ao processo de vida. Não se trata, portanto, de um acidente de percurso. Além disso, sobrevém de determinado programa de crescimento e maturação em várias dimensões. Mesmo levando-se em consideração a sua universalidade, ele vai variar de indivíduo para indivíduo e deve ser entendido na sua totalidade. A compreensão dos significados do corpo durante o processo de envelhecimento implica que sua abordagem o abrace em seu conjunto. As modificações corporais inerentes ao processo de envelhecimento desenharam o conceito de identidade do idoso, influenciando e delineando o pensar sobre si mesmo, ou seja, também definem do mesmo modo a subjetividade.

Ao considerar o corpo no processo de envelhecimento, os aspectos biológicos muitas vezes são priorizados, pois além de serem visíveis e mensuráveis, influenciarão a capacidade funcional e o desempenho do idoso.

Neri (2001:63) conceitua capacidade funcional como a avaliação do grau de conservação, da possibilidade de adaptação do indivíduo, ou seja, a capacidade de realizar atividades básicas de autocuidado e de atividades instrumentais em sua vida diária. O indicador de envelhecimento biológico, segundo a autora, está relacionado ao grau de capacidade adaptativa em relação à idade cronológica e tem estreita afinidade com o tempo intrínseco de cada indivíduo, nem sempre cientificamente avaliados. Com o avançar da idade ocorrerão alterações estruturais e funcionais que, embora variem de um indivíduo a outro, são encontradas em todos os idosos, e próprias do processo de envelhecimento normal.

Para Papaleo (2002, p.85), o envelhecimento biológico manifesta-se pelo declínio das funções dos diversos órgãos que, caracteristicamente, tendem a ser linear em função do tempo, não se conseguindo definir um ponto exato de transição, como nas demais fases. Tem início relativamente precoce, ao final da segunda década de vida, perdurando por longo tempo, pouco perceptível, até que surjam, no final da terceira década, as primeiras alterações funcionais e / ou estruturais atribuídas ao envelhecimento.

Doenças podem induzir tais modificações que, com freqüência, assumem maior intensidade, exteriorizando-se comumente de maneira a tornar possível sua caracterização. Porém, não é sempre fácil estabelecer os limites entre senescência e senilidade, ou seja, modificações peculiares do envelhecimento e as decorrentes de processos mórbidos mais comuns do idoso.

Essa involução biológica acarreta limitações funcionais, aumentando as dificuldades de realização das atividades cotidianas, maior probabilidade do aparecimento de doenças e modificações estéticas que alteram os ideais de beleza e aceitação.

O Redimensionar a compreensão do corpo durante o processo de envelhecimento, implica que sua abordagem ser analisada de modo multifatorial. Mais do que priorizar os aspectos fisiológicos desse corpo que envelhece, será necessário que uma visão mais densa se estabeleça na busca de ampliar a sua significação: como experiência individual, social e simbólica, ou seja, uma abordagem do indivíduo e sua representação corporal em uma sociedade determinada.

Goldfarb (1998) assinala que ao se abordar a questão do corpo no envelhecimento existe um cruzamento entre a velhice como uma categoria que determina a identidade do idoso em um meio social e vivenciar de modo particular o significado do “ser que envelhece” de modo

subjetivo. “um corpo sobre o qual os afetos, os prazeres, os sofrimentos e as emoções vão deixando marcas, construindo história, criando uma imagem que nos permitirá nos reconhecermos sempre os mesmos.” (p.108).

A autora também aponta a dualidade entre os tempos cronológico e interior vivenciados durante a história individual. O tempo medido pelos anos de vida tem pouca relação com o tempo percebido subjetivamente, responsável pela construção da realidade individual do idoso. Entretanto, “No entrecruzamento destes dois tempos encontra-se o sujeito que envelhece” (p.108).

Simões (1998) ao discutir o conceito de corpo no processo de envelhecimento, fala que o homem contemporâneo parece redescobrir o seu verdadeiro sentido; realidade perdida nas dualidades corpo/espírito, corpo/mente, presentes na construção da história ocidental: descrever o corpo, vivenciar sua idéia, relacionar-se consigo mesmo e com as coisas.

A autora reforça a dimensão e a importância derivadas dessa visão unitária e global de corpo, introduzindo o conceito de *corporeidade*, ou seja, a condição de presença, participação e significação do homem no mundo. Refletir sobre a *idéia e a consciência de corpo* inserido num contexto social específico.

Nosso corpo forma um conjunto de estruturas e funções das mais simples às mais complexas. Ele, em princípio, pode ser entendido e interpretado por duas vertentes. Na primeira, como já vimos, o corpo pode ser abordado pelos seus aspectos biológico, (pelas estruturas anatômicas e funções fisiológicas) e psicológico. Na segunda abordagem, o corpo pode ser referido enquanto morada, lugar onde somos plenamente como forma de presença no mundo e, como tal, deixa fluir a subjetividade (SIMÕES, 1998, p.61).

Por estar intrinsecamente relacionado a um tempo histórico e social, o entendimento sobre o corpo que envelhece sofrerá diferentes interpretações, que irão variar de acordo com valores culturais e exigências elaboradas pelos grupos sociais dominantes de uma sociedade distinta.

No atual modelo da sociedade capitalista contemporânea, caracterizada pela supremacia dos que mantêm o poder econômico, em que o culto à velocidade de ações tornou-se um alvo desejado, e a efemeridade dos fatos é realidade cotidiana, avaliar os conceitos relativos ao corpo que envelhece torna-se fundamental para que se compreenda o papel exercido pelos mais velhos nesse contexto social e as influências no sentir e no agir individual desses seres em processo de envelhecimento.

Para Simões:

Dentro desse contexto é importante destacar a visão de corpo que predomina na sociedade capitalista. O corpo é tido como um objeto de produção a serviço da classe dominante e, para tanto, precisa ser um corpo forte, sadio, bonito, com capacidade para produzir mais, atributos relacionados às idades mais jovens. (1988, p.70).

O idoso que não possui as qualidades corporais atribuídas aos mais jovens tende a ser discriminado e marginalizado culturalmente. A sensação de exclusão e de impotência é freqüente. A funcionalidade do corpo, portanto, não é medida biologicamente apenas, mas ditada por valores culturais e sociais estabelecidos previamente, influenciada por modelos elaborados e definidos ideologicamente. Institui-se categoria com características comuns a todos.

Há na sociedade industrial o predomínio acirrado da competição entre as pessoas, na busca de promoção social e humana como resultante direta da estrutura e da produção. Os inabilitados são desprezados socialmente, ficando segregados e discriminados; assim são consideradas as pessoas que ingressam na Terceira Idade (SIMÕES, 1998, p.80).

A idéia subjetiva e singular do envelhecimento será influenciada por valores externos que definem a velhice como categoria, moldando a identidade do idoso. A estimulação proveniente do exterior influencia o comportamento interno de modo muito complexo. O que o grupo social pensa sobre a pessoa define o modo como a percebe, bem como a maneira de como se comportar em relação a ela. A percepção como alguém pensa a seu próprio respeito afeta seu autoconceito e, por conseguinte normatiza o seu comportamento: atitudes e estereótipos são dois importantes fatores intervenientes.

Entretanto, envelhecer é um processo dinâmico e individual, em que as alterações internas são também interpretadas e moldadas pelos fatores externos, estando em um processo contínuo de mudanças e transformações que não podem ser mensuradas cronologicamente.

A percepção do tempo vivido também é interna e subjetiva, e que Goldfarb (1998) nomeia como *temporalidade*, ou seja, o sentimento individual da passagem do tempo.

O corpo que envelhece não está separado do meio no qual está inserido. As formas de relações entre o interno e o externo determinarão os modos de vivenciar essa fase da vida de modo singular. O ser humano é fruto da influência mútua entre o sentir e o estar. Dessa fusão se fundamentam os elementos formadores da subjetividade e os elementos que compõem a satisfação pessoal.

A autora define a dificuldade de generalizar a velhice como categoria com atributos e valores comuns a todos, pois o estar envelhecendo é ação continuada em que a subjetividade está em constante transformação.

Para a autora:

As limitações corporais e a consciência da temporalidade são problemáticas fundamentais no processo de envelhecimento, aparecendo de maneira

reiterada no discurso dos idosos, embora possam adquirir diferentes nuances e intensidades dependendo da sua situação social e da sua estrutura psíquica. (GOLDFARB, 1998, p.13).

Monteiro (2003) reforça a importância de se separar os conceitos que classificam a velhice de maneira generalista das formas subjetivas de envelhecer. O autor escreve:

A individualidade é indivisa e irredutível. Portanto, o envelhecimento biológico humano não pode ser entendido por mensurações deterministas, classificado por idades cronológicas. Envelhecer é um processo do sujeito que vive o seu próprio tempo, ou seja, é um processo particular e peculiar a cada um. Os sujeitos são seres individuais que nascem, envelhecem, evoluem e morrem (MONTEIRO, 2003, p.57).

O corpo é o instrumento de interação entre o interno e o meio externo; estar ou não em consonância com os movimentos e sensações corpóreas determinam o modo de vivenciar o tempo e o espaço de cada indivíduo. Essa temporalidade, influenciada pela exclusão e marginalização social, dificuldades econômicas, proximidade com a morte, e associada às limitações e modificações do corpo no envelhecimento, colabora para que os idosos passem a experimentar um processo de isolamento interior, que impede novas formas de experimentação do mundo que o cerca; e exterior, pois a sociedade classifica como diferente e indesejado todo aquele que se desvia do padrão de sucesso e aceitação social.

A classificação do envelhecimento como categoria apresenta-se com conotações negativas. O corpo passa a representar fardo inevitável em que já não há mais espaço para o prazer. O estímulo a novas experiências fica relegado a segundo plano.

As características biológicas, e por isto mesmo mais aparentes do envelhecimento, definem os padrões de identidade social do envelhecimento. Os cabelos brancos, rugas, alterações corporais e seus limites funcionais acabam por classificá-lo de maneira limitada e corroboram para a identidade do idoso ser classificada de modo negativo. Tudo aquilo que foge aos padrões

socialmente aceitos de beleza e funcionalidade não é aceito. A velhice é encarada como categoria dotada de valores e características comuns, não se levando em consideração as peculiaridades de cada indivíduo e sua diversidade de relacionamento social.

A identidade do idoso é forjada em bases negativas a respeito do envelhecer. O biológico se sobrepõe ao social e define padrões de comportamentos, da sociedade para os que envelhecem, e do para o velho consigo mesmo. O imaginário com relação à velhice e o ser velho é construído baseado em valores sociais que o classifica de maneira excludente. Adjetivos como deficiente, antiquado, doente, rejeitado, lento, antigo, fora do tempo atual, inábil, mal-humorado, triste e de aspecto desagradável, colaboram para a identidade do idoso ser classificada de modo angustiante. Uma etapa da vida que se contrapõe à juventude e seus valores, e por isso mesmo permeada pela negação e não aceitação desse estágio do desenvolvimento humano.

Monteiro assinala:

O humano é subjetivo, indeterminado, e não um objeto que possa ser classificado em série. Portanto, a velhice não pode ser vista exclusivamente por uma perspectiva biológica, porque o humano não é somente uma identidade biológica. É, também, um ser social, cultural, psicológico e espiritual. Assim, cabe a nós questionar profundamente essas teorias para que possamos revelar a face obscurecida do velho que se esconde aos nossos olhos por trás das máscaras de identidade social. Mas porque a identidade de velho foi criada a partir de atributos tão negativos? (2003, p.46).

O corpo volta a ter papel fundamental nas relações do velho com seu mundo externo e a formação de seu próprio conceito. Voltando a Vygotsky (1984), ele ressalta que o ser humano interage e formula sua concepção de mundo a partir do movimento. O corpo é a sua ligação com o meio externo, sendo transformado e transformando-o. É necessário que o sentimento do próprio corpo esteja presente para o indivíduo se situar no seu tempo e agir em seu espaço.

A noção e o sentimento de temporalidade são frutos da inter-relação do corpo com o meio e participam da construção de sua história. A percepção da passagem do tempo, quando o passado influencia o presente e o futuro apresenta-se como possibilidade a ser atingida, organiza os pensamentos e possibilita a inserção e a ação do ser humano em seu mundo. Estar isolado ou excluído altera a noção de realidade e influencia de maneira negativa a maneira de como perceber o corpo alterando a imagem corporal.

A prática é se afastar ou negar tudo aquilo que é diferente e, por isso mesmo, desconfortável. Somente a partir da aproximação do que considera desigual, avaliando e considerando as peculiaridades, tem-se a possibilidade de modificar o olhar e conseqüentemente o pensar a seu respeito. A generalização do envelhecimento impede que as individualidades sejam consideradas e valorizadas.

Sant'Anna (2001) em seu livro "Corpos de Passagem", ressalta a valorização da velocidade, abstração, relatividade e leveza como valores fundamentais nos tempos modernos, em que a produção industrial e sua capacidade de gerar bens economicamente mensuráveis são sinônimos de sucesso e poder. Em contrapartida, os conceitos de lentidão, peso e imobilidade são sinais de deficiências e inadaptação ao universo contemporâneo culturalmente determinado.

O organismo humano, baseado em tais princípios, deve trabalhar de maneira fragmentada, como máquina composta de várias peças, cujo saldo da produção deve ser perfeito e apresente resultados satisfatórios e mensuráveis.

Os padrões de estética também assumem os valores da efemeridade e da velocidade, o volume dá lugar à linearidade plana. A valorização de costumes e modos de agir passageiros

reforça os atributos veiculados à juventude. Corpos que não apresentam marcas do tempo, rostos sem a presença de rugas e cabelos brancos passam a ser objetos do desejo e ideal a ser atingido.

Nesse aspecto, as características atribuídas ao corpo que envelhece conferirem valores não condizentes ao que se apregoa como desejado e aceito. A fragmentação do corpo como máquina que tem seu funcionamento balizado pela rapidez e quantidade de atividades produzidas em um tempo reduzido não se encaixa nas características biológicas inerentes ao envelhecer. O peso e a lentidão do corpo em processo de envelhecimento transformam-se culturalmente em algo que deve ser ultrapassado e excluído. “Com essa espécie de generalização da aversão a tudo o que impede a emergência das formas e atitudes aerodinâmicas, assistimos, mais uma vez na história ao fortalecimento da antiga intolerância ao peso e a toda a espera” (SANT’ANNA, 2001, p.45).

Sant’Anna (2001) analisa como os corpos nesse modelo de sociedade tornam-se instrumentos inconsistentes de integração com o mundo exterior. Tempo, corpo e atividades são avaliados de maneira separada e fragmentada, como se o ser humano assumisse o papel de passageiro rápido e impessoal de seu ciclo de vida, passagem sem marcas pela existência humana, um *corpo-passageiro*.

A autora utiliza os espaços dos aeroportos e dos hospitais para exemplificar territórios considerados impessoais, em que se observa de maneira concreta a efemeridade das relações com o corpo nos moldes de fugacidade das situações contemporâneas. A primeira situação diz respeito à espera impessoal de um voo nos aeroportos. A segunda refere-se à impessoalidade da espera da recuperação ou mesmo da morte nos hospitais e unidades de terapia intensiva. Em ambas as situações, como passageiros ou pacientes, os indivíduos entregam suas vidas a profissionais

desconhecidos, cujas habilidades e equipamentos fogem à compreensão. As esperas do vôo ou das condutas hospitalares causam dúvidas e receios.

Durante cirurgias e viagens, os corpos permanecem sob o comando de especialistas encarregados de pilotá-los. Tanto os passageiros dos aviões quanto os pacientes dos hospitais tendem a ser separados de suas bagagens, convidados ainda que discretamente, a serem calmos e dóceis (SANT'ANNA, 2001, p.34).

A autora propõe, entretanto, em seu estudo, que uma nova reflexão seja formulada a respeito da lentidão, contrapondo-se à velocidade atual: não mais sendo considerada deficiência, mas escolha, possibilidade a ser conquistada. “Se a velocidade dota a natureza e as coisas de uma mobilidade inusitada, a lentidão realça a força de sua presença, tornando incontornáveis as singularidades da paisagem” (SANT'ANNA, 2001, p.17).

Embasada nesse novo pensar sobre a lentidão, a autora propõe outra forma de passagem dos corpos pela existência humana: o espaço e o tempo integrarem-se de maneira ampla, priorizando as relações com o exterior e sua compreensão interior, ou seja, alterando a natureza e sendo alterado por ela. A passagem pode ser entendida como transformação nos modos de agir que afetam a subjetividade do indivíduo, numa comunhão entre o sentir e o estar. “Nos *corpos-passagens* é a alma que amadurece em um corpo enquanto esse abandona sua suposta condição de suporte de inscrição da vontade” (SANT'ANNA, 2001, p.106).

A autora ressalta que é facilitada no envelhecimento, a transformação do corpo como passagem. Mesmo sendo esta, uma etapa da vida onde os sentimentos de negação, desconforto, exclusão e dúvidas também representam a consciência do envelhecer. Um momento de passagem não como formula mágica para resolução de problemas, mas reflexão desse corpo que envelhece como instrumento vivo. Os acontecimentos e modificações corpóreas podem ser nesse

período objetos de vergonha ou negação, porém existe a possibilidade de assumir o corpo como instrumento de continuidade e de realizações de desejos. Por meio do enfrentamento direto com a realidade, com rudezas e perspectivas, o ser humano tem a possibilidade de integrar-se ao mundo e dele ser elemento transformador.

Segundo Sant'Anna (2001), os princípios que separam o corpo dos sentimentos interiores devem ser reformulados para que essa passagem possa ser facilitada: “Muito mais do que um corpo que se *tem* é necessário refletir sobre o corpo que se *é*” (p.107). A idéia de unidade entre o material e o espiritual assume papel de importância nessa nova perspectiva. Enfrentar as transformações corpóreas não como pesada bagagem a ser forçosamente conduzida, mas instrumento, bilhete de passagem para viagens de reconhecimento e integração nessa nova etapa da vida.

Os padrões estéticos socialmente aceitos também necessitam de reformulação. Muito mais do que o culto à juventude eterna, a reflexão sobre padrões funcionais que facilitem a movimentação do idoso em seu espaço, preservando independência e autonomia, devem ser consideradas. Valorizar o corpo e seus movimentos como veículo de integração inserido espacialmente em seu tempo.

Também pode parecer algo inviável quando a existência de todos os seres, espaços e objetos não é considerada diferente da existência humana ou quando não se admite que seus modos de vida possuem uma complexidade cujo entendimento, em muito, nos escapa. Mas pode fazer algum sentido nos momentos em que acolhemos, mesmo que seja por descuido, experiências irrepresentáveis e vivemos emoções junto a seres e objetos difíceis de serem alcançados por palavras (SANT'ANNA, 2001, p.113).

Mais do que enfatizar a homogeneização de padrões e atitudes ligados ao envelhecimento e ao corpo que envelhece, é necessário um aprendizado constante em que as individualidades

sejam respeitadas e compreendidas. A luta pelo reconhecimento e aceitação deve ser ideal a ser perseguido.

Já possuímos muitas noções sobre ética social, sabemos quais os limites de nosso poder sobre o outro ou sobre uma comunidade, mas pouco sabemos da ética do funcionamento do corpo humano.[...] Além de respeitar a integridade social e política de cada indivíduo, é preciso começar urgentemente a observar o respeito à integridade do corpo (BERTAZZO, 1998, p.10).

3.6 - O Corpo em movimento

Bertazzo (1998) em seu livro *Cidadão Corpo*, enfoca a importância do corpo que se movimenta, transformando-se em instrumento de prazer. As percepções corpóreas advindas dos movimentos realizados pelo corpo são os elementos que permitem ao homem experimentar e vivenciar as sensações que o mundo externo proporciona. “Nosso corpo é feito para o movimento, e por essa razão devemos experimentá-lo, prová-lo ou vivê-lo sempre em sua mobilidade, em suas possibilidades de movimento” (p.41).

Segundo o autor, os movimentos elaborados em nossa consciência permitem a percepção e a conceituação dos espaços que se inserem em um tempo determinado. Essa simultaneidade entre tempo/espaço/movimentos corporais é aprendida ao longo do desenvolvimento de cada um, e modificada de acordo com a história e possibilidades de experimentação de mundo; individuais e coletivas, que cada meio socialmente definido oferece.

Mobilizar o corpo, na realização de atividades instrumentais básicas do nosso cotidiano ou na prática de exercícios elaborados, necessita uma representação física daquilo que nossa consciência organiza. Essa transformação do *pensar* em *agir* deverá ser objeto de prazer e de

interação do homem consigo mesmo e com o universo à sua volta. Do contrário, os movimentos realizados não passarão de automatismos aprendidos e repetidos ao longo da vida, superficialmente elaborados e interiorizados.

É necessário que exista a percepção do movimento. Realizar automaticamente atividades corporais impedem que o corpo tenha um aproveitamento agradável e funcional de seus gestos e movimentos, e limita vivenciar esse corpo que se movimenta.

Essa vivência corpórea, portanto, resulta de procedimento voluntário. Ela se situa na experiência representativa e simbólica do indivíduo por intermédio de uma experimentação progressiva; é somatório da capacidade anatomofuncional, de sensações fornecidas pelo próprio corpo, da aprendizagem motora e suas relações com o mundo externo.

A fusão entre o anatômico, a percepção do próprio corpo e experiências motoras que o meio externo proporciona, é finalizada em movimentos corporais. Temos um corpo composto de ossos, músculos, órgãos, sangue, cérebro, mas que pensa, chora, sente dor, movimenta-se e necessita relacionar-se com outras pessoas.

Não se trata apenas de discutir a fisiologia e a biomecânica do movimento, responsáveis maiores pela ação física, mas analisar a relação do indivíduo que se movimenta, sofrendo influências culturais elaboradas durante o relacionamento com os diversos grupos sociais que o cercam. Modificar o meio externo e ser modificado por ele.

Os movimentos individuais são formados dentro de padrões culturais e sociais definidos pelo coletivo social. Cria-se uma identidade motora que os classifica, valorizando ou não padrões de movimentos corporais.

Tal premissa é ressaltada por Iwanowicz:

Somos moldados socialmente na nossa forma de andar, de sentar, de respirar (é feio fazer barulho), de falar, de comer, de gesticular, de produzir o som da nossa voz. Tudo isto consiste numa experiência motora e psicológica. [...] A adaptação às exigências externas pode ser prazerosa e positiva para nós ou não (1995, pgs. 47-48).

Durante o processo de envelhecimento existem várias mudanças biológicas consideradas normais e que contribuem para o declínio funcional do idoso: alterações na produção do colágeno (torna as estruturas elásticas, como articulações, veias e artérias menos flexíveis), diminuição da capacidade vital respiratória, diminuição da velocidade da condução nervosa (faz com que a resposta motora aconteça de maneira mais lenta), alterações na capacidade de bombeamento cardíaco, perda de massa muscular (que altera a contratilidade e elasticidade dos músculos e diminuição da reposição óssea (torna o sistema esquelético fragilizado).

Tais mudanças determinam também as alterações morfológicas evidenciadas na postura e na aparência, característica dos indivíduos em processo de envelhecimento.

É também de vital importância sinalizar o declínio das capacidades imunológicas orgânicas, que predispõe o organismo ao aparecimento de doenças nesta fase da vida.

Os movimentos corpóreos, socialmente exigidos e adequados à ação motora são elaborados para que um corpo jovem os realize. Ao idoso, normalmente, são atribuídos modelos motores considerados inadequados, e por isso mesmo relegados a um segundo plano de importância. Frequentemente, pelas exigências impostas pelo meio e características biológicas do envelhecimento, as ações corpóreas do indivíduo idoso tornam-se restritivas e limitadas.

O medo do fracasso, atitudes culturalmente aprendidas como típicas do envelhecimento, a falta de exploração dos recursos e das oportunidades que o meio externo pode proporcionar, as instabilidades posturais, as alterações da velocidade e da precisão dos movimentos, levam

freqüentemente ao abandono corporal e ao esquecimento das possibilidades de interação corpo/ movimento/ natureza. “O esquecimento ou abandono das partes do corpo significa certa rejeição e perda de identificação” (IWANOWICZ, 1998, p.47).

Vitta (2000) considera que manter um padrão de saúde física é o principal fator de bem-estar na velhice. Assumir comportamentos que previnem ou recuperam déficits funcionais, incentivar ações que estimulam intervenções educacionais que reformulem estereótipos relacionados ao envelhecer, favorecer atividades que combatam o imobilismo e a negação do próprio corpo, promover atividades que incentivam a sociabilização e a auto-estima são objetivos almejados para o bem-estar e a integração do idoso em seu meio. A atividade física é instrumento importante de ligação do homem com o seu universo e de retorno ao processo de autoconhecimento.

Para o autor:

Em indivíduos idosos, há forte relação entre bem-estar, crença de auto-eficácia e a capacidade do indivíduo de atuar sobre o ambiente e sobre si mesmo. Quanto melhores forem as condições de um indivíduo em relação a esses aspectos, menor será sua vulnerabilidade ao estresse psicológico e às doenças. A atividade física regular é importante fator na determinação das condições que promovem o aumento de sua capacidade geral de adaptação física e psicológica: ajuda a combater os efeitos de várias condições sociais e pessoais que, por si sós, tendem a gerar mudanças no senso de controle, na atividade e no envolvimento, tais como a aposentadoria, o desemprego e a diminuição da capacidade física (VITTA, 2000, p.86).

Novamente, o pensamento de Vygotsky (1984) reforça o estudo: o corpo e seus movimentos são os veículos de integração e realização do indivíduo em seu meio.

Será também pertinente salientar a importância da atividade física realizada em grupo. Wagner (1990) ressalta que a prática de atividades em grupos promove a troca de experiências e

vivências, incentiva a possibilidade de criação de novos projetos e desenvolve a sociabilização entre os integrantes do grupo.

A autora também assinala a importância de se redescobrir o prazer e a ludicidade promovidos pelo uso do corpo e a exploração de suas habilidades. A fase adulta tende a ser permeada pela importância e valorização dos movimentos funcionais e utilitários. Nas sociedades atuais os movimentos são freqüentemente associados à eficácia, rapidez e produtividade, atributos dificilmente associados ao envelhecer. O ato de brincar, segundo a autora, é associado aos indivíduos adultos como demonstração de infantilidade.

A sensação de alegria produzida pelo movimento e a descoberta de novas ou perdidas habilidades devem ser estimuladas. A atividade física no envelhecimento é também modo de ligação entre o ser que envelhece e o mundo à sua volta.

A prática de atividades físicas no envelhecimento não impede o envelhecer, mas colabora para que as alterações biológicas e funcionais sejam mais lentas, mantém sistemas orgânicos, recupera funções, aumenta as sensações corpóreas, valorizando a linguagem corporal e a auto-estima, desenvolve a sociabilização e retoma o aspecto lúdico do movimento.

O movimento elaborado aprendido, recuperado ou salvaguardado na velhice contribui para conceituar o corpo que envelhece como sendo o meio de comunicação com o mundo, e criando oportunidades de mudanças de atitudes e pensamentos sobre o envelhecer.

3.6 - O corpo que dança

Rodriguez (1997), ao definir o conceito de dança, registra que a fragmentação corpo/alma tão comumente apresentada em nossos dias se funde por meio do ato de dançar. “Situamos a dança como atividade em que vários corpos se integram para gerar conhecimentos no âmbito do sensível, do perceptível e das relações humanas a partir de um contato com a realidade circundante” (p.23).

O ato de dançar, segundo Mendes (1987) é formado por movimentos e gestos, porém nem todo movimento ou gesto é uma dança. Segundo a autora, para se obter um resultado considerado “mágico”, que represente a união do concreto com o sensível, é necessário que a dança tenha um caráter de movimentos homogêneos e integrados no tempo, viabilizada por um ritmo. É o ritmo (interno ou externo, acompanhado de som ou não) o responsável pela integração do movimento que se apresenta em um tempo determinado e desenvolvido em um espaço definido.

Dançar é a transformação de movimentos comuns em gestos e ações elaboradas e diferenciadas. Segundo a autora:

Dança é movimento. Movimento e gestos, a partir de sua ordenação no espaço e dentro do tempo, regulada pelo ritmo interior e pessoal do ser dançante, ou exterior a ele, podendo, querendo ou não, expressar sentimentos e emoções. Mantendo-se nesse nível, ela se basta para constituir-se como uma arte completa, autônoma (MENDES, 1987, p.74).

Segundo a autora, a dança já existia nas eras primitivas como manifestação da arte. No início, sua prática era associada ao universo místico, forma de comunicação entre homens, deuses e espíritos. Posteriormente, adquiriu a forma de espetáculo, instrumento de integração entre os homens, não mais com os deuses.

Atualmente, o ato de dançar assume diversas finalidades, que apresentam diferentes funções: expressão artística, atividade integrativa de jogos, exercícios físicos etc.

Mesmo sendo o ritmo considerado parte fundamental na estruturação do ato de dançar, praticamente em todas as definições estudadas o sentido cultural organiza e fornece um caráter de identidade à dança. Por meio das manifestações transformadas em movimentos, gestos, expressões, a dança é a representação simbólica de determinada cultura. Forma de expressão da criatividade humana, da integração homem/natureza, elo de comunicação entre ações, sentimentos e movimentos realizados pelo corpo humano.

Dançar também é expressar o prazer de quem a executa ou a assiste; é atividade lúdica; manifestação artística. Elemento de expressão em todas as idades biológicas.

O ato de dançar, no envelhecimento, merece considerações específicas, pois por meio de movimentos corporais elaborados a ação é desenvolvida.

Os temas corpo e envelhecimento já foram discutidos neste estudo. Entretanto, cabe ressaltar a importância do sentir o corpo que envelhece, corpo permeado de histórias e marcado por vivências pessoais e coletivas.

Segundo Monteiro (2003) pelas interações sociais e da convivência com o outro temos a possibilidade de reformular conceitos e interagirmos em nosso meio. O instrumento de comunicação entre o interior e o exterior são as sensações emitidas e recebidas pelos sentidos e a movimentação do corpo no espaço. Sentir o próprio corpo permite que haja novas sensações e experimentações.

“Quando a atenção focaliza o estímulo sensorial que atinge nossa superfície corporal, percebemos o aqui e o agora. Desse modo, o corpo é o principal ponto de referência tanto para a situação espacial onde nos encontramos localizados, quanto para o momento atual que vivemos. Sendo assim, o corpo é o ponto, o foco do tempo presente” (MONTEIRO, 2003, p.36).

Entretanto, Monteiro (2003), indica a necessidade da aceitação de que os velhos possuem formas diferenciadas de viver. Reforça a importância da descoberta ou redescoberta do próprio corpo, do espaço onde as relações acontecem e da noção do tempo presente como somatória do passado e dos projetos futuros.

O idoso, que muitas vezes tem o seu corpo esquecido, abandonado e deficiente de movimentos elaborados, pode ter no ato de dançar meio de integração com os outros e consigo mesmo.

Não será intenção de este estudo enumerar as vantagens biológicas que a prática da dança programada como atividade física no envelhecimento propicia. A conexão entre música, sentimentos e movimentos desenvolve e estimula funções corpóreas, valoriza a auto-estima e a socialização.

A abordagem desta pesquisa foi direcionada aos idosos que encontraram no ato de dançar forma de integração social, resgate de memória corporal e prazer.

Cenário**IV****BAILA COMIGO**

Lopes (1998) em seu artigo “Velhos Indignos”, discute o comportamento de indivíduos acima de 60 anos que procuram novas formas de participação e inserção social, em contraposição a estereótipos que definem a velhice como fase da vida na qual o isolamento, a segregação social e a inatividade são características comumente a ela atribuídas, no modelo das organizações sociais contemporâneas.

A autora procura investigar a partir de relatos de vida e do estudo da obra literária de Brecht ¹⁷, “A Velha Senhora Indigna”, como idosos podem participar de atividades que lhes confirmem novo sentido às suas existências. Em analogia ao mesmo termo utilizado no conto de Brecht, a autora nomeou como idosos socialmente ativos ou “indignos” aqueles que exercem atividade que seja significativa. A definição de “indignidade” foi atribuída a comportamentos que fogem aos modelos preestabelecidos nos indivíduos que envelhecem e “que não se enquadram na estereotipia negativista” (LOPES, 1998, p.70) do envelhecimento.

¹⁷ Bertolt Brecht (1898-1956), dramaturgo e poeta alemão, escreveu, entre os anos 1947-1949, “Histórias de Almanaque”, reunião de contos, entre eles, “a Velha Senhora Indigna”. O texto relata a trajetória de uma pacata mulher, mãe de cinco filhos, que ao enviuvar, aos 72 anos, rompe com os conceitos tradicionais relacionados ao envelhecimento, criando nova identidade. No conto, a velha senhora decide não morar com nenhum dos filhos e passa a assumir comportamentos e valores livres dos clichês ligados ao envelhecer. O falatório da cidade e a incompreensão dos filhos deram origem ao tratamento destinado à senhora como sendo uma pessoa indigna para a sociedade à qual pertencia. (BRECHT, B. “Histórias de Almanaque”, 1987).

O mundo contemporâneo, baseado em princípios capitalistas de trabalho e produtividade, condena os idosos a situações de exclusão. Além das dificuldades econômicas, de saúde, e de locomoção, os indivíduos em processo de envelhecimento sofrem também série de preconceitos quando procuram exercer o seu direito ao lazer, ou ao desenvolverem atividades que fogem do estereótipo do velho pacato determinado pela sociedade de consumo atual.

Na busca de novos modos de existência e de atuação, os indivíduos em processo de envelhecimento rompem com padrões negativistas previamente estabelecidos, e criam outras formas de exercer a cidadania.

Em seu estudo, Lopes 1998 discorre sobre a irreverência que certos comportamentos de idosos podem causar, quando suas ações e anseios tornam-se públicos, saindo do contexto familiar. Ampliando os horizontes de possibilidades e atividades, esses grupos de indivíduos em processo de envelhecimento buscam novas formas de significação e de inserção social.

Também Goldfarb (1998) ressalta a dificuldade de criar valores socialmente positivos para o envelhecer, pois trata-se de uma fase em que o indivíduo passa a ser freqüentemente marginalizado, o que a autora denominou “uma espécie de sujeito em “suspensão”, sujeito sem projetos” (p.28).

Para a autora:

Os velhos deverão ser os protagonistas de sua história, reivindicando seus direitos de cidadania, de prazer, de reconhecimento social, mas também assumindo a responsabilidade social de serem os agentes modificadores de uma realidade que lhes é imposta como negativa, inaugurando, enfim, um tempo que seja de viver e não de espera passiva da morte (LOPES,1998, p.120).

Embasado nos conceitos e valores atribuídos por Lopes e Goldfarb, este estudo atribuiu o mesmo adjetivo aos velhos freqüentadores dos bailes da Praça Pedro Sanches de Poços de Caldas. Os “Indignos Velhos Dançarinos”.

Este capítulo pondera sobre a velhice e sua vivência no conceito singular, subjetivo: olhar para o envelhecimento dos velhos que dançam na praça de Poços de Caldas.

As descrições da Praça Pedro Sanches, do coreto e dos bailes que acontecem à sua volta foram idealizadas procurando reunir dados historicamente oficializados, assim como impressões pessoais daqueles que utilizam esses espaços. A informação oficial e as impressões pessoais compusessem, enfim, trabalho de pesquisa, comunicação e cumplicidade entre os dados obtidos.

A dissertação de Matthes (2005) serviu como base para as discussões e descrições.

O aspecto descritivo da praça, coreto e bailes ocorreram sob o olhar da gerontologia e, sobretudo, para o entendimento de como os espaços estão sendo reapropriados pelos idosos que os freqüentam, contribuindo para haver novas formas de ocupação e valorização.

Foram utilizados também diversos relatos pessoais de velhos que não dançam, mas que contam a história da Praça Pedro Sanches e de seu coreto como recortes de memória, utilizados para compor cenário subjetivo e singular.

Lira (2005), ao abordar a história do urbanismo no Brasil, pondera sobre a importância dos diversos olhares que compõem a compreensão da formação das cidades: a perspectiva dos nativos do lugar, dos viajantes que a percorrem e a somatória destes dois mundos, traduzidos como roteiro de viagem para os espaços descobertos.

Segundo o autor:

Significativo para a história do urbanismo no Brasil, o episódio sugere um triângulo interessante entre a cidade, o estrangeiro e o nativo. Pois se o filho da terra repetia o Don Juan, conduzindo-o pela fisionomia local pouco visível, na corte ao visitante também lhe facultava o encantamento. O guia sentimental abolia a norma turística e introduzia as balizas da evocação, da intuição e da imaginação no acesso a um certo "caráter" sedutor da cidade; não previsto, incerto, que atualizava a alegoria da "viagem de um mundo a outro". Mais do que a transposição de uma distância, tratava-se de suscitar no observador – estrangeiro ou nativo – um novo modo de ver, uma mudança de perspectiva, pelo comércio entre o próprio e o ignorado, o seu mundo e o outro mundo (LIRA, 2005:24).

Procurou-se compor visão múltipla da cidade de Poços de Caldas: reunião dos aspectos históricos, visão dos entrevistados e a pesquisadora como sujeitos integrantes e usuários da vida urbana da cidade e de seu espaço central.

Por meio de pesquisas oficiais, depoimentos e descrições dos entrevistados, e observações da entrevistadora, buscou-se alcançar um olhar compartilhado para o entendimento da cidade e de sua praça central: integração de memórias da vida da cidade à vida de seus usuários, daqueles que escreveram oficialmente ou a escrevem a partir de relatos a história da cidade, da praça e das vidas que compartilham “Um Lugar Chamado Poços de Caldas”.

Para Villaverde:

Torna-se imprescindível compreender a dinâmica espaço/ tempo do lazer, potencializando percepções, gerando toda uma gama de emoções, refletindo em mudanças no modo de ser e de viver, restabelecendo redes de sociabilidades, abrindo caminhos para transformar os espaços públicos em agentes positivos, isto é, a favor dos interesses sociais, possibilitando o enfrentamento da realidade e das tensões cotidianas por meio da arte de utilizar esses espaços. (2001, p.133).

4.1 - A Praça Pedro Sanches

Devemos nos preparar para estabelecer os alicerces de um espaço verdadeiramente humano, de um espaço que possa unir os homens para e por seu trabalho, mas não para em seguida dividi-los em classes, em exploradores e explorados; um espaço, matéria-inerte que seja trabalhada pelo homem mas não se volte contra ele; um espaço natureza social aberta à contemplação direta dos seres humanos, e não um fetiche; um espaço instrumento de reprodução da vida, e não uma mercadoria trabalhada por outra mercadoria, o homem fetichizado (SANTOS,2004, p.41).

O espaço que hoje leva o nome de Praça Pedro Sanches tem trajetória muito peculiar no que diz respeito à sua história social, ocupando papel importante na concepção urbana da cidade de Poços de Caldas. A descrição da composição arquitetônica e paisagística da praça sempre foi permeada de olhares e sentimentos da população que a freqüenta. Nativos ou visitantes foram delineando a partir de suas vivências o real papel desse espaço. A Praça Pedro Sanches sempre foi ponto destinado ao convívio social de uma cidade em formação.

Local onde estão as nascentes das águas quentes, no início do século XIX recebeu o nome de Largo Central. Passou a se chamar Praça Senador Godoy no início do século XX, e depois Praça Pedro Sanches em homenagem ao médico pioneiro do estudo das águas minerais.

Contrariamente à origem da maioria das praças brasileiras, o Largo surge como lugar de encontro, não possuindo as características de espaço formal ligado ao Estado ou à religiosidade: não é observada a presença de igrejas ou construções que abrigam órgãos oficiais do poder público. A vocação do espaço é a mesma que a da formação da cidade: ligada às águas e suas aplicações.

O espaço central da cidade se organiza, construções sendo erguidas no entorno do Largo, relações sociais se adensando nesse espaço. O local adquire grandeza pública: espaços vão se

construindo ao longo do Largo, criando pontos de aglomeração onde as relações sociais estabelecem dimensão pública. A imagem de saneamento e culto a um corpo limpo e saudável é solidificada e retratada nas construções e paisagismos centrais.

A realidade é ressaltada por Matthes:

Ao longo da história de Poços de Caldas, percebe-se uma recorrente ocupação ao redor das três principais fontes: *Pedro Botelho, Mariquinha e Chiquinha*. Desde as primeiras e primitivas ocupações vai se desenhando um “Largo”, um espaço procurado para cura dos males do corpo, onde a alma e o espírito não encontram lugares para se fortificar, e as orações acabam por se dar nas próprias cabanas feitas no improviso, pelos doentes, no período de tratamento (2005, p.55).

E mais adiante:

Esse espaço que se desenha como um espaço da cura passa a ser o cenário onde se constrói o espaço político, de trocas sociais, e onde o homem se representa saneando corpo, pensamentos e comportamentos. O Largo que se desenha é o espaço do mundo, é mundano por definição, e talvez por isso não se verifique a presença da igreja como constituinte e ordenador desse lugar, mas sim uma ocupação ligada à cura do corpo e aos prazeres da alma como o conforto das instalações balneárias e hoteleiras, atrelada a isso, a diversão do jogo (2005, p.58).

O Largo vai assumindo caráter oficial de praça, e no início do século XX recebe o nome de Senador Godoy. As atividades sociais no espaço são intensificadas com o crescimento da cidade e o reconhecimento cada vez maior de suas águas.

Fato interessante ilustra a preocupação com o urbanismo de uma cidade destinada à cura e sua preocupação com a paisagem. Mourão (1952) relata que em 1908 a arborização da praça foi destruída. O autor ao descrever uma foto da época ressalta:

Os números 3 e 4 mostram o jardim inglês, a grande preocupação do engenheiro Álvaro de Menezes, que mandou destruir a exuberante arborização da Praça Senador Godoy, com grande desespero de Pedro Sanches e absoluta falta de compreensão, pois a formação de logradouros em estância hidromineral constitui a parte atraente, fazendo sobressair o elemento psicossomático de agradar parte, encantando com o verde das folhagens, a sombra das árvores, o marulhar das águas, o seu curso, o tapete escuro das montanhas, tudo isto deixa de existir no tal jardim inglês, compreensível em terras de nevoeiro e falta de sol, como a Inglaterra (MOURÃO, 1952, p.291).

Há também registros de postais, datados de 1915 onde a Praça Senador Godoy apresenta-se, ainda sem a formação paisagística que caracteriza a praça atual.

A praça foi completamente remodelada com o projeto arquitetônico de Eduardo Pederneiras e o paisagismo de Reynaldo Dieberger. O antigo Largo vai sendo reorganizado tendo sempre a água como elemento central para a formação urbana, criando novos espaços e ocupações. As Grandes Obras (Thermas Antonio Carlos, Pálace Hotel e Pálace Cassino) reestruturam o espaço social e público: formaliza-se o espaço de cura. A praça recebe o nome de Pedro Sanches em homenagem ao médico pioneiro do estudo termal local.

Várias gerações de poços-caldenses e turistas, desde então, percorrem os espaços impregnados de memória coletiva da formação da cidade como estância de cura.

A Praça Pedro Sanches encontra-se no território guardado pela porteira da “Esperança”. A Lenda das Três Porteiras, relatada no início do capítulo II, referia-se à porteira denominada “Esperança”, o lugar onde as nascentes de água se situavam e necessitavam de proteção. Nas imediações das nascentes nasce o Largo; surgem os hotéis em seu entorno e deles vem a diversão. Ao longo dos anos o ideal de esperança persiste. A praça central da cidade é espaço de apropriação coletiva, local onde a diversão, o descanso e a contemplação acontecem e trocas sociais são tecidas.

O Dossiê de Tombamento do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico do Parque José Afonso Junqueira de 1985, relata ao descrever o histórico do município de Poços de Caldas:

Ao assumir a Presidência de Minas Gerais, também em 1872, o Senador Godoy teve extremo interesse pelas águas sulfurosas, e destinou ordens ao Engenheiro Honório Soares do Couto para iniciar os trabalhos de implantação da futura cidade. Em dezembro daquele mesmo ano, o traçado já estava encaminhado, assim como as áreas que definem o que hoje denominamos centro histórico estavam demarcadas. Nascia, então, “Nossa Senhora da Saúde das Águas de Caldas”, fruto de um projeto cartesiano, orientado pelos pontos cardeais, com os limites e usos nas funções de habitação, lazer e turismo.

Fazem parte da praça o monumento Minas ao Brasil, o monumento que homenageia Antônio Carlos e o coreto.

O monumento Minas ao Brasil, segundo Megale (2002), consta de um obelisco de pedra, em que há a escultura de um homem nu de braços abertos, esculpido por Giulio Starace e inaugurado em 1929. Na parte dianteira do monumento encontra-se uma escultura em bronze de um médico socorrendo uma mulher caída. O conjunto de esculturas representa, segundo a autora, o Estado de Minas Gerais oferecendo seus benefícios ao povo do Brasil. Esse monumento, ao longo dos anos passou a ser considerado como o cartão-postal que identifica a cidade.

O monumento que homenageia Antônio Carlos, seguem as descrições de Megale (2002), também se encontra na Praça Pedro Sanches:

Monumento de nítida influência Art Decô, em granito bege, ladeado de degraus, encimado pela figura em bronze do Presidente Antonio Carlos de corpo inteiro em atitude de oratória. (...) Embaixo, junto à base, escultura em relevo representando uma mulher abraçada a uma criança e com a mão esquerda sobre o peito esboçando um gesto de gratidão. (...) sob as esculturas aparece a assinatura: S. Martins Ribeiro, Rio, 1929 (MEGALE, 2002, p.204).

O coreto, situado na praça foi construído em 1921 e inaugurado em 1922. O jornal “O Prego” de 13 de agosto de 1922, n. 40 agosto, registra a sua inauguração:

Às 6 horas da tarde de 14 do corrente, em presença das autoridades locais, da banda de musica **União Operária** e de grande massa popular, que se reuniram na praça Pedro Sanches, foi pelo Exmo. Sr. Dr. Baeta Neves, Prefeito deste município, dada a entrada a todos os presentes, no novo corêto feericamente iluminado, com lâmpadas elétricas. (.....)

A banda de música **União Operária**, pondo fim aos festejos, executou com maestria o seu escolhido repertorio que muito agradou não só a população de Poços como todos os veranistas presentes.

A construção do coreto tem o formato de uma pequena cúpula. Aos domingos pela manhã apresenta-se a Banda Maestro Azevedo¹⁸, composta por 29 músicos de diferentes idades.

A escola Criativa Idade de Poços de Caldas realizou pesquisa a respeito da história da banda o que resultou no seu tombamento como patrimônio cultural da cidade de Poços de Caldas. A professora Liliane de Cássia Rezende Baraldi, em texto publicado sobre o trabalho da escola no livro Tesouros do Brasil, patrocinado pela Fiat do Brasil, relata:

A banda faz mais pela cidade do que tocar seu repertório de dobrados, música clássica e valsas. É integradora de gerações, etnias, classes sociais desde sua criação em 1914, promovendo lazer cultural para os idosos, crianças e turistas; é arte que agrega músicos de diferentes idades em suas apresentações dominicais, garantindo novas gerações de músicos para a comunidade local e, finalmente, é um bem imaterial que precisa ser preservado, pois das 153 cidades do sul de Minas, só Poços de Caldas mantém há 90 anos sua tradição de banda de coreto. (2004, p.93).

Durante muitos anos o fotógrafo Mário Quinteiro utilizou sua máquina fotográfica, conhecida como “Lambe-Lambe”, registrando momentos dos turistas e da população poços-caldenses. Difícil o visitante dos anos 50, 60 e 70 que não tenha registrado sua passagem pela cidade por meio das lentes do “fotógrafo do coreto”. Muitas gerações de poços caldenses guardam a imagem de infância fotografada em frente ao coreto da praça.

¹⁸ Em agosto de 1914, alguns músicos da cidade, que participavam de serenatas, organizaram uma bandinha para tocar nas festas, quermesses, procissões, leilões e outros eventos, com o nome de “Lira de Poços de Caldas”. Na década de 20 a banda foi regida pelo Major Trindade. Nessa época a banda se apresentava com o nome de “União Operaria”. Em 1931, a banda passou a ser regida pelo maestro Joaquim Azevedo Filho, que compôs várias partituras para a apresentação da banda tocadas até os dias atuais. O Maestro Azevedo regeu a banda até 1946, quando se mudou da cidade para São João da Boa Vista para dirigir a banda daquela cidade.

Na década de 50 a Prefeitura Municipal doou todos os instrumentos e partituras da banda para o Colégio Dom Bosco, onde seria formada uma banda, mas que teve pouca duração. A banda ficou parada por um ano, até que os músicos se reuniram, compraram novos instrumentos e formaram novamente a banda.

Em 1958, a banda passou a ser chamada BANDA MUNICIPAL MAESTRO AZEVEDO, em homenagem ao maestro que mais marcou a sua história. Diversos maestros regeram a banda, que participou e participa de atividades comemorativas da cidade. Em 1998, assumiu a regência o maestro Miguel Francisco de Brito, que permanece até hoje.
<http://pt.wikipedia.org>

Encontra-se afixado na sua lateral placa de bronze com o poema do poeta local Luis Roberto

Júdice:

*Aqui neste jardim a natureza
Prendeste com artística magia
A vida retrataste e ela fulgia
Em requintes de insólita beleza*

*Tua câmara mágica insistia
Em fixar o momento, essa grandeza
Do instante eternizado: luz acesa
Que o futuro dos homens alumia*

*Tantos anos... até que tu partiste
Choraram nossas flores, também tristes
Chorou também por te perder nossa cidade
Porém como um retrato em branco e preto
Te ti tudo nos fala este coreto
Entre “flashes” de sonho e saudade*

Também está afixada ao seu lado outra placa, registrando o início dos bailes ao redor do coreto:

A seresta em Poços de Caldas foi instituída na administração do prefeito Ronaldo Junqueira e secretário municipal de turismo e comunicações Doutor Rafael Acconcia em novembro de 1980.

É o único registro oficial que se tem do início das atividades de dança na praça.

Em junho de 1985, através do decreto n. 3254, ocorreu o tombamento do conjunto Arquitetônico e Paisagístico do Parque José Afonso Junqueira pelo Patrimônio Histórico, Turístico e Artístico Municipal, referendado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico, IEPHA-MG¹⁹.

¹⁹ Fazem parte do conjunto as Thermas Antonio Carlos, o Pálace Hotel exterior e parte do interior, o Pálace Cassino exterior e parte do interior, a Biblioteca Centenário, o coreto, a Fonte Pedro Botelho, os jardins e os monumentos de interesse que compõe o complexo paisagístico. Fonte: Prefeitura Municipal de Poços de Caldas,

Em dezembro de 2003, a praça foi totalmente revitalizada, seguindo o projeto original de 1928.

Matthes, fala sobre o espaço da praça central da cidade de Poços de Caldas:

É um espaço público que permaneceu desde as primeiras ocupações do povoado, estruturando urbanisticamente a área central, a partir das nascentes e em função delas, e hoje a qualidade desse espaço sobrevive pela imaterialidade transcendente neste espaço.

Não foi somente o lugar que surge em 1930, no século XX, visível pelas grandes obras, mas é o espaço que se construiu no inconsciente coletivo como o lugar da cura, vindo a se tornar o lugar da diversão, do jogo, e que hoje é o descanso, o encontro e o lugar da contemplação (2005, p.69).

Este estudo pretendeu não apenas descrever a Praça Pedro Sanches pelo caráter histórico de seu espaço. Procurou resgatar a memória coletiva e social de uma cidade que tem como marco fundamental a ocupação do espaço onde a praça se encontra.

A praça foi descrita pelo significado que assume no imaginário das pessoas que a percorrem: lugar de lazer, de encontro, lugar poético, como forma de explicar a construção do cotidiano dos habitantes da cidade de Poços de Caldas ao longo de sua história.

Sawaia (1995) ao estudar a afinidade emocional do homem em relação ao seu espaço, ressalta que a cidade não tem dimensão humana apenas por ser edificada pelo homem: homens e espaço vão sendo construídos. Ser morador de um lugar ou fazer parte do grupo que frequenta uma praça são identidades generalistas que vão sendo estabelecidas quando os indivíduos estão inseridos em um espaço. Mesmo que diferentes formas de ocupação compartilhem o mesmo espaço, por meio dessa interação se formam conexões diversas e criam-se diferentes e subjetivas formas de se sentir um lugar.

Segundo a autora:

A cidade, a rua, o prédio, a porta, representam modelos de subjetividade enquanto portadores de história, desejos, carência e conflitos. Cada cidade, bairro, rua, até mesmo cada casa, tem um clima que não advém, exclusivamente, do planejamento urbano e da geografia, mas do encontro de identidades em processo – identidades de homens e de espaços. Esse clima perpassa diferentes entidades: eu, corpo, espaço doméstico, etnia, arquitetura. Dessa forma, os espaços construídos formam discursos e manipulam impulsos cognitivos e afetivos próprios (SAWAIA ,1995, p.21).

A Praça Pedro Sanches de Poços de Caldas vem permitindo, ao longo de sua história, diversas experiências sociais serem reconhecidas e entrelaçadas em seus domínios. Essa área se configura como lugar que possui dinâmica urbana intensa, em todos os horários do dia e da semana, pois é grande a diversidade de usos.

Seguindo os conceitos elaborados por Haguette (2000), em que a autora enfatiza a importância da participação do pesquisador no local da pesquisa para “ver o mundo através dos olhos dos pesquisados” (p.66), foi preciso observar o aspecto histórico construído por meio dos relatos orais e as dinâmicas das relações sociais que ali ocorrem. Ao descrever a praça foi necessário levar em consideração a “totalidade funcional” de sua realidade como espaço que produz e agrega relações sociais.

Foram compartilhados os olhares subjetivos das pessoas que ocupam o espaço com a visão do pesquisador que também a percorre, para que a rotina de ocupação fosse descrita.

Como já citado, a praça apresenta-se articulada em eixos que seguem, na sua maioria, as direções leste-oeste e norte-sul, contendo o coreto e os monumentos denominados Minas ao Brasil e Dr. Antônio Carlos. O eixo central, na direção leste-oeste, destaca-se pela continuidade com a rua São Paulo, de onde se obtém interessante perspectiva da fachada leste do Pálace Hotel.

Os jardins se sobressaem pelo cuidado de conservação de seus canteiros de flores e grande porte de suas árvores.

Sendo construção elaborada para receber e atender aos viajantes que na cidade chegavam, o espaço da praça apresentava-se para acolher prioritariamente o estrangeiro; o nativo a circundava sem, porém, a explorá-la em profundidade. De certo modo a imponência das Grandes Obras excluía os menos favorecidos economicamente.

Diversos depoimentos de moradores antigos da cidade ilustram situações pitorescas envolvendo o espaço da Praça Pedro Sanches.

Fato ainda lembrado pelos moradores de mais de 60 anos era o “FAZER A AVENIDA”.

O footing noturno, típico das cidades do interior brasileiro, acontecia na rua e calçadas em frente à Praça Pedro Sanches. O trajeto percorrido pelos jovens da época era marcado pelas três quadras que acompanham e delimitam a praça.

A calçada que dava para o comércio local e para o Cine São Luiz (situado na calçada contrária ao passeio da praça), era freqüentada pelos jovens de classe média alta, filhos da oligarquia local e turistas hospedados ou com vínculos com a população poços-caldense).

A rua central por onde circulavam os poucos veículos da cidade, aos sábados ficava fechada aos automóveis. Era freqüentado pela classe operária da cidade, filhos de pequenos comerciantes, e comerciários em início de função.

A calçada interna, que circunda o espaço da praça propriamente dita, era freqüentada pelos negros e mulatos da cidade e cidades vizinhas.

Raramente os três grupos se misturavam ou mantinham contato.

O percurso ia do início da praça, próximo ao coreto, a também próxima Casa Bela (loja de moda), na face oposta da praça.

Vários depoimentos ilustram a presença da população local e sua inserção nos espaços da praça.

A avenida tinha três estágios e era o nosso footing. Não existia preconceito, mas a gente não se misturava não. O Bar Castelões era o encontro dos três grupos, e se a pessoa não frequentasse o local da classe mais alta, ficava sonhando com um príncipe para tirá-la do seu lugar e transportá-la para o seu lado. O contrário nem passava pela cabeça da gente. Flertar com mais pobres era andar para trás. Com os negros... eu nem conhecia ninguém. (G.F.D., 59 anos professora aposentada).

Eu ficava encostado nas portas das lojas da Avenida Pedro Sanches. Éramos um grupo grande de rapazes. Eu acho que a gente era muito inocente: ainda brincava de estátua. Dá pra acreditar? As moças passavam e às vezes davam um olhar mais significativo. Às vezes demoravam meses pra gente conversar, mas era bom. Não tinha muita briga. Também dava pra dar uma olhadela nas moças da avenida do centro. Sempre aparecia uma beleza. Para o homem mudar de lugar não era tão difícil. Às vezes nossa turma dava um passeio por lá. Do lado dos pretos era mais difícil. Mas eu tinha amigos em todas as “avenidas” (S.F.L.72 anos, comerciante aposentado).

Quase nunca eu ia. Meu pai não deixava e eu morava longe pra voltar só com minhas amigas. Quando minha mãe costurava um vestido novo ou meu primo me convidava, eu ia. Gostava mais da avenida do meio. As pessoas eram mais simples e mais alegres. Nunca arrumei namorado lá. Conheci meu marido na Festa de São Benedito. (B.A.L., 70 anos, dona de casa).

A sessão do Cine São Luiz começava às sete e pouco. A fila era grande para assistir aos seriados. Conheci muita gente na fila. Mas não conversava. Ficava olhando as internas do Colégio São Domingos, que só vinham se fossem acompanhadas por uma freira ou convidadas por uma família. Eram finas e educadas. Não pareciam com a gente (I.S.S., 69 anos, dona de casa).

Gostava de passear e ouvir o auto-falante da Rádio Cultura. Tocava músicas e mandavam recados. Tudo ficava mais alegre. Eu nem via o tempo passar. Era um vai e vem toda a noite de sábado (T.C.G, professora aposentada).

Não tinha tóxico, nem assalto. Uma ou outra briguinha, principalmente quando tinha turma de fora. Não gostava da turma de Santos. Uns filhinhos de papai. Eles vinham todo julho e as moças da cidade ficavam babando. Grande coisa. No resto do ano eram os papais aqui, né? (L.V.a.80 anos, sexo masculino, comerciante aposentado).

A praça a gente só usava para passear de dia com as visitas e tirar fotografia. Na minha infância o meu pai levava a gente para bater uma foto todo ano. Tinha uns binóculos. Você lembra? Era uma lembrança bonita, mas cara. As pessoas utilizavam os jardins sentando nos bancos. Sempre

teve o coreto, mas as pessoas de mais idade usavam ficar escutando o Maestro Azevedo. Tocavam às vezes de sábado à noite também, mas mais cedo. Eu não me lembro. (R.A., 78 anos, sexo masculino, comerciante aposentado).

O cassino eu mesmo não entrava, mas a cidade era uma beleza. Não corria dinheiro, corriam fichas. Até pra comprar pão. Meu pai contava que muitas famílias eram desgraçadas por causa do jogo. Mas era bonito. Vinham muitos artistas. Tinham muitos shows. Já vieram aqui o Grande Otelo, a Carmem Miranda e muitos outros. Muitos artistas em várias boates. Na época do veraneio, a gente ficava esperando as madames chegarem para ver o que estava na moda. Na semana seguinte todas as moças da cidade já sabiam o que costurar. Ou pedir. (L.C.A. 70 anos, dona de casa).

Nós dançávamos muito.

Eu me lembro do espelho da Casa Bela que ficava no fim da avenida. A vitrine ficava aberta e toda vez que a gente chegava perto dava uma olhadinha. (L.M.F. 70 anos, funcionária pública aposentada).

Sim a gente usava para passar e tirar fotografia. É um espaço de gente mais madura.

Eu lembro de ficar olhando as pessoas almoçarem ou jantarem no Palace Hotel. Parecia coisa de filme. Um luxo. E a gente olhando do lado de fora. Eu pensava quando eu for rica eu quero ficar neste lugar. Este mundo não era para nós. Eu só conheci as Thermas porque minha tia trabalhava lá e eu ia de vez em quando com ela. Acho que existiam duas cidades: a nossa e a dos turistas. (T.C.C., 46 anos, comerciante).

Em todos os depoimentos observa-se o distanciamento entre a ocupação territorial da praça realizada pelos moradores locais e os de fora, os turistas. Mesmo entre a população nativa existe explícita divisão territorial baseada em valores socioeconômicos. A ocupação da praça inicialmente se dá de forma elitizada. A tranqüilidade do espaço da praça é valor construído pela população local.

Para o morador local, a segurança provém daquilo que é conhecido. O que vem de fora traz o fascínio, mas representa a insegurança do desconhecido.

O paradigma é amplamente discutido pelo antropólogo Roberto Damatta em seu livro “A Casa e a Rua, Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil” (1997). Para o autor, “Casa” e “Rua” são categorias sociológicas, palavras que não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas

físicas, mas representam valores distintos com domínios culturais institucionalizados que determinam ações sociais e éticas. Por causa disso, “capazes de despertar emoções, reações, leis orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas”(p.15).

Segundo o autor, a leitura das possibilidades propiciadas por espaços tão distintos como a casa, que representa o doméstico, e a rua, que classifica o espaço público, permite leituras ou construções diferenciadas, porém cúmplices e complementar, da sociedade brasileira.

A rua analisada pelo autor representa o externo, o público, o anônimo, o desgarrado. De modo sistemático o indivíduo não é capaz de projetar a sua casa (individualidades) na rua (espaço de generalidades).

Os códigos advindos das relações da “rua” são baseados por leis e conotações jurídicas que conferem caráter moral normalmente ditado pelas classes sociais dominantes. São normas que segundo o autor “vêm da rua” (p.21), elementos institucionais, baseados em leis universais e burocráticas que modelam o comportamento social coletivo. A rua representa o Estado que formula, aplica e cobra obediência a leis impessoais, para que o funcionamento das organizações sociais aconteça com o mínimo conflito possível.

O código do significado de casa é baseado nas relações familiares, na amizade, na lealdade, compadrio, remetendo a relação social de acolhimento, permissividade, individualização de comportamentos e costumes.

Segundo Damatta (1997), os conflitos existentes entre as duas entidades - pública e privada - delimitam espaços de atuação e inserção.

A transformação da Praça Pedro Sanches em lugar de tranquilidade e lazer foi sendo concretizada pelos poços-caldenses o longo da história da cidade.

Segundo Damatta (1977), a mensuração do tempo só pode ser realizada quanto este está ligado a alguma atividade socialmente bem definida. As atividades que demarcam o tempo podem produzir sensações diferenciadas nos mesmos espaços.

Para o autor, os dias da semana são compostos do mesmo número de horas, porém as atividades neles realizadas os diferenciam: “Sábados e domingos são tempos muito mais internos, da casa e da família, ao passo que os “dias comuns da semana” são vividos como tempos externos, marcados pelo trabalho” (DAMATTA, 1997, p.36). Entretanto, rotinas diárias, extraordinárias, anômalas ou fora do comum, mas socialmente programadas e inventadas pela sociedade, podem alterar a concepção predeterminada da disposição do tempo. O encontro com os iguais, os pares, representa mais acolhimento do que a reunião familiar de domingo. A maneira de conceber e medir o tempo é modificada a partir da dinâmica dos grupos sociais que estão implicados em cada forma de temporalidade.

Atualmente existem momentos distintos de ocupação da Praça Pedro Sanches: se final de semana ou dia de trabalho, se verão ou inverno, se férias ou dias normais. A rotina de movimento da praça foi observada pela pesquisadora, ao longo dos dias e dos momentos de ocupação da mesma. Também foram utilizados retalhos de memória da pesquisadora e dos entrevistados. As entrevistas foram breves e aleatórias com as pessoas que estavam no local.

De segunda a sexta-feira, na parte da manhã, a praça é ocupada principalmente por crianças em companhia dos pais, avós ou babás, e turistas que percorrem o espaço. Em frente ao Monumento Minas ao Brasil, um senhor passa as manhãs vendendo milho em saquinhos, para que as crianças possam atirá-los aos pombos que sobrevoam o espaço. É grande o número de bicicletas de pequeno porte, carrinhos de bebê, patinetes e brinquedos de puxar. Os bancos internos são mais utilizados para aproveitar o sol da manhã (principalmente no inverno). Pessoas

de meia-idade ocupam bancos lendo jornais ou livros. Um caminhão de madeira é empurrado pelo proprietário e passeia com crianças ao redor da praça. A classe média é mais freqüente. Sorveteiros com pequenos carrinhos percorrem o local. Esta rotina é intensificada no período das férias, em que cresce o número de turistas e crianças. Nos meses de julho e janeiro são freqüentes as atividades oferecidas pelas Secretarias de Esportes, Educação e Turismo, com o objetivo de animar turistas e poços-caldenses em férias. Acontece nesses períodos a apresentação de diversos grupos de música que animam os finais de manhãs no coreto. Grupos latinos de músicos tocam instrumentos de sopro próximos ao monumento erguido ao presidente Antonio Carlos. Em qualquer período do dia, pessoas são vistas em poses para fotografias. A musicalidade do espaço é intensa.

Acho que somos abençoados em ter um lugar como este para levar nossos filhos. Eu não pude aproveitar enquanto criança deste lugar pois não tínhamos o hábito de passear por aqui. Mas a gente tinha uma rua enorme para brincar sem problema; coisa que os meus netos não conhecem. (A. B. J. 65 anos, ao passear com os dois netos).

Eu não conhecia um lugar tão maravilhosamente calmo como este. Esta vista da montanha não tem preço. Se pudesse vinha todo mês para Poços só para ouvir o cantar dos passarinhos nesta praça. (E. A. P. , 70 anos, aposentado em férias na cidade).

Eu gosto daqui. É calmo, posso ler enquanto meus dois filhos brincam em volta desta estátua. Poucas são as vezes que tenho este tempo para mim. (V. L. 30 anos, sexo feminino passeando com suas duas filhas de 3 e 1 anos).

Às vezes a mamãe deixa eu chupar sorvete se não tá frio. Senão, eu posso comer pipoca. Correr é bom. Gosto porque eu tenho sempre um amigo diferente. (V. A. S. sexo masculino, 6 anos).

É melhor vir para cá do que deixar esta criançada na televisão a manhã inteira. Eu sou contra também ficar colocando esses meninos já cedo na escola, futebol, inglês e não sei mais que milhares de coisas que inventaram para diminuir a infância. Esta praça me deixa com saudades do meu tempo de moleque. (S L. T. 72 anos, sexo masculino, avô de V. A. S.).

Eu venho aqui desde que era menina Meus pais costumavam passar os 21 dias de julho aqui. A gente ficava no Palace Hotel e parecia que a gente era uma família nobre. Uma rainha. Eu não perdi este costume, já não posso ficar no Palace, mas eu venho sempre. Depois que eu enfiuei mais ainda. Prefiro aqui do que a praia. Se eu pudesse eu me mudaria para aqui. Queria passar os meus últimos dias sem ter que me preocupar. Quem sabe tomando sol neste lugar (M. A. R. 71 anos, em visita à cidade).

No período da tarde é maior a ocupação dos bancos externos situados em frente ao movimento de carros. Muitos idosos do sexo masculino. Pequenos grupos de senhoras ocupam alguns bancos internos. É grande o tráfego de veículos que circulam. As vagas de estacionamento para o centro comercial são poucas. Ao final do dia, mães e filhos pequenos voltando da escola são vistos brincando ao redor do coreto e dos monumentos, principalmente no verão.

Todo dia depois do almoço eu tiro um cochilo e venho conversar com o pessoal do ponto de táxi aqui em frente. É uma forma de passar o tempo. Não gosto de ficar em casa. Nunca fiquei desde moleque. Não é agora, depois que eu aposentei, que vou mudar. Aqui é bom. É bonito e o sujeito conversa com todo o tipo de gente (J. A. S. 73 anos, aposentado).

É um pouco barulhento, mas a gente fica sabendo de tudo que acontece na cidade. Preste atenção: daqui eu vejo a prefeitura e lembro do meu tempo de funcionário de lá. Eu também encontro com muitos colegas que ainda trabalham. A gente pode fazer uma fezinha na loteria, que não é longe, ou no bicho. Conversa muito de tudo que é assunto. Não pago a Circulare. Posso vir todo o dia. Menos de sábado e domingo porque o ambiente muda (B. A. S. 65 anos, aposentado).

Olha, minha filha, eu não sei explicar por que eu gosto de ficar aqui. Acho que porque é mais bonito do que lá em casa. (risos) Brincadeira. Eu olho para o Cristo e penso que é bom estar por aqui e mesmo que com dificuldades, eu estou viva. Não canso de agradecer pela minha vida, de meus filhos e meus netinhos. Eu agora posso ficar assim sem fazer nada. Só olhando. Sempre que eu posso, eu venho passear por aqui. (M. I. S. 55 anos, dona de casa).

Você conhece São Paulo? Aquilo é de enlouquecer qualquer um. E se a gente é pobre, mais ainda. O trem tá feio, viu? Eu fico economizando o ano inteiro para eu e mais a patroa podermos ficar uns dias por aqui. A gente se refaz nesta paz. (G. A. L. 62 anos, motorista, em visita à cidade).

À noite durante a semana, se não existir atividade ou comemoração específicas, o movimento são turistas que passeiam depois do jantar e saem de hotéis nas proximidades da praça. Percorrem o local grupos de jovens e adolescentes. A Praça Pedro Sanches fica situada em local de travessia e caminho para diversas escolas noturnas da cidade. Observam-se também, jovens casais de namorados, na sua maioria munida de livros e cadernos, sentados nos bancos (de preferência os mais internos) da praça. Os trailers de lanches que compõe a chamada “Passarela do Bacon” ficam nas imediações da praça, o que aumenta o número de pessoas que utiliza apenas de passagem esses espaços. A partir das 22 horas, o movimento de pessoas é drasticamente diminuído. Permanece a circulação nos carros de lanche até a madrugada.

Parece que estamos em outro planeta. Nunca que em São Paulo a gente pode andar numa praça à noite. Me recordo daqueles filmes de 50, onde os namoros aconteciam nas pracinhas. Aqui ainda é assim? (B.A.R., 65 anos industrial).

Quando eu era mocinha, meu pai sempre avisava que o jardim não era lugar pra namorar nem conversar à noite. Tinha muito veranista sem-vergonha, e a praça não tinha esta iluminação. A gente saía mais era domingo de tarde, assistia um filme no Cine Vogue, que não existe mais, ou no Cine São Luiz, este aí em frente. Depois a gente, se tivesse dinheiro, tomava um sorvete de massa na Sorveteria Mimi. Até hoje eu me recordo das cadeiras de courvim coloridas desta sorveteria Lá pelas seis horas já estava todo mundo em casa. Se a gente fosse sair de sábado o horário máximo de chegar em casa era dez e meia. Mudou muito né? Não sei se pra melhor ou pior. A gente era muito presa. (M. R. R., 50 anos, dona de casa).

A tia tá fazendo o que com estas perguntas? Se a minha mãe souber que eu não tô na escola é “trash” (risos) (adolescente num banco de jardim)

Nos finais de semana a realidade da praça é modificada.

Aos sábados pela manhã, o espaço acolhe um número maior de crianças e acompanhantes, da cidade e visitantes que chegaram para o final de semana. As brincadeiras ao redor do monumento Minas ao Brasil são intensas. O tradicional trem turístico, que percorre o centro da cidade, começa a funcionar. Diversos casais e famílias fotografam o local utilizando os canteiros e os monumentos como cenários. A partir das 10 horas iniciam-se apresentações de música no coreto, normalmente um grupo de chorinho da cidade. Os bancos ao redor são totalmente ocupados por pessoas das mais diversas idades. Raramente danças entre casais ou individuais são observadas. Fato curioso é também a ocupação dos bancos ao redor do coreto pelas cozinheiras do Palace Hotel, que fica em frente, nos horários de descanso.

Eu caminho todo dia no parque. Acho melhor que a pista de cooper. Ando uma hora ou mais. Depois eu sento aqui no jardim da frente e fico observando a natureza. De sábado ainda é melhor porque tem esta música. (T.V.L., 64 anos, motorista local).

Eu frequento a cidade há mais de 40 anos. Não quero outro lugar. Aqui já é a minha casa. Esta praça é minha também. Trouxe meus filhos, já trouxe os netos e continuo vindo mesmo depois de viúva. (M.A. C., 59 anos, dona de casa em férias).

Nas tardes de sábado, a ocupação intensifica-se. Artistas plásticos pintam com jatos de tinta spray, carrinhos de aluguel puxando crianças, a música latina continua com um número maior de espectadores. Vendedores de pipoca, algodão doce, sorvetes e pequenos brinquedos. O número de crianças é maior, assim como as bicicletas, patins e patinetes. Fotografias e poses de turistas registrando a presença na praça acontecem em todos os espaços. O trenzinho tem saídas mais frequentes. A praça ferve, movimentos, sons e pessoas. O movimento maior são famílias passeando.

Esta montanha linda, este friozinho das tardes em Poços, pipoca, calma e preguiça. Precisa mais? (N.A.P., 30 anos, publicitária em férias).

É importante mostrar isto aos meninos. Na cidade maior a gente não tem isto. E se tem é sempre tudo muito rápido e estressante. Esta praça, este parque, tudo isto me lembra um pouco a idéia de paraíso, se é que ele existe (J.N.C., 36 anos, sexo masculino, químico, em férias).

Sempre que eu possoeu estou aqui com a minha filha. Descansa ela e me dá uma trégua também. Às vezes eu fico pensando como é que a gente pode correr e não aproveitar tudo isto da nossa cidade. (O.L.T. 40 anos, sexo feminino, médica local).

Sábado à noite é momento de glamour. Os passeios de famílias e casais de namorados de todas as idades são intensos, principalmente se o tempo está mais ameno. Os casais mais jovens pouco permanecem no local, utilizando a praça como passagem para o Parque José Afonso Junqueira ou os carros de lanches. Os pintores de rua são mais observados e aplaudidos. Crianças escalam o monumento Minas ao Brasil sob a reprovação de alguns. As fotos noturnas não fazem tanto sucesso quanto durante o dia, mas ainda são evidenciadas. Aumentam os vendedores de pipoca nos quatro cantos da praça. O baile ao redor do coreto tem seu ponto alto, pois é o dia em dançam casais, nativos e turistas.

Eu adoro brincar no peladão (Monumento Minas ao Brasil). Uma vez ele tava cheio de barata. Parecia que era um formigueiro de tanta barata. A gente brincou de caça barata. Minha mãe morreu de nojo e proibiu. Foi legal. (B.A.C. 5 anos, sexo feminino).

Eu acho este pessoal muito corajoso. Eu não tenho coragem de dançar em meio de tanta gente. É até engraçado a alegria que dessas pessoas. Já contei isto em Jundiaí e ninguém acredita que seja assim. Baile de terceira idade em praça a gente vê. Não é comum, mas vê. Agora aqui é diferente. Dança todo mundo igual. Não tem organização. Acho que é por isto que é bom. (H.J. S., 52 anos, professor em férias).

Podendo eu venho todo sábado. Ponho minha melhor roupa, arrumo o cabelo. Fico esperando a semana inteira. Aqui eu não me sinto velha. Eu me sinto igual. (M.A.R., 62 anos, sexo feminino, dona de casa local).

O baile termina às 22 horas. A dispersão é quase imediata ao redor do coreto. Por volta das 23 horas, apenas alguns casais de namorados e grupos esparsos ainda ocupam os bancos. Nas noites de sábado também há movimento dos carrinhos de lanches até a madrugada.

Apesar da grande diversidade de sons e atividades, não existe superposição sonora, pois o local é amplo e as atividades bem delimitadas em espaços determinados. Não existe predeterminação: as atividades foram se acomodando no espaço da praça.

Nas manhãs de domingo a Praça Pedro Sanches assume o papel tradicional de praça de interior. Até o início de 2003 a feira de artesanato tradicional da cidade era realizada em seu espaço. Com as obras de revitalização, a feira passou a ocupar as ruas laterais e em 2005 a atividade foi transferida para a Praça dos Macacos. Apesar do movimento e comércio turístico intenso, a feira congestionava os espaços destinados a caminhar, descanso e ao lazer contemplativo do lugar.

A Banda Maestro Azevedo apresenta-se no Coreto das 10 à 12 horas,, sob olhares de poços-caldenses e turistas de todas as idades. Os bancos ao redor são todos ocupados, mas não existe dança de casais ou pessoas separadamente. As atividades muito se assemelham às observadas nas manhãs de sábado, porém com maior número de pessoas percorrendo as alamedas da praça.

Há quanto tempo eu não ouvia uma banda? Lembrei da minha mãe e da minha cidade natal. Não é tristeza, mas é saudade. (G.A. ,49 anos, enfermeiro em férias)

Estão tocando marchinhas de carnaval. Isto é muita emoção. Parece que eu tenho 15 anos novamente. Por isto eu gosto tanto de Poços. (I. S. V. 75 anos, em férias).

Tomar sol, comprar jornal e depois tomar café. Isto pra mim é domingo em Poços. (M.A.O. 41 anos, engenheiro local).

Atividades variadas vão acontecendo ao longo do dia, diminuindo a intensidade a partir das 17 horas. No período da tarde o numero maior de pessoas é da cidade; os de fora normalmente já estão a caminho de casa.

À noite é realizado o baile nos mesmos moldes dos de quinta, sexta e sábado. Aos domingos, os pares e platéia, são fundamentalmente compostos de pessoas da cidade fora das épocas de temporada turística.

Finalizando a descrição da Praça e de suas atividades, é importante relatar as limitações e delimitações territoriais das atividades. De certa forma as atividades também classificam os indivíduos por idade.

As atividades de dança e apresentações de música ocorrem nos arredores do coreto. As brincadeiras infantis acontecem por toda a praça, mas aglutinam-se no entorno dos monumentos. A música latina, próxima ao monumento do Presidente Antonio Carlos. Os pintores ocupam as alamedas laterais. Os bancos são ocupados por todos os segmentos e idades; preferencialmente os externos são ocupados por aposentados do sexo masculino nos dias comerciais, e ambos os sexos aos finais de semana. Os locais preferidos para as fotos são os monumentos e os canteiros floridos.

4.2 - O Baile

Característica marcante que define dançar na forma de baile é a necessidade da participação do outro corpo, que também se movimenta. Dois corpos em movimento, interdependentes, permeados de sensações internas e estímulos externos, trabalhando e participando da ação motora de maneira sincrônica e harmoniosa.

Já não é suficiente a ação do corpo de maneira isolada, individual. É necessária a concordância do outro e também do coletivo. Forma-se, mesmo momentaneamente, uma comunidade que vive momentos e constrói valores comuns a todos os seus integrantes. A meta fundamental é o prazer advindo do ato de dançar.

Peixoto (2000) ressalta que a pista de dança em espaços públicos é aberta a todos, o que propicia principalmente aos mais velhos, um modo de criar novos modos de existir e conviver em sociedade. “O baile público permite aos dançarinos chegar só e estabelecer relações por ocasião do convite para dançar, pois todos estão lá para cumprir este ritual. Assim, o baile pode constituir uma das formas preferidas de encontro, principalmente quando se realiza em espaço público” (p.141).

Segundo a autora, os jardins, as praças e as praias são os únicos espaços públicos gratuitos da cidade, permitindo, desse modo, aos aposentados frequência mais assídua, ou seja, a manutenção de contato cotidiano com os parceiros desse espaço. Isso reforça o sentimento de pertencimento a um grupo social localizado em espaço limitado, cujas fronteiras são bastante nítidas. O espaço de sociabilidade esconde, de certa maneira, as diferenças sociais entre os velhos que, sem exceção, buscam a mesma coisa; companhia para distrair-se.

O tempo e o espaço mais uma vez assumem papéis fundamentais ao se discutir as relações sociais durante os bailes públicos: as atividades só existem em um tempo previsto, em um espaço delimitado e preciso. Fora das atividades previstas as contradições e conflitos sociais acontecem de forma natural.

A noção de pertencimento e de identidade local em lugares públicos adquire novos valores, muitas vezes em contraposição a valores domésticos e familiares.

As relações sociais também acontecem de modo peculiar nos espaços destinados aos bailes: mesmo refletindo as relações que ocorrem na sociedade em geral, a percepção e assimilação dos conflitos sociais advindos da diferença de gênero, idade e raça se realizam de forma particular. O espaço onde o baile acontece transforma-se em um local no qual a problemática das relações sociais é explicitada, no entanto suavizada, pois o objetivo principal é o encontro para a dança.

Ainda que na vida habitual os contrastes sejam reforçados por diferenças entre classes sociais e idades cronológicas distintas, no momento do baile os conflitos são atenuados, pois por meio da dança, do seguir a música com o corpo, a sociabilidade é explorada e incentivada. O espaço público adquire um significado simbólico de pertencimento local para aqueles que participam dos rituais estabelecidos para o baile.

Voltando a Roberto DaMatta em seu livro “A Casa e a Rua, Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil” (1997), o autor registra a mobilidade que determinados conceitos possuem: a casa e a rua têm aspectos complexos. É uma oposição que nada tem de estática e de absoluta. Ao contrário, dinâmica e relativa: rua e casa se reproduzem mutuamente, pois há espaços na rua que podem ser fechados ou apropriados por um grupo, categoria social ou pessoas. Existem situações

nas quais o espaço público torna-se a “casa”. “A rua pode ter locais ocupados permanentemente por categorias sociais que ali “vivem” como “se estivessem em casa”, conforme salientamos em linguagem corrente” (p.57). O baile em praça pública é exemplo.

O autor ainda acrescenta diferenças entre atividades que acontecem nos espaços da rua: as festas e os rituais. Ambos são manifestações nas quais ocorrem relacionamentos humanos e permitem o convívio social.

Os rituais proporcionam caráter oficial, como paradas militares, apresentações e manifestações cartoriais e regimentais que serviriam como mecanismo visando à unificação geral do sistema e sempre com um cunho de reconhecimento do poder vigente.

As festas de rua são espontâneas e unificam o mundo por meio de uma visão na qual rua e casa se tornam espaços contíguos, “reunidos por uma convivência temporariamente utópica de espaços rigidamente divididos no mundo diário” (DAMATTA, 1997, p.62).

Tanto os rituais como as festas (onde o baile se insere) são atividades que ocorrem em um espaço determinado. Para que se possa sentir-se como pertencente a um espaço é necessário o sentimento de inserção a nesse local.

Cotidianamente a passagem do tempo é experimentada de modo concreto e a percepção do espaço obtida por meio de conceitos moralizadores e normatizadores socialmente definidos. É a partir da festa que ocorrem os deslocamentos de atividades tidas como “normais” e onde é permitida a mudança na sensação de tempo não mais apenas medida por dias, horas e minutos.

Reinventar maneiras de ocupação e pertencimento espacial incentiva que ações sejam, nesse espaço, mais significativas, e que os relacionamentos sociais sejam reformulados. Os bailes em praças públicas são exemplos dos novos modelos de organização social.

4.3 - O Baile do Coreto

Os jardins, *squares*, largos e praças possuem desenhos bem variados: espaços abertos ou fechados, floridos ou pavimentados, são lugares de sociabilidade em que os freqüentadores de idades diversas se encontram e desenvolvem múltiplas atividades ao longo do dia. Assim, a análise do espaço urbano deve levar em conta as relações sociais que se estabelecem em cada um dos seus territórios de pertencimento ou identidade. Além disso, parece que esses espaços públicos permitem o estabelecimento de relações entre gerações, cuja troca de algumas palavras traça e registra a história de cada um, assim como a do jardim e da praça. Mas será que esses lugares semi-abertos, de uso coletivo, permitem o estabelecimento de relações mais estreitas entre seus frequentadores? (PEIXOTO, 2000, p.70).

Não existem registros deste tipo de atividades, nas Secretarias Municipais de Turismo, Governo, Planejamento, ou órgãos ligados à documentação municipal. Nem tampouco qualquer alusão a leis ou projetos na Câmara Municipal de Poços de Caldas.

A única formalização do evento encontra-se na placa de bronze fixada da parte frontal do Coreto, na qual se lê que a seresta foi instituída em 1980, quando prefeito Ronaldo Junqueira e secretário de Turismo Rafael Acconcia. Ambos foram entrevistados e poucos relatos acrescentaram. Ari Bressane 78 anos, na ocasião era diretor de Turismo. Em entrevista concedida em novembro de 2005 relata:

O Coreto sempre existiu, mas as pessoas de mais idade que usavam, ficavam a escutar a banda ou alguma outra atividade musical. Os turistas é que usavam mais a praça. Todos os turistas depois de usarem os banhos, saíam agasalhados de lá e utilizavam depois os jardins. O maestro Juarez montou um conjunto e em todas as oportunidades e eventos a gente o chamava para tocar, para alegrar os eventos da Secretaria de Turismo. O baile passou a acontecer todas as semanas. As danças começaram quase indiretamente. Nós mandamos arrumar o piso depois que a gente percebeu que as pessoas dançavam. A música sempre existiu no Coreto. A dança surgiu na nossa gestão. Estávamos sempre ligados com tudo. Poços é uma cidade muito musical. Tem muitos corais, as pessoas sempre gostavam de dançar e de cantar.

Os bailes atualmente acontecem às quintas, sextas, sábados e domingos, com duas horas de duração, sempre das 20 às 22 horas.

O calçamento em volta do coreto, aproximadamente quatro metros, foi transformado em pista de dança, e com a revitalização da praça, em 2004 o piso foi coberto por estrutura antiderrapante.

Nas laterais da pista de dança encontram-se bancos que funcionam como marcadores do espaço destinado ao baile, onde a platéia que assiste ao espetáculo se posiciona.

O coreto não tem nenhuma iluminação específica: algumas lâmpadas amarelas de luz fluorescente iluminam o seu interior. Os mobiliários, como cadeiras, estantes para partituras, e caixas de som são levados pelos próprios componentes dos conjuntos que se apresentam, assim como os instrumentos musicais. Os integrantes dos grupos chegam sempre com alguns minutos de antecedência, tempo apenas suficiente para o arranjo dos instrumentos e do som. Não foi observado nenhum comportamento de euforia ou empolgação, por parte dos músicos, ou dos dançarinos, como se cumprissem um ritual já há muito conhecido.

Muitos participantes, nativos ou moradores da cidade, freqüentam os quatro bailes. As mulheres, se desacompanhadas, chegam normalmente em grupos. Muitas se conheceram durante as noites de dança. Os homens que freqüentam os bailes desacompanhados são em menor número. Os casais vão chegando devagar e tomando lugar nos bancos.

Os freqüentadores assíduos chegam alguns minutos antes do início das músicas. Não são observadas muitas conversas particulares não relacionadas ao baile, repertório musical, presença ou ausência de algum dançarino. Observamos dois tipos de freqüentadores dos bailes: os que dançam e os que assistem. A atividade de dança requer que as condições físicas dos dançarinos sejam capazes de propiciar a atividade. É freqüente observar pessoas, mulheres na sua maioria, que por falta de condições físicas apenas assistem. Também foram notados alguns casais e mulheres desacompanhadas que freqüentam os bailes com assiduidade apenas para acompanhar o

movimento. Os espectadores pertencem também a camadas sociais diferenciadas e diversas faixas etárias.

Quando o baile tem início, imediatamente os casais que lá estão aguardando começam a dançar. Os homens convidam algumas mulheres desacompanhadas. Aos poucos, vão se agrupando ao redor do coreto as pessoas que se encontram na praça em locais mais distantes para assistir ao “espetáculo”.

Os turistas também vão se aproximando e tomam a iniciativa de dançar, quando o número de casais já é maior. Os jovens só são vistos dançando se de fora da cidade. É comum que os homens convidem as mulheres mais jovens que assistem ao baile. Se o convite é aceito os homens mais velhos têm prazer em ensinar passos mais requintados e exhibir dotes de dançarino.

É freqüente mulheres desacompanhadas dançarem com outras mulheres, sem qualquer constrangimento. Algumas mulheres dançam sozinhas ao redor do coreto.

Os convites para a dança são feitos para todas as mulheres que se posicionam perto da pista de dança. Os homens desacompanhados ficam encostados nas paredes do coreto, normalmente sozinhos e em silêncio. Não existe intervenção da platéia quanto ao repertório tocado e nem à duração do baile. O horário já está previamente determinado e é cumprido sem questionamentos. Terminado o período do baile, as pessoas que participaram das danças ou da platéia conversam e trocam experiências.

Nas noites de sábado e feriados principalmente, é grande o número de espectadores que ficam assistindo ao baile. Muitas fotografias são tiradas, e normalmente os casais sentem prazer em posar para as fotos. Forma-se um grupo de pessoas que dançam ao redor do coreto.

Jovens aplaudem e invejam os velhos dançarinos. O relacionamento intergeracional se concretiza nos passos de dança. O baile realiza uma seleção social de seus participantes.

O baile do coreto da praça transforma-se em um grande espetáculo que aos finais de semana a Praça Pedro Sanches assiste e acolhe.

“Eu só faltou se estou doente”.

“Eu danço 14 anos e ainda não perdi o encanto”.

“Só não tem baile se está chovendo. Pode estar nevando que eu venho”.

“Os bailes de quinta- feira estão mais animados, pois as músicas são mais variadas.”

“Esta é a quinta vez que estamos vindo a Poços, porque somos encantados com este baile. A gente não dança, mas fica horas assistindo”.

“Quem não dança aqui não sabe o que está perdendo”.

4.4 - Os “Indignos” Dançarinos da Praça Pedro Sanches

Monteiro (2003), ao abordar a importância da relação das pessoas com seu corpo e o outro durante o processo de envelhecimento, enfatiza que quanto maior o isolamento do idoso maior será o seu comprometimento sensorial e comportamental. Ambientes e atividades monótonas influenciam não só a manutenção das capacidades fisiológicas como a maneira de interação com o meio externo. Estar e agir com outras pessoas em ambientes variados e estimulantes ampliam os horizontes de atuação da pessoa que envelhece. O corpo em atividade, realizando movimentos, interagindo com outros corpos, favorece, a aquisição de conhecimentos e valores.

Segundo o autor:

O que está fora favorece o conhecimento da pessoa, pois proporciona os limites do seu corpo. Uma pessoa conhece seus limites quando se defronta com os objetos do mundo. Quando toca o mundo, ela toca a si mesma. Por isso, quando deixa de se relacionar com o seu meio, o indivíduo passa a ignorar a si próprio, se perdendo dentro de seu corpo. O espaço se contrai, diminuindo suas escolhas, propiciando a produção de um estereótipo social.

Assim, o outro é sempre uma oportunidade de o indivíduo ter a sensação de si mesmo (MONTEIRO, 2003, p.145).

E mais adiante:

O movimento otimiza a adaptação ao meio circundante, fornecendo a experiência necessária para a aquisição do conhecimento. Um conhecimento essencial que delimita rotas, cumpre metas, planeja realizações. Em contrapartida, espaços individualizados e solitários são más estratégias de existência. Em suma, o coletivo dinamiza o senso de ser e estar de cada indivíduo, dando-lhe a capacidade de pertencer a um espaço. MONTEIRO (2003, p.146).

Entretanto, se percebem durante os bailes ao redor do coreto da praça Pedro Sanches não apenas a manutenção ou recuperação das habilidades motoras tão comumente alteradas durante a velhice. Fica evidente a descoberta de novos desejos que a interação com outros velhos, em lugares abertos e públicos, descortina. “Podemos, então, pensar que os movimentos são, na realidade, a fonte propiciadora de realização dos desejos, mantendo viva a motivação interna” (MONTEIRO, 2003, p.148).

Os personagens deste estudo, cujas entrevistas serão transcritas e analisadas, são figuras exponenciais e representativas dos bailes na Praça Pedro Sanches. São exemplos de como se apropriar de um espaço e criar um território próprio, independentemente da sua origem ou posição social ou idade.

Iniciando a transcrição das entrevistas, uma breve apresentação do entrevistado foi elaborada, assim como, ao final, observações e percepções da pesquisadora foram elencadas.

As análises das entrevistas tiveram caráter também sentimental, pois ao longo do estudo os velhos que dançam na Praça da Cidade de Poços de Caldas passaram de meros elementos de pesquisa para personagens que desempenham e colaboram para o desenvolvimento pessoal da pesquisadora. Transformaram-se em elementos que constroem a história da praça, da cidade de Poços de Caldas e da pesquisadora.

Entrevistas

ENTREVISTAS

L. 84 anos, sexo masculino.

Apresentação:

O Sr.L. é bastante conhecido pelo grupo que dança na praça. Sempre ágil nos movimentos, elegante em suas vestimentas, postura completamente ereta, não aparenta a idade que tem. Durante a dança permanece o tempo todo compenetrado nos passos e em sua parceira, e só dança com ela. O casal apresenta coreografia própria, passos bastante sincronizados e harmônicos. Estão presentes em todas as atividades de dança da praça, sendo dos primeiros a chegar. Quando o Sr. L. foi convidado a participar da pesquisa ficou muito lisonjeado aceitando imediatamente. Quando indagado sobre o local da entrevista escolheu os bancos ao redor do coreto. Pediu que o casal estivesse junto para as entrevistas No dia marcado estava muito frio, com a temperatura por volta dos 12 graus às 10 horas. O casal foi pontual apesar da temperatura. Ambos estavam bem à vontade para conversar.

- Por que o senhor dança?

É um prazer muito grande, eu gosto muito, desde o Rio que eu gosto de dançar bastante. Frequentava muitos aqueles clubes do Rio: Bola Preta, o Arsenal da Marinha, a Aeronáutica, gostava muito de dançar. E quem me ensinou também dançar um pouquinho foi o Carlinhos de Jesus. Aprendi com ele. É bom dançar: pro corpo e pra alma. Isso é a coisa melhor do mundo.

- E dança desde quando?

Eu aprendi faz mais ou menos... uns 40 anos. Já tinha uns 40 anos mais ou menos. É porque eu gosto. Eu não bebo não fumo. Eu gosto muito dessa diversão. Olha, se tiver uma festa, se não tiver baile eu não vou, eu não vou, não vou.

E gosto, eu gosto muito de dançar. Eu danço em todo canto. Olha, eu tô sendo convidado: a PUC teve o baile agora sábado, nós fomos no baile convidados.

- O senhor veio morar em Poços por quê?

Faz 20 anos que eu estou aqui, em Poços... Vinte anos, que eu gosto muito dessa cidade.

Quando eu saí do Rio, vim logo morar aqui. Já faz muitos anos.

Eu vinha duas vezes por ano aqui.

Vinha no Natal e vinha em setembro.

Eu falei com a minha senhora:

-Vamos mudar pra Poços?

É eu e ela só, não temos filho.

Então ela disse:

-Então vamos.

Eu aluguei um apartamento ali na rua Prefeito Chagas, minha pousada foi lá. Morei lá seis anos, faz 20 anos que eu moro aqui. Eu adoro essa cidade. Se me der um apartamento de Copacabana de graça, eu não quero.

Eu tenho um apartamento lá, o resto tudo vendemos. Eu não comprei nada aqui porque não é interessante para mim. Eu não tenho filho, se eu morrer ela tem a pensão segura. E se ela morrer eu tenho a pensão. Pra nós não temos problema nenhum, eu e ela não temos.

Pra deixar pra sobrinho não é interessante, quem tem que desfrutar sou eu.

- Por que o senhor dança aqui no coreto de Poços?

Ah, porque eu adoro a cidade, gosto muito. Aqui é o lugar... aqui é o cartão de visita de Poços. É o cartão de visita. Em todos os lugares que eu vou, a primeira coisa que eles perguntam:

- Ainda tem aquele coreto?

Eu digo:

- Tem. É ótimo.

Acho que esta praça envolve todo mundo. Todo mundo vem dançar aqui. Pessoas bem idosas mesmo. Eles fazem... se não tem parceiro pra dançar, eles fazem um cordão e a gente vê que eles ficam felizes, eles gostam, não tem turista que não goste.

Dançar é a única coisa que nós fazemos, não fazemos pouco de ninguém.

Não, absolutamente não. Imagina.

Nós somos a mesma coisa que o pessoal. Dançar aqui é a mesma coisa. Não sou melhor do que ninguém, não gosto dessas coisas. Negócio de orgulho, essas coisas.... Pra mim não... Não vai...

Imagina, somos todos iguais.

Todo mundo vai pro mesmo lugar.

E mais: ao ar livre é gostoso.

-

- O que o senhor acha de estar envelhecendo dançando?

Eu não acredito, eu não tô velho. Eu não tô velho.

Hoje esses idosos não têm prazer na vida, só cadeira de balanço, televisão e ler jornal. Minha patroa é assim; minha patroa é uma senhora de... ela tem 84 anos. Ela não gosta de festa. Só gosta de ver uma televisão, uma novela, ela adora isso.

Ela não me proíbe em nada, nada, nada.

Agora, chega carta na minha casa:

- *L. chegou uma carta aí pra convidar você, pra você ir ao baile, você não vai não?*

Às vezes tem hora pra disfarçar com ela:

- *Não tô com vontade.*

- *Não, você vai, vai, vai.*

Aí eu vou. É lógico

- O senhor não se sente velho?

Não, eu não. Absolutamente não. Eu tô com 84 86 anos. Não considero velho. Não, absolutamente não.

Eu ando muito. Agora eu chego em casa, almoço, vou dormir um pouquinho. Lá mais ou menos três horas, quatro horas eu saio, vou dar uma volta, com meus amigos. Seu pai é um grande amigo meu. Gosto muito do seu pai, não é porque tá na sua presença não, eu gosto muito dele.

Eu sou muito querido aqui em Poços. Tem muita gente que não gosta de mim. Acham que eu sou ridículo.

Eu não me meto no meio desses caras, coisa nenhuma, eu sou do meio social, gosto muito do meio social. Gosto.

- Muito bem, muito bem. Obrigada.

Lavei a alma.

Observações

Somente durante o decorrer da entrevista ficou claro que se tratava de um casal apenas para as atividades de dança. Eram parceiros de baile. A proposta inicial tinha sido a entrevista de um casal formal que dançava nos bailes da praça. A proposta de entrevistar persistiu mesmo sabendo não se tratarem de marido e esposa, pois aos olhos da pesquisadora o Sr. L. e a Sra. A. são legitimados como um casal que freqüenta os bailes da Praça Pedro Sanches.

O Sr. L. não encontrou dificuldades em responder às perguntas de maneira precisa. Ao terminar sua fala com a afirmação “*lavei a alma*” demonstrou claramente que precisava, de alguma forma, ter apresentado seu ponto de vista sobre a dança, a velhice e sua falta de preconceitos em relação aos parceiros e à atividade de dança na praça.

Interpretação

Peixoto (2000) ressalta o conceito de pertencimento elaborado a partir da idéia de comportamentos sociais regidos por um conjunto de regras e princípios de ética e estética, sempre associados a um local. A autora refere-se ao significado da identidade construído por uma sociedade, sua percepção da natureza, que lhe confere visão de mundo própria.

Segundo a autora:

Em relação ao exposto e associado às formas de sociabilização dos idosos e à rotina que essa faixa etária freqüenta os espaços públicos urbanos, chega-se à indicação também contraditória que aos sentimentos de identidade etária e pertencimento social se misturam os de apego a esses territórios. (PEIXOTO 2000, p.49).

O Sr. L. valoriza e considera o coreto como território próprio, onde exerce plenamente o papel de dançarino. O status de bom dançarino lhe confere posição privilegiada em meio aos casais que freqüentam os bailes

“Aqui é o lugar... aqui é o cartão de visita de Poços. É o cartão de visita. Em todos os lugares que eu vou, a primeira coisa que eles perguntam:

- Ainda tem aquele coreto?

Acho que esta praça envolve todo mundo”

O Sr. L. sente prazer em dançar e assume que a atividade que realiza na praça é simplesmente o ato de dançar. Também é notado em sua fala um grau de reivindicação quanto ao reconhecimento e à permissividade para que diferentes pessoas possam estar exercer o direito ao espaço público e à dança.

“Dançar é única coisa que nós fazemos, não fazemos pouco de ninguém.

Não, absolutamente não. Imagina.

Nós somos a mesma coisa que o pessoal. Dançar aqui é a mesma coisa. Não sou melhor do que ninguém, não gosto dessas coisas. Negócio de orgulho, essas coisas.... Pra mim não... Não vai...

Imagina, somos todos iguais.”

Esta premissa é reforçada por Moretti (1998), quando mostra a construção e a consolidação de direitos dos idosos a partir da apropriação de espaços públicos, fundamentada na “consciência e na liberdade de pensamentos conjugados à ação” (p.43).

A autora conceitua como “local” o espaço onde relações sociais concretas se ampliam, transformando-o em um “lugar” onde as pessoas se encontram, possuem afinidades e desenvolvem sentimentos de pertencimento a um grupo social definido.

Para o Sr. L., a idéia de velhice está associada à inatividade, à falta de perspectivas. Não reconhece e nega a própria velhice concretizando a especificidade que cada um atravessa durante o envelhecer.

Eu tô com 84... 86 anos. Não considero velho. Não, absolutamente não.

Eu não acredito, eu não tô velho. Eu não tô velho.(...) Hoje esses idosos não têm prazer na vida, só cadeira de balanço e televisão e ler jornal. Minha patroa é assim; minha patroa é uma senhora de... ela tem 84 anos. Ela não gosta de festa. Só gosta de ver uma televisão, uma novela, ela adora isso.

Segundo Mercadante (2003), “Há, assim, um conhecimento claro, por parte dos entrevistados, dos significados elaborados socialmente sobre a velhice, o reconhecimento da categoria geral de velho e a negação – individual – do próprio envelhecimento e da velhice singular de cada um relacionada àquelas características gerais” (p.57).

O entrevistado pouco se refere à sua vida doméstica, particular, reforçando a idéia de pertencimento local adquirida a partir da identificação com a cidade de Poços de Caldas e sua praça. A idéia de viver a velhice de forma singular também é evidenciada. Observa-se inversão de valores entre a casa e as atividades da rua, defendidas por DaMatta (1997): a rua transforma-se no espaço em que o Sr. L. se sente engajado.

“Eu aluguei um apartamento ali na rua Prefeito Chagas, minha pousada foi lá. Morei lá seis anos, faz 20 anos que eu moro aqui. Eu adoro essa cidade. Se me der um apartamento de Copacabana de graça, eu não quero.

Eu tenho um apartamento lá, o resto tudo, vendemos. Eu não comprei nada aqui porque não é interessante para mim. Eu não tenho filho, se eu morrer ela tem a pensão segura. E se ela morrer eu tenho a pensão. Pra nós não temos problema nenhum, eu e ela não temos. Pra deixar pra sobrinho não é interessante quem tem que desfrutar sou eu”.

Entrevista 2

A. 61 anos, sexo feminino

Apresentação:

A Sra. A. permaneceu em silêncio durante a entrevista com o Sr.L. em atitude de concordância ao exposto pelo parceiro. Compareceu prontamente para a entrevista, mesmo levando-se em consideração as condições climáticas. É uma mulher elegante traja-se muito bem sempre que é vista. Faz questão de reforçar sua jovialidade demonstrada em movimentos e posturas. Observou-se durante o encontro que a Sra. A. tem formação cultural diferenciada, desenvolvida ao longo de sua vida. É professora.

- Por que a senhora dança?

Eu danço porque me causa muito prazer, desde pequena, isso eu já falei, mas eu fiz balé, eu sempre gostei muito de música, eu me envolvo, sou uma pessoa muito romântica, muito sentimental. Então, quando eu danço é como se... É a coisa melhor, eu sinto um prazer que não pode ser comparado a outra coisa que eu faça. é uma coisa assim de Deus, eu sinto a presença de Deus, eu não vejo ninguém, eu me envolvo. Eu não danço para aparecer, eu danço porque me faz muito bem. Sabe quando você vai para aquele mundo maravilhoso? Porque desde pequeninha fazia isto. Eu dançava no meio dos cães, meu pai punha música e eu dançava do meu jeito. A música é boa quando eu estou alegre, quando eu estou triste ela me ajuda a chorar, desabafar minhas mágoas. É uma coisa que me envolve muito.

- Por que a dançar na praça?

Eu danço na praça porque na praça sempre tem música. Também porque acho a praça um lugar bom porque não existe preconceito. Ali tem rico, tem pobre, classe média, os turistas. Acho que o mundo deveria ser assim, todo mundo igual. Acho que é por isto que eu gosto de dançar no coreto. Tem pessoas que perguntam:

-Ah, você dança no coreto?!

Eu falo bem firme:

-Danço, danço sim.

Eu me sinto bem no meio do povão. Eu gosto de povo entendeu? Eu não sou preconceituosa, jamais. Nós fomos criados lá em casa para não ser preconceituoso, para ajudar as pessoas, respeitá-las do jeito que elas são porque cada um é um, certo? É por isto.

Mas nós não dançamos só aqui não. Nós vamos a todos os bailes que nos convidam.

- Como a senhora e o Senhor L. tornaram-se parceiros de dança?

Sabe... começou assim: eu vim... eu ví... ele dançando, coisa e tal. Eu achei que ele dançava bonitinho e eu gostei logo dele. Gostei neste sentido. Isto antes da gente saber que ele era o L. que eu já conhecia.

O meu marido já tinha conversado com ele e falou se ele queria dançar uma música comigo. Aí ele dançou e eu fiquei muito feliz. Eu me senti a pessoa mais importante do mundo. No começo eu fiquei meio assim, porque é complicado. Eu só dançava com meu marido, meus filhos, então eu fiquei um pouquinho dura, mas depois eu logo relaxei. Daí em diante nós não paramos mais de dançar. Assim começou a parceria. Nós dançamos juntos há sete anos.

Ele já conhecia o meu pai. Faz muito tempo... Então, ele conheceu meu pai no Rio de Janeiro e meu pai passou mal, certo? E ele, por coincidência estava passando, ele acudiu meu pai. E ele ficou muito amigo nosso, da minha família. Só que toda vez que ele ia visitar minha família, nós não... eu não... não estava, estava presente. Ele ia pra casa do meu pai e tal. E por coincidência, em 99 eu mudei, noventa e...? Em 99 eu mudei pra cá e conversando com ele nós descobrimos que era ele. Aí, nossa, nós ficamos muito felizes porque minha família inteira, meu pai gostava muito dele, minha mãe e toda minha família. Então nós ficamos amigos assim de... a única casa que eu costumo fazer visitas é a dele. Gosto muito da sua esposa e ela de mim. Eu não costumo visitar ninguém, eu não tenho tempo de visitar, porque se eu visitar vou ter que receber e eu não tenho nem tempo. Eu falei pra você que agora eu não quero ter compromissos muito rígidos. Eu ando muito, o dia inteiro, eu saio de manhã e volto à noite.

- E o seu marido?

O único lugar que ele vem com a gente é no Ano Novo. Vem ele e vem a M., esposa do L. O meu marido não gosta de dançar. Ele não sai do clube. Ele joga tênis Ele ta em outra, gosta de gravar as musiquinhas dele. Então cada um lá em casa faz o que gosta. Ele não vai me proibir porque não adianta. Ele tem uma cabeça boa. Ele é culto, é moderno. Ele não se incomoda não. Pelo contrário: ele fica contente. Quando tá chovendo ele torce pra passar a chuva e eu poder dançar.

- Como foi a sua mudança para Poços de Caldas?

Eu mudei porque vim como turista e amei. Aí meu marido também gostou. Nós morávamos em uma chácara em Campinas. Enorme. Aí eu comecei a vir para cá como turista. Meu marido um dia me perguntou:

- Você gostaria de morar aqui?

Eu estava louca para morar aqui, mas se eu falasse e de repente não dá certo... Ele mais tarde iria cobrar. Aí eu falei:

-Ah pra mim é indiferente.

Mas não era né? Era a coisa melhor que podia acontecer na minha vida. Aí ele falou:

-Ah querida, fala você porque pra mim tanto faz.

_Ah... Então tá bom- eu disse.

Nós alugamos a chácara e compramos um apartamento aqui. Mudamos pra cá. Nunca mais voltei a Campinas. Nem quero. Lá eu não saía. Eu saía assim: nós viajávamos de férias e tal. E minha vida era dar aula, fazer bolo. De repente eu achei que tem coisas melhores para a gente fazer. Eu acho que ali eu iria, desculpe a expressão, mofar. Então por isto que eu amo aqui. Porque eu tenho toda a liberdade. Lá eu não podia sair sozinha. Eu não dirijo. Aqui eu saio. Tem muita coisa pra gente fazer e eu mudei por isto.

- O que a senhora acha de estar envelhecendo e dançando?

Não sei responder. Eu acho que envelhecer é coisa de cabeça. Pelo pique que eu tenho, eu até gosto muito de mim neste sentido, eu sou muito mais feliz agora que estou fazendo coisas que gosto. Eu acho que envelhecer é uma coisa assim... relativa. Eu estou envelhecendo na aparência, mas por dentro eu acho que sou uma jovem de 18 anos. Dançando.

Observações

A Sra. A. delineou de forma detalhada a sua relação como parceira de dança do Sr. L. Também fez alusão à sua vida particular, relatando detalhes da constituição e do relacionamento familiar.

Foram observados durante toda a entrevista, uma empolgação e sinais de prazer ao descrever o amor pela dança. A mudança de comportamentos e de estilo de vida de A. reforçam a premissa dos “velhos indignos” discutida por Lopes (1998).

Interpretação

A Sra. A. em sua entrevista, deixa claro a recuperação de valores e atividades que foram e são prazerosas em sua vida. Não adquiriu o gosto pela dança ao descobrir o baile do coreto. Descobriu por meio dos bailes e do coreto uma forma de recuperar valores e atividades.

Monteiro (2003), em todo o seu estudo sobre o corpo e sua relação com o processo de envelhecimento, reforça a idéia da valorização de um corpo ativo e ciente de suas possibilidades: “Todavia, para conseguirmos focalizar a atenção ao corpo, é necessário que ele seja valorizado e respeitado, não como um instrumento de trabalho, mas como um domínio do ser que explora e enriquece a experimentação, adquirindo e doando o aprendizado” (p.36).

A partir dos movimentos elaborados e construídos ao longo de sua vida, a Sra. A. pôde se perceber agindo em um espaço e um tempo específicos. A. age no presente embasada em valores e aprendizados passados.

“Eu danço porque me causa muito prazer, desde pequena (...) Então, quando eu danço é como se... é a coisa melhor, eu sinto um prazer que não pode ser comparado a outra coisa que eu faça. É uma coisa assim de Deus, eu sinto a presença de Deus, eu não vejo ninguém, eu me envolvo. Eu não danço para aparecer, eu danço porque me faz muito bem.”

A ideia de pertencimento à praça e aos bailes também é evidenciada em seu depoimento. A praça transforma-se em um lugar onde relacionamentos e atividades são permitidas, independentemente de normas sociais genericamente assinaladas. Estabelece-se códigos próprios de comportamentos, válidos apenas para aquele espaço, em um tempo específico.

“Eu danço na praça porque na praça sempre tem música. Também porque acho a praça um lugar bom porque não existe preconceito. Ali tem rico tem pobre, classe média, os turistas. Acho que o mundo deveria ser assim, todo mundo igual. Acho que é por isto que eu gosto de dançar no coreto. Tem pessoas que perguntam:

-Ah, você dança no coreto?!

Eu falo bem firme:

-Danço, danço sim.”

A idéia de pertencimento e permissividade é ressaltada por Peixoto:

Os lugares públicos constituem o espaço de preferência das camadas populares, na medida em que estas se sentem mais à vontade, sobretudo porque foram abandonadas pelas camadas superiores. Sem entrar na discussão sobre a natureza dos espaços públicos a céu aberto, como as praças e praias, gostaria de relativizar essa afirmação. Tudo parece indicar que a apropriação desses territórios pelos grupos sociais é bastante sutil; suas fronteiras são vagas e suas barreiras, muitas vezes, imperceptíveis (2000, p.165).

A Sra. A. inaugura modos de pensar e reinventar o seu envelhecer. Assim como os idosos apontados por Lopes (1998) como indignos por romperem com normas socialmente estabelecidas de velhice e envelhecimento, a quebra de valores e conceitos da mulher que só dança com o parceiro oficial, seja ele pai, irmão ou marido, é concretizada na parceria da Sra. A. com o Sr. L. A descoberta de laços anteriores com o atual parceiro apenas intensifica as relações de parceria para a música e a dança.

“O meu marido já tinha conversado com ele e falou se ele queria dançar uma música comigo. Aí ele dançou e eu fiquei muito feliz. Eu me senti a pessoa mais importante do mundo. No começo eu fiquei meio assim, porque é complicado. Eu só dançava com meu marido, meus filhos, então eu fiquei um pouquinho dura, mas depois eu logo relaxei. Daí em diante nós não paramos mais de dançar. Assim começou a parceria. Nós dançamos juntos há sete anos.”

A Sra. A. juntamente com seu marido M., cria novas formas de relacionamento também em relação ao matrimônio.

O meu marido não gosta de dançar. Ele não sai do clube. Ele joga tênis Ele está em outra, gosta de gravar as musiquinhas dele. Então cada um lá em casa faz o que gosta. Ele não vai me proibir porque não adianta. Ele tem uma cabeça boa.”

A construção simbólica de pertencimento à cidade de Poços de Caldas, à Praça Pedro Sanches e aos bailes que nela ocorrem explicitados pela Sra. A., reforça o sentimento de veiculação de comportamentos específicos em territórios determinados. A relação atitudes/espço/valores enfatiza a noção de pertencimento local.

“Eu mudei porque vim como turista e amei. Aí meu marido também gostou. Nós morávamos em uma chácara em Campinas. Enorme. Nós alugamos a chácara e compramos um apartamento aqui. Mudamos pra cá. Nunca mais voltei a Campinas. Nem quero. Lá eu não saía. Eu saía assim: nós viajavamos de férias, e tal. E minha vida era dar aula, fazer bolo. De repente eu achei que tem coisas melhores para a gente fazer. Eu acho que ali eu iria, desculpe a expressão, mofar. Então por isto que eu amo aqui. Porque eu tenho toda a liberdade. Lá eu não podia sair sozinha. Eu não dirijo. Aqui eu saio. Tem muita coisa pra gente fazer e eu mudei por isto.”

A Sra. A. deixa exemplo concreto de desconstrução de estereótipos que adjetivam e categorizam negativamente a velhice. Valores relacionados e somados à categoria terceira idade fundamentam a criação de novos sujeitos

“Eu acho que envelhecer é coisa de cabeça. Pelo pique que eu tenho, eu até gosto muito de mim neste sentido, eu sou muito mais feliz agora que estou fazendo coisas que gosto. Eu acho que envelhecer é uma coisa assim... relativa. Eu estou envelhecendo na aparência, mas por dentro eu acho que sou uma jovem de 18 anos. Dançando”.

A dança serve com instrumento para que a Sra. A. construa subjetivamente seu envelhecer, tendo possibilidades de quebrar conceitos de identidade da velhice como algo estigmatizador.

Citando Mercadante:

A vida presente e os sonhos para o futuro, explicitados nos depoimentos dos entrevistados, apontam para várias possibilidades deles se realizarem enquanto sujeitos que criam projetos e assim podem determinar a sua vida no futuro. São, certamente, as várias possibilidades, e não a única, de viver a vida, que inaugura a produção das novas subjetividades. (2003, p.72).

Entrevista 3

J.A. 63 anos, sexo masculino

Apresentação:

O Sr. J.A. é guarda municipal, e desde o início desta pesquisa e das observações da pesquisadora foi denominado carinhosamente como o “Guarda que Dança”.

Difícil é ter alguma atividade de dança em espaços públicos em que sua presença não é evidenciada. Sorri sempre para tudo e para todos. Demonstra uma vitalidade e um prazer em dançar que o diferenciam dos demais dançarinos.

Não tem preferência quanto ao tipo de parceira; dança com mulheres de idades variadas e de diferenciados grupos sociais.

É um dos primeiros a chegar, sempre antes do baile começar. Só deixa o espaço de dança quando todas as conversas, todos os encontros de final de festa já tiveram fim.

Ao ser convidado para participar da pesquisa, aceitou imediatamente e também fez questão que a conversa transcorresse em frente ao coreto.

- Pode me contar por que o senhor dança?

Bom, em primeiro lugar eu danço porque eu gosto, né? Eu gosto, sempre gostei de dançar. Eu danço desde 1943 quando eu completei 14 anos. Eu comecei a dançar em São Paulo, capital de São Paulo. Aqui em Poços de Caldas eu cheguei em 93.

Eu vim conhecer Poços de Caldas, adorei esse Coreto aqui, eu vim pra Poços de Caldas por causa desse Coreto, por causa da dança desse Coreto e tô dançando até hoje, já vai pra doze anos, desde... Aliás, já fez doze anos em março. .

Agora, eu vim de vez pra... Poços em setembro de 93, então que eu danço aqui no Coreto já... já fez 12 anos.

- O senhor falou que resolveu mudar pra cá por causa do coreto, como é que foi isso?

Exatamente. Eu... Eu naquela época planejei sair fora de São Paulo, da capital.

Não estava agüentando mais, fui assaltado muitas vezes, a casa foi assaltada.

Então eu falei pra minha, hoje falecida esposa, que eu tinha vontade de escolher uma cidade do interior pra mudar da capital de São Paulo.

Podia ser no próprio estado de São Paulo, mas foi em Minas que eu vim parar.

Foi assim: eu não escolhi assim Poços de Caldas, eu vim conhecer Poços de Caldas no dia dois de fevereiro de 93. Era uma terça-feira que eu cheguei aqui pela primeira vez e no sábado o porteiro do hotel falou se eu gostava de dança pra eu vir aqui no Coreto.

Aí eu vim conhecer o Coreto em março de 93, foi num sábado, pela primeira vez.

Eu adorei isso aqui e praticamente eu vim pra Poços de Caldas por causa dessa dança do Coreto.

Isso aqui eu... Eu me apaixonei por isso aqui, eu me toquei por isso aqui, aquele povão, a gente dança o povo fica olhando a gente, quer dizer, o cara assim, né, ao público, né, então eu gostei muito, eu gostei e depois de seis meses eu vim morar em Poços de Caldas.

Demorou uns seis meses porque eu dependia de uma venda de um ponto de comércio que eu tinha em São Paulo. Depois que eu vendi lá eu vim pra cá de vez. Cheguei aqui no 21 de setembro de 93.

Mas eu vim pra Poços de Caldas justamente por causa desse coreto mesmo. Isso aqui me encantou, esse pessoal dançando aqui, pessoal praticamente da terceira idade.

Tem povão mesmo simples, gente simples, né, porque no sábado tem mais turista. Aí, de sexta e domingo é mais o povo daqui mesmo que dança. Você sabe que o turista é mais no sábado, né? Isso aqui me encantou, eu vim pra Poços foi também por causa dessa dança, aí depois... Depois de muitos anos, uns cinco anos atrás, o meu amigo Lira, que tem o jornal dele, começou a tocar ali no Leãozinho de sábado e domingo, também melhorou a coisa pro meu lado, melhorou pro meu lado porque aí eu freqüento lá também. Freqüento o Leãozinho e freqüento aqui... Aqui o coreto.

Mas também entra aquele outro lado, né? Minha esposa não quis vir pra cá.

Aí eu me separei dela naquela época, eu vim pra cá e aqui eu conheci uma outra... uma outra senhora, uma outra pessoa que eu estou com ela até hoje. Eu conheci essa pessoa um sábado aqui no coreto, dançando com ela.

Infelizmente, de uns dois anos pra cá ela já não tá dançando muito. Problema de saúde.

Mas ela não se incomoda que eu dance com as colegas, com o pessoal conhecido, às vezes até com alguma turista. É por aí... mas nós dançamos muito aqui, nós dançamos mais ou menos uns dez anos direto aqui. Uns dez anos.

De dois anos pra cá que ela deu uma parada por motivo de saúde. Tá com problema nas pernas, ela sofreu quatro pontes de safena, uma mamária, e agora de uns dois anos pra cá, então de saúde ela não tá boa.

Mas ela não se incomoda de eu vir dançar não. E ela gosta de vir porque ela gosta de me ver dançar, gosta de escutar as músicas, a gente tem amizade com muita gente aqui que frequenta o coreto.

Então ela continua vindo, só que dançar, ela infelizmente não tá podendo dançar mais. Sou eu que tô dançando, eu não parei ainda não, e eu espero dançar enquanto tiver saúde pra isso, porque enquanto tiver saúde eu espero dançar.

- E o senhor gosta de dançar que tipo de música?

Olha, eu gosto de dançar de tudo, mas o que me agrada mesmo é uma valsa. Nossa, eu gosto de uma valsa, viu? Eu gosto de uma valsa, mas eu danço bolero, eu danço forró, eu danço de tudo, só o tango que é... o tango é...um pouquinho complicado, né? Mas dá pra sair, o que eu gosto mesmo é uma valsa. Eu danço com uma senhora aqui que o nome dela é L.. Ela é frequentadora assídua aqui do coreto. Ela só não vem aqui se ela tiver doente. Ela vem toda sexta, sábado e domingo. É somente a valsa eu gosto de dançar com ela. Eu danço sexta, sábado e domingo. Só ao ar livre.

- O que o senhor acha de estar envelhecendo dançando?

Olha, a impressão que dá é que eu não tô envelhecendo. Eu sei que eu tô envelhecendo, cada minuto do relógio a gente envelhece um pouquinho, né, mas eu... a impressão que dá é que eu rejuvenesci aqui, fiquei mais novo.

Quando eu vim pra Poços de Caldas nesses 12 anos eu me acho mais novo. A impressão que dá é essa, que eu... que a gente não envelhece, é o contrário.

Aqui, esses 12 anos que eu tô aqui em Poços de Caldas a impressão que dá é que eu não... não fiquei mais velho 12 anos.

É assim... assim por dentro, meu espírito, entendeu?

O corpo é lógico, a gente aparenta já idade, né? Já tô careca, tal, tem mais coisa, mas assim, eu me sinto jovem quando eu tô dançando.

Um dia desse mesmo, aqui atrás do Pálace Cassino, teve a quadrilha, lembra? Semana passada teve a quadrilha, foi sexta, sábado e domingo. E no sábado, depois da quadrilha teve forró e eu nem sabia. Tava aqui no Coreto, eu falei pra minha companheira:

- Vamos lá atrás do Pálace que parece que tem a quadrilha lá. Vamos lá dar uma olhadinha, porque isso aí é uma vez por ano, né?

Aí nós saímos aqui do coreto, eram umas nove e quinze e fomos pra lá.

Chegando lá, em vez da quadrilha, que já tinha sido apresentada, tava tocando um grupo de forró que é da academia do Paraíba aqui na rua Capitão Afonso Junqueira,

O Paraíba tem uma academia de forró lá Como eu sou pernambucano, eu peguei amizade com ele, com o Paraíba, né? E ele que é o professor de forró.

Ele tava com o grupo dele lá, e eu com a companheira com problema de saúde, como eu já falei pra senhora.

Aí, eu arrumei lá duas cadeiras sentamos ali pra apreciar.

E de repente, num intervalo lá, uma das meninas, uma menina assim, de uns vinte, vinte e poucos anos, veio me tirar pra dançar.

Eu acho que ela já me conhecia, ela... acho que ela já me conhecia de algum lugar, e eu... Ela falou assim pra mim:

- O senhor dança esse forró comigo?

Aí eu pensei comigo “Poxa, veio oferecer banana pra macaco.”

Falei:

- É lógico que eu danço.

Aí dancei lá e eu percebi que o pessoal tava olhando pra nós, admirando eu, um senhor de 63 anos dançando com uma moça de vinte e poucos anos e não fez feio não, viu? É lógico que eu também não tô à altura dos rapazes lá que são da academia de forró, eles dançam muito bem, mas eu não fiquei muito atrás deles não, viu? Eu gosto e dançamos uma meia hora no forró.

Eu danço com todo mundo.

Isso. Com velhas, com senhoras, com moças.

Aquela que aceitar é aquela que aceitar.

E gosto de dançar muito com turista. Até eu falo que eu faço parte da secretaria de Turismo, pra dançar com as turistas, pra agradar as turistas.

A cidade de Poços de Caldas, como você sabe disso, é uma cidade turística, então quanto mais turista pra Poços, mais dinheiro eles trazem pra nós aqui do comércio, não é isso?

É uma engrenagem, um precisa do outro, né?

Então, quanto mais turista vem, melhor pra Poços de Caldas.

Eu... Eu coopero na dança, eu já escutei de senhoras de São Paulo, do Rio de Janeiro, de Belo Horizonte, até do Nordeste também, que vem pra Poços de Caldas por causa desse Coreto e por do Leãozinho.

Já as senhoras falaram pra mim:

- Olha, nós demos preferência pra Poços de Caldas por causa das danças, que é difícil outro lugar assim... Dançar assim, em praça pública, não tem em outro lugar.

Foi lá no Leãozinho. Aqui no coreto também já escutei também.

Então você vê, muita gente vem pra Poços de Caldas por causa da dança. Quem não gosta de dança, não gosta de música, acho que é doente, né, porque não é possível uma pessoa não gostar de música, eu não acredito que tem uma pessoa que não gosta de música.

Acho que todo mundo gosta de música. Tem gente que não dança que fica meio inibido, fica meio com vergonha assim, já aconteceu de eu tirar uma pessoa e a pessoa falar pra mim:

- Não sou dançarina...

Aí eu falo:

-Não, mas aqui...aqui...aqui é brincadeira. Vamos lá. E a pessoa vem e olha, gosta e torna a dançar outro dia, e até hoje acho que não parou de dançar, viu, já aconteceu comigo aqui.

Ah, sim... eu continuo trabalhando porque eu não sou aposentado não. Já falei, sou guarda municipal, né, conhecido como “o guarda que dança”.

Faço o horário administrativo que é de segunda a sexta, justamente pra isso, pra ter folga no sábado e no domingo pra dançar, né, que o nosso horário da guarda é o tal de 12 por 36. Doze por trinta e seis trabalha dois sábados e um domingo.

Quando o nosso diretor, tenente, me convidou e pediu pra eu fazer esse horário administrativo de segunda a sexta, eu aceitei na hora.

Eu aceitei na hora, porque aí eu falei, pensei comigo:

- Oba, vou ter o sábado e domingo, porque eu não posso perder o domingo.

*Já pensou eu de serviço no domingo, vendo o pessoal dançando lá e eu não poder dançar?
Ah, não tem como, né? Então eu aceitei esse horário administrativo de segunda a sexta pra justamente folgar o sábado e o domingo pra poder viraqui no coreto, ir lá no Lira.
Faço esse horário administrativo pra poder folgar no sábado e domingo, pra poder dançar, porque o meu negócio, meu fraco é dança e eu sempre dancei bem, desde a idade de 14 anos, eu tô com 63, que eu danço.*

- E o senhor pretende dançar até quando?

*Até quando Deus me der saúde. Mas acho que mesmo quando eu morrer eu vou querer dançar.
Ou melhor: eu vou querer morrer dançando.*

Observações

O Sr. J.A., durante todo o encontro, acenava e apontava para a construção do coreto, como assinalando o marco inicial de sua nova vida na cidade de Poços de Caldas.

Relatou ter dificuldades em falar olhando um gravador. Precisaria de um tempo para pensar as respostas. Depois de assegurado pela pesquisadora que as transcrições das respostas seriam entregues a ele, relaxou. Houve momentos em que esqueceu completamente que estava sendo entrevistado. Gesticulava muito e interpretava com expressões faciais e movimentos corpóreos o que ia relatando. Forneceu seus depoimentos e impressões de forma apressada e ininterrupta.

Ao ser abordado sobre o próprio envelhecimento, retirou o seu costumeiro boné e mostrou a calvície com o “atestado” prático e visível do seu envelhecer.

Interpretação

O Sr. J.A. também traz da juventude o gosto pela dança. Ao se mudar para Poços de Caldas recupera valores que foi deixando ao longo da vida. A escolha pela mudança se deu muito racionalmente. O pesquisado paga um preço alto com a decisão, ao relatar a separação em virtude

da escolha de mudança de vida. É determinado em seus objetivos e mostra-se muito ciente e responsável por seus atos.

Bom, em primeiro lugar eu danço porque eu gosto, né? Eu gosto, sempre gostei de dançar. Eu danço desde 1943 quando eu completei 14 anos

Eu vim conhecer Poços de Caldas, adorei esse coreto aqui, eu vim pra Poços de Caldas por causa desse Coreto, por causa da dança desse coreto, e tô dançando até hoje, já vai pra 12 anos, desde... Aliás, já fez 12 anos em março.

(...)

Eu adorei isso aqui e praticamente eu vim pra Poços de Caldas por causa dessa dança do Coreto

Isso aqui eu... Eu me apaixonei por isso aqui, eu me toquei por isso aqui, aquele povão, a gente dança, o povo fica olhando a gente, quer dizer, o cara assim, né, ao público, né, então eu gostei muito, eu gostei e depois de seis meses eu vim morar em Poços de Caldas.

A idéia de pertencimento local fica evidenciada quando o Sr. J.A. repete várias vezes ter sido o coreto o motivo de sua vinda para Poços de Caldas. Na verdade, não é a construção do coreto e sim o que ele representa e propicia aos seus freqüentadores.

Peixoto (2000) assinala que os espaços públicos a céu aberto permitem a criação de uma sociabilidade bastante particular: o encontro de pessoas que acontece segundo seus desejos, despojado de qualquer obrigatoriedade.

Segundo a autora:

Os lugares públicos a céu aberto, principalmente as praias e praças, foram sempre considerados espaços de lazer, lugares de encontro e, portanto, territórios privilegiados de sociabilidade. Para além de seus usos sociais os mais diversos, se prestam também à seleção de territórios de identificação. (PEIXOTO, 2000, p.167).

O Sr. J.A. também enfatiza a razão de sua mudança para Poços de Caldas como se a cidade o tivesse escolhido para aqui residir. A cidade não se resume às construções, mas é impregnada de histórias, passadas e presentes, que vão alterando a realidade social.

Para Santos (2004), o espaço social é determinado pela sua forma, a estrutura de acolhimento que pode proporcionar, e a função que exerce dentro de um contexto urbano. O autor sugere diferenças entre perceber um espaço de forma individual e compreender objetivamente o seu significado. O espaço não é a soma nem a reunião das percepções individuais, mas resultado do produto das percepções dos indivíduos, transformando-o em um objeto de valores socialmente definidos. Por meio das explorações e utilizações esse espaço social vai sendo modificado à medida que a história é nele construída.

Segundo o autor:

Os movimentos da totalidade social modificando as relações entre os componentes da sociedade, alteram os processos, incitam a novas funções. Do mesmo modo, as formas geográficas se alteram ou mudam de valor; e o espaço se modifica para atender às transformações da sociedade. É assim que os lugares – combinações localizadas de variáveis sociais – mudam de papel e de valor, à medida que a história se vai fazendo (2004, p.57).

O Sr. J.A. humaniza a estrutura da cidade de Poços de Caldas como um ser de vida própria.

Foi assim: eu não escolhi assim Poços de Caldas, eu vim conhecer Poços de Caldas.

Mas eu vim pra Poços de Caldas justamente por causa desse Coreto mesmo. Isso aqui me encantou, esse pessoal dançando aqui, pessoal praticamente da terceira idade.

Tem povão mesmo simples, gente simples, né, porque no sábado tem mais turista. Aí, de sexta e domingo é mais o povo daqui mesmo que dança.

Enfocar o envelhecimento a partir de novos olhares implica revisão de valores quanto ao envelhecer. Os velhos, em nossa sociedade, freqüentemente são considerados incapazes, portadores de limitações físicas, apartados do convívio social. Entretanto, o meio promove um acolhimento a todos os que se agrupam com ideais e desejos semelhantes.

O depoimento do Sr. J.A. enfoca de maneira simples e direta que mesmo os portadores de limitações, o desejo de inserção move positivamente o indivíduo que envelhece. No meio de acolhimento não será a deficiência física o elemento que distanciará o idoso da convivência com os outros. Mesmo considerados incapazes para dançar, as pessoas podem assistir, cantar ou acompanhar o ritual do baile e sentirem-se integrantes do grupo. O espaço público e aberto propicia que essas relações possam acontecer.

Da mesma maneira, o não pertencimento ou a não comunhão de ideais podem distanciar indivíduos e posicioná-los em situações opostas

Mas também entra aquele outro lado, né? Minha esposa não quis vir pra cá. Aí eu me separei dela naquela época, eu vim pra cá e aqui eu conheci uma outra... uma outra senhora, uma outra pessoa que eu estou com ela até hoje. Eu conheci essa pessoa um sábado aqui no coreto, dançando com ela. Infelizmente, de uns dois anos pra cá ela já não tá dançando muito. Problema de saúde. Mas ela não se incomoda de eu vir dançar não. E ela gosta de vir porque ela gosta de me ver dançar, gosta de escutar as músicas, a gente tem amizade com muita gente aqui que frequenta o coreto. Então, ela continua vind,o só que dançar, ela infelizmente não tá podendo dançar mais. Sou eu que tô dançando, eu não parei ainda não, e eu espero dançar enquanto tiver saúde pra isso, porque enquanto tiver saúde eu espero dançar.

Citando Simões:

A corporeidade vivida pelo idoso tem restrições e eles têm consciência disto. No entanto, esta questão não é empecilho para que eles sintam a importância de participar em todas as atividades propostas pelo desenvolvimento do planejamento do Curso, quer sejam atividades motoras ou não. Eles enfrentam esse desafio com determinação. Eles vivenciam as diferentes e novas experiências sem a preocupação exagerada como *pré-conceitos* que a sociedade manifesta em relação aos seus corpos (SIMÕES, 1998, p.123).

Ao discutir o seu envelhecimento, o Sr. J.A. registra a importância do corpo em movimento e da busca constante de realizações. Em seu relato o pesquisado enfatiza a importância da dança como elemento rejuvenescedor. O Sr. J.A. utilizou o relato sobre sua

trajetória de vida para afirmar, por meio de suas ações, que o envelhecimento negativo está condicionado à falta de objetivos e desejos.

Olha, a impressão que dá é que eu não tô envelhecendo. Eu sei que eu tô envelhecendo, cada minuto do relógio a gente envelhece um pouquinho, né, mas eu... a impressão que dá é que eu rejuvenesci aqui, fiquei mais novo.

É assim... assim por dentro, meu espírito, entendeu?

O corpo, é lógico, a gente aparenta já idade, né? Já tô careca, tal, tem mais coisa, mas assim, eu me sinto jovem quando eu tô dançando.

Fica também explicitado nos relatos do pesquisado a busca de adequação ao objetivo almejado. Esse fato já o separa das idéias generalistas sobre o envelhecimento passivo. O Sr. J.A. vai além: procura adequar as suas atividades de trabalho às atividades de dança.

Ah, sim.... eu continuo trabalhando porque eu não sou aposentado não.

Faço o horário administrativo, que é de segunda a sexta, justamente pra isso, pra ter folga no sábado e no domingo pra dançar,

Faço esse horário administrativo pra poder folgar no sábado e domingo, pra poder dançar, porque o meu negócio, meu fraco, é dança, e eu sempre dancei bem, desde a idade de 14 anos, eu tô com 63, que eu danço.

Espaços nos quais existe a idéia de pertencimento exercem papel não segregador. Territórios construídos a partir de identificações coletivas ou individuais. Favorecem para oportunidades serem oferecidas a todos, permitindo a diversidade e a complexidade das experiências sociais compartilhadas.

Aí dancei lá e eu percebi que o pessoal tava olhando pra nós, admirando eu, um senhor de sessenta e três anos dançando com uma moça de vinte e poucos anos, e não fez feio não, viu? É lógico que eu também não tô `a altura dos rapazes lá que são da academia de forró, eles dançam muito bem, mas eu não fiquei muito atrás deles não, viu? Eu gosto e dançamos uma meia hora no forró.

Eu danço com todo mundo.

Isso. Com velhas, com senhoras, com moças.

Aquela que aceitar é aquela que aceitar.

E gosto de dançar muito com turista. Até eu falo que eu faço parte da secretaria de turismo, pra dançar com as turistas, pra agradar as turistas.

Eu coopero na dança, eu já escutei de senhoras de São Paulo, do Rio de Janeiro, de Belo Horizonte, até do Nordeste também, que vem pra Poços de Caldas por causa desse Coreto e por do Leãozinho.

As teias de relacionamentos desencadeadas nesses espaços potencializam novos comportamentos e ações, diminuindo as possibilidades de exclusão.

Então você vê, muita gente vem pra Poços de Caldas por causa da dança. Quem não gosta de dança, não gosta de música, acho que é doente, né, porque não é possível uma pessoa não gostar de música, eu não acredito que tem uma pessoa que não gosta de música.

O Sr. J.A. com sua forma alegre e simples de relatar experiências, assinala que uma nova formulação de valores seja construída: a velhice aliada ao trabalho, ao desejo, às realizações pessoais. As atividades de dança na Praça Pedro Sanches contribuem para esta construção de valores para o pesquisado e para muitos outros velhos que dançam na Praça Pedro Sanches.

Trabalhar contra a segregação é atuar no sentido de garantir o sentimento de legitimidade social, isto é, o direito de sentir-se no direito de ser ouvido e reconhecido como membro de uma comunidade argumentativa, definidora das políticas coletivas de “bem-viver”.

Essa virtude não pode ser enclausurada em modelos ou espaços, mas deve ser conquistada pelo desenvolvimento de uma racionalidade ético-afetiva na cidade, capaz de gerar espaços insuspeitos de ressonância de interesses e necessidades coletivas (SAWAIA, 1995, p.24).

O baile é uma diretriz que norteia os desejos e aspirações de vida do pesquisado.

Até quando Deus me der saúde. Mas acho que mesmo quando eu morrer eu vou querer dançar. Ou melhor; eu vou querer morrer dançando.

Entrevista 4

A. 70 anos, sexo feminino

Apresentação

A partir de conversas e depoimentos colhidos durante os bailes na praça, a pesquisadora conheceu a Sra. T. Freqüentadora assídua dos bailes de sábado e domingo, a Sra. T. tem história distinta das demais entrevistas realizadas: começou a dançar tardiamente como recurso terapêutico para um processo depressivo que desenvolvia. Solicitado o seu telefone para marcar a entrevista, concordou rapidamente, demonstrando interesse no assunto.

Coincidentemente, a Sra. T. preferiu que a conversa fosse na praça. Nosso encontro se deu numa tarde ensolarada de quinta-feira, ao lado do coreto. A pesquisada preocupa-se muito com a aparência e apresentou grau elevado de auto-estima, quando fez questão de relatar que havia comprado uma blusa nova, pois o encontro merecia comemoração.

Muito sorridente e extrovertida, demonstrou preocupação com sua privacidade.

“Eu não me importo mas não sei o que podem pensa,r não é? Mas estou orgulhosa de ter sido escolhida para dar esta entrevista.”

Foi garantido que apenas as iniciais seriam colocadas no estudo e a transcrição da entrevista entregue a ela. Durante a entrevista diversas vezes interrompeu sua fala, chamando a atenção da entrevistadora para um passarinho ou uma folhagem ou flor que avistava.

- Por que a senhora dança?

A história do começo do meu amor por dançar é muito engraçada.

Eu estava com uns problemas de saúde, sabe? Tinha muita falta de ar, dores pelo corpo todo e não tinha vontade de fazer nada. Passava o dia me queixando e quase que na cama ou sentada.

Minha filha ficou insistindo que eu procurasse um médico. Eu, pra falar a verdade, estava com medo de procurar um doutor porque eu tinha receio de que ele falasse que eu tinha uma doença ruim. Mas fui. Eu não vou falar o nome do médico porque é meu amigo, e fico com medo dele achar ruim, sabe?

Pois bem, eu fui ao consultório dele, ele me examinou muito bem; não foi rápido não. Acho que pediu uns exames eu não me lembro, mas na receita ele me passou um remédio só: quando eu li o papel estava escrito assim: vá dançar em bailes.

Eu achei que o meu médico estava louco, mas não falei nada não.

Levei a receita para casa e fiquei matutando... o que será que ele quis dizer?

Eu não podia perguntar para ele porque tinha medo que ele me achasse muito burra.

Ele era muito brincalhão, será que estava só brincando comigo?

Fiquei com aquilo na cabeça...

Eu não tinha mais marido já fazia muito tempo. Não saía para passear sozinha nunca. Só nas festas dos meus netos ou filhos.

Não sabia nem onde dançar.

Telefonei para uma amiga minha, a C., que eu sabia que dançava. Ela ficou rindo muito no telefone:

- Vamos dançar no Sesc.

No começo foi muito difícil. Eu tinha vergonha, mas achava que era para o meu bem. O corpo era duro. Eu gostava de dançar na juventude, mas meu pai achava que dança não era pra mulher séria. Casei e foi pior. Não dançava e não saía mesmo. Não é que peguei gosto pela coisa? Hoje não tem nada no mundo que me faça parar de dançar.

- Como a senhora passou a freqüentar os bailes da praça?

Sou de Poços, mas não era de freqüentar a praça. No meu tempo este lugar era mais pra turista. A gente aproveitava era a avenida de sábado e domingo. Para mim, eu nem sabia que as pessoas dançavam neste lugar.

Passei a observar que muitas das minhas amigas que dançavam no Sesc, também iam no coreto.

Me levaram um dia pra conhecer. Era um sábado à noite. Quase tive um ataque de emoção.

Fiquei muito emocionada com aquelas pessoas dançando. Dançava mulher com mulher, preto com branco, velho com novo. Tudo muito respeitoso. Acho que a gente vai ali só pra dançar mesmo. Fora que é ao ar livre, que é muito mais gostoso, né?

Fiz mais amigas e alguns amigos. Prefiro hoje dançar no coreto do que em lugares fechados. As pessoas olham muito e acho que algumas têm inveja da nossa coragem em dançar na praça. Eu me acho é muito importante por isto. Hoje eu sinto que sou uma outra pessoa. O meu médico estava certo: eu precisava era de dançar.

- O que a senhora acha de estar envelhecendo dançando?

Acho que no fundo eu fiquei foi mais nova depois que eu danço. Me acho até mais bonita, sabe? Eu sei que os anos passaram e passam muito depressa. Eu sei que já não sou um brotinho, mas eu não me considero velha não. Eu sou é uma dançarina. Tem tanta bailarina que a gente vê na televisão mais velha do que eu.

Eu não tenho depressão, minha pressão é de gente jovem, não tomo remédio pra nada. O meu remédio é vir dançar. Aqui e no Leãozinho. Se eu posso, eu venho sexta, sábado e domingo de manhã e de tarde. Olha bem pra mim: acha que eu sou velha? Velha é aquela mulher que não sai, não procura se divertir na vida. Eu já não tenho um marido, tenho três filhos e cinco netos maravilhosos. Preciso viver muito para aproveitar tudo isto. Já cumpri com as minhas obrigações. Quero é aproveitar agora o que não pude quando mais jovem.

- Obrigada.

Observações

Durante todo o período em que durou a entrevista, a Sra. T. gesticulou, cumprimentou pessoas que passavam pelo local, fez comentários sobre alguns aspectos da praça, demonstrando certa agitação e apreensão em estar conversando com a entrevistadora. O que no início, aos olhos da pesquisadora, aparentou certo grau de dispersão, ao longo da entrevista ficou claro que a Sra. T. gostaria que todos os presentes na praça soubessem que estava sendo entrevistada. Durante todo o tempo do encontro demonstrou satisfação em dar o seu depoimento de vida, como se fosse a entrevista o objeto de reconhecimento do seu esforço e do seu desempenho na dança.

Interpretação

A Sra. T. refere-se ao ato de dançar como um caso de amor entre ela e a dança. A observação do médico foi considerada prescrição medicamentosa. De certo modo, atribui o início de suas atividades de dança como uma tarefa “obrigatória”. Confere ao fato de ter sido encorajada a realizar atividades sociais como ponto de partida para nova fase de vida.

A história do começo do meu amor por dançar é muito engraçada (...) o papel estava escrito assim: vá dançar em bailes. (...) Fiquei com aquilo na cabeça...(...) Não sabia nem onde dançar.

No começo foi muito difícil. Eu tinha vergonha, mas achava que era para o meu bem.

Monteiro (2003), registra a importância do incentivo e a criação de possibilidades para a descoberta ou redescoberta de novos ou perdidos espaços. Na busca da consciência e da sua valorização como ser humano se mantém ativo na realidade social em que está inserido. O autor também estabelece a importância da aprendizagem contínua e do encorajamento à experimentação de novos modos de existir como instrumentos de transformação para romper com padrões preestabelecidos da velhice. “Se o entendimento for atingido com sucesso, os velhos poderão, através de sua própria transformação, criar novos comportamentos e, conseqüentemente, novos acordos, reencontrando o espaço familiar e social perdido” (p. 44).

Em seu depoimento também indica a redescoberta de comportamentos prazerosos, considerados próprios da juventude. Quando encontrados na velhice penalizam os velhos por serem diferentes em sua forma de viver. Ao mesmo tempo enfatiza a presença de valores morais que estigmatizaram gerações de mulheres condicionadas ao jugo masculino.

O corpo era duro. Eu gostava de dançar na juventude, mas meu pai achava que dança não era pra mulher séria. Casei e foi pior. Não dançava e não saía mesmo. Não é que peguei gosto pela coisa? Hoje não tem nada no mundo que me faça parar de dançar.

Além disto, explicita a distância estabelecida entre aqueles que chegam de fora da cidade e de uma parcela considerável da população poços-caldense que não se considerava parte integrante dos espaços centrais da cidade destinados ao lazer. Em seu depoimento, são claras as

fronteiras invisíveis entre a praça pensada para o turista e o espaço de entretenimento destinado aos nativos da cidade. O fazer a “avenida”, ação típica dos poços caldenses acontecia nos espaços externos que delimitavam a praça.

Sou de Poços, mas não era de freqüentar a praça. No meu tempo este lugar era mais pra turista. A gente aproveitava era a avenida de sábado e domingo. Para mim, eu nem sabia que as pessoas dançavam neste lugar.

O depoimento assinala o movimento verificado principalmente a partir da década de 1970, de apropriação dos espaços da praça central de Poços de Caldas pela população da cidade. Para a maioria dos habitantes, tratou-se de processo de conquistas e de rompimentos quanto a valores preestabelecidos de distanciamento dos espaços públicos centrais. O reconhecimento da dimensão humana de um espaço que poderia não ser apenas utilizado por “forasteiros”, propiciou a criação de identidades e cumplicidades com o lugar denominado Praça Pedro Sanches. A descoberta da dança ao redor do coreto funcionou como instrumento de união entre os usuários da praça e sua estrutura arquitetônica. Foi também ferramenta utilizada para a inclusão social de parcela da população que envelhece.

Passei a observar que muitas das minhas amigas que dançavam no Sesc também iam ao coreto. Me levaram um dia pra conhecer. Era um sábado à noite. Quase tive um ataque de emoção. Fiquei muito emocionada com aquelas pessoas dançando. Dançava mulher com mulher, preto com branco, velho com novo. Tudo muito respeitoso. Acho que a gente vai ali só pra dançar mesmo. Fora que é ao ar livre que é muito mais gostoso, né?

Sawaia (1995) ressalta a importância da inter-relação do humano com o material para a construção dos espaços urbanos. A partir da identidade e do sentimento de pertencimento ao lugar, formas subjetivas de integração e de interação social são observadas.

Segundo a autora:

A cidade não é humana só porque é uma construção do homem ou porque engendra subjetividades, mas porque os processos vitais de ambos se entrelaçam: espaço e homem compartilham a mesma materialidade e a mesma subjetividade. Ao romper-se a fronteira entre objetividade e subjetividade, reencontra-se o homem perdido dentro de categorias generalistas (morador, população) e se arrisca estabelecer conexões entre domínios da vida que costumam ser estudados separadamente em seu movimento incessante de construção (SAWAIA, 1995, p. 20).

Ao abordar o seu próprio envelhecimento, a explicita o envolvimento com as atividades de dança na praça como ponto fundamental para o processo subjetivo de envelhecer. O comportamento observado de prazer e orgulho em prestar depoimento, a exigência de que a entrevista se desse nos arredores do coreto e a associação do fato de dançar à manutenção de atos considerados esperados para a juventude, são exemplos concretos da relação de cumplicidade entre ela e a dança na Praça Pedro Sanches.

Acho que no fundo eu fiquei foi mais nova depois que eu danço. Me acho até mais bonita, sabe?

Em seu depoimento deixa claro seu conhecimento sobre o próprio envelhecer. Entretanto, também ficou evidente para a pesquisadora que atribui ao fato de dançar o reencontro com a saúde e a forma de descobrir de novos modos de existir.

Em sua entrevista, a Sra. T. demonstrou que reformulou conceitos e comportamentos através do ato de dançar. Seu conceito de corpo também foi modificado.

Eu sei que os anos passaram e passam muito depressa. Eu sei que já não sou um brotinho, mas eu não me considero velha não. Eu sou é uma dançarina. Tem tanta bailarina que a gente vê na televisão mais velha do que eu.

Simões (1998) ressalta que o sentimento de corporeidade vivido pelo idoso tem restrições e eles têm consciência disto. A autora ressalta a idéia de que a corporeidade na velhice deve ser ponto de partida para novos relacionamentos com o mundo socialmente estabelecido e não simplesmente conceito para a comparação e a padronização de comportamentos tidos como aceitáveis apenas aos que estão em processo ativo de produção.

Segundo a autora:

No entanto, esta questão não é empecilho para que eles sintam a importância de participar em todas as atividades propostas pelo desenvolvimento e pelo planejamento do curso de vida, quer sejam atividades motoras ou não. Eles enfrentam esse desafio com determinação. Eles vivenciam as diferentes e novas experiências sem a preocupação exagerada como *pré-conceitos* que a sociedade manifesta em relação aos seus corpos (SIMÕES, 1998 p.123).

A Sra. T. a partir de sua história de vida, ilustra conceitos discutidos durante este estudo de que somente por meio da aceitação de que os velhos possuem formas diferenciadas de viver, haverá transformação das interações e dos comportamentos em relação aos diversos modos de envelhecer.

Velha é aquela mulher que não sai, não procura se divertir na vida. Eu já não tenho um marido, tenho três filhos e cinco netos maravilhosos. Preciso viver muito para aproveitar tudo isto. Já cumpro com as minhas obrigações. Quero é aproveitar agora o que não pude quando mais jovem.

Revisitando as entrevistas e os entrevistados.

Os quatro entrevistados, personagens centrais deste estudo, demonstraram por meio dos relatos e principalmente de ações, a importância da formação de grupos que compartilham ideais

semelhantes para que conceitos estabelecidos sobre o envelhecer sejam reformulados, revisados e novamente construídos.

Por meio de relacionamentos sociais novas formas de representar a identidade do ser que envelhece, os idosos têm a possibilidade de elaborar modos subjetivos de vivenciar o próprio processo de envelhecimento.

Esta idéia de pertencimento a um grupo social é assinalada também por Monteiro:

Dentro dessa concepção, a organização em grupos é uma metodologia imprescindível para as mudanças de pensamento acerca da velhice. Em processos coletivos há a possibilidade de trocar pontos de vista, desconstruir concepções de mundo reproduzidas e construir novos paradigmas, resgatar o direito à palavra e à elaboração do próprio pensamento, realizar a troca de pontos de vista, expressar sentimentos e emoções, partilhar questões em comum, contextualizar-se no tempo e no espaço, enfim, experimentar, de forma bem concreta, os requisitos de uma *cidadania*. No face a face coletivo torna-se possível tecer uma nova corporeidade, referência para infinitas possibilidades de vida. (MONTEIRO, 2003, p.158).

O espaço da Praça Pedro Sanches, com seu coreto e danças, possui valores não apenas materiais e estéticos, mas, sobretudo, representa instrumento que estimula a formação de novos modos de existir. A consciência do lugar não é apenas material, mas subjetiva. O fascínio exercido pelas alamedas, canteiros, flores, músicas e movimentos confere à Praça Pedro Sanches forte significado de inclusão e de quebra de tabus quanto ao envelhecimento ativo.

A cidade, a rua, o prédio, a porta representam modelos de subjetividade enquanto portadores de história, desejos, carência e conflitos. Cada cidade, bairro, rua, até mesmo cada casa, tem um clima que não advém, exclusivamente, do planejamento urbano e da geografia, mas do encontro de identidades em processo – identidades de homens e de espaços. Esse clima perpassa diferentes entidades: eu, corpo, espaço doméstico, etnia, arquitetura. Dessa forma, os espaços construídos formam discursos e manipulam impulsos cognitivos e afetivos próprios. (SAWAIA 1995, p. 159).

Os entrevistados também assinalaram a imagem do coreto e do baile como espaço propício à criação de identidades e inclusões. A liberdade e a informalidade organizacional dos bailes relatados por todos, conferem a praça e ao seu coreto papel de instrumento de vida e de ação para aqueles que os freqüentam, permitindo relacionamentos sociais diversos. A conquista de espaços onde a segregação seja minimizada é constante entre os entrevistados, mesmo que não tenham explicitado a questão de forma concreta.

Segundo Sawaia:

A questão não é garantir a não-segregação, pois jamais se atinge o ponto ótimo de participação plena, mas potencializar a capacidade de enfrentar os novos e criativos processos de exclusão que se constroem incessantemente. Trabalhar contra a segregação é atuar no sentido de garantir o sentimento de legitimidade social, isto é o direito de sentir-se no direito de ser ouvido e reconhecido como membro de uma comunidade argumentativa, definidora das políticas coletivas de “bem-viver”. Essa virtude não pode ser enclausurada em modelos ou espaços, mas deve ser conquistada pelo desenvolvimento de uma racionalidade ético-afetiva na cidade, capaz de gerar espaços insuspeitos de ressonância de interesses e necessidades coletivas (1995, p. 24).

(In)
Conclusões

(IN) CONCLUSÕES

*“em um mundo que se fez deserto
temos sede de encontrar
companheiros” (Saint-Exupery).*

O trabalho chega ao seu término. Como em toda a viagem concluída, voltar à primeira estação de embarque remete ao planejamento de novos desafiadores roteiros de viagem. O trajeto está apenas iniciando: esta pesquisa me permitiu descortinar um horizonte instigante de reflexões.

A metodologia adotada para o estudo permitiu-me a elaboração de um novo saber, obtido a partir da pesquisa de conceitos como a formação das cidades e das praças, a reflexão sobre temas como urbanidade, lazer e envelhecimento, expandir o olhar sobre o corpo que envelhece e o corpo que se movimenta, investigação histórica sobre a origem da cidade de Poços de Caldas, preservação da memória viva recolhida das diversas entrevistas, memória trazida pelo patrimônio estrutural das obras arquitetônicas da sua praça, elaboração e possibilidade de considerar e refletir a respeito do universo do estudo.

A permanência no Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, paralelamente a trajetória desta pesquisa, propiciou-me a aprendizagem de novos e estimulantes saberes ligados a áreas de estudos distantes (porém não inatingíveis), da minha formação inicial de fisioterapeuta, ampliando as minhas possibilidades de atuação profissional. Minha visão a respeito do envelhecimento foi modificada e ampliada ao longo do processo pessoal que percorri ao desenvolver esta pesquisa. Uma elaboração entre o *saber, perceber, olhar, sentir, ouvir e, sobretudo, saber compreender*.

Para Santos (2004), a paisagem de um espaço é dinâmica e em nada representa imobilidade: é modificada em ritmos e intensidades variados sempre que sejam nela operados processos de mudanças sociais, econômicas ou políticas. A paisagem é modificada e adaptada às novas necessidades impostas pela sociedade que a possui. Nesse espaço de sucessivas relações localizadas entre homem e natureza a paisagem vai sendo estruturada e modificada. A materialidade que a compõe é na maioria das vezes imutável, mas o espaço composto pela sua ocupação é transformado continuamente.

Segundo o autor:

As alterações por que passa a paisagem são apenas parciais. De um lado alguns dos seus elementos não mudam – ao menos em aparência – enquanto a sociedade evolui. São as testemunhas do passado. De outro lado, muitas mudanças sociais não provocam necessária ou automaticamente modificações na paisagem.

Considerada em um ponto determinado no tempo, uma paisagem representa diferentes momentos do desenvolvimento de uma sociedade. A paisagem é o resultado de uma acumulação de tempos. Para cada lugar, cada porção do espaço, essa acumulação é diferente: os objetos não mudam no mesmo lapso de tempo, na mesma velocidade ou na mesma direção.

A paisagem, assim como o espaço, altera-se continuamente para poder acompanhar as transformações da sociedade. A forma é alterada, renovada, suprimida, para dar lugar a uma outra forma que atenda às necessidades novas da estrutura social (SANTOS, 2004, p.54).

Ao longo da história da formação das cidades, a vida cotidiana sofreu alterações consideráveis. Os avanços tecnológicos e científicos do mundo moderno transformaram a velocidade em sinônimo de evolução. Espaços nos quais os encontros são possíveis estão cada vez mais reduzidos.

A moderna sociedade urbana intensificou as diferenças e as contradições entre os seus integrantes. Essas contradições interferem nos modos de vivenciar os espaços, independentemente da idade que se tem, conferindo padrões de comportamentos ligados à imobilidade dos corpos, afastando e dificultando o contato físico, priorizado o espaço privado em detrimento do público. Vivemos um momento em que a divisão e a singularidade de ações distanciam e segregam os seres humanos.

Segundo Villaverde:

Se o espaço privado está cada vez mais sedimentado e o público mais determinado, como viver experiências concretas nos espaços públicos? Uma das respostas poderia estar na mediação que se pode estabelecer entre ambos, se deixarmos de considerá-los apenas lugares de passagens, passando a considerá-los espaços privilegiados para fluxos de circulação contínua em que se cruzam objetos, pessoas, palavras e idéias (2001, p.130).

Considerando-se que parques e praças, no cotidiano das cidades, podem representar possibilidades de encontros e transformações e conciliações entre diversidades comportamentais, as praças são dos mais importantes espaços públicos urbanos, nos quais as relações pessoais são possíveis, exercendo papéis de conexão entre as esferas pública e a privada.

Diante deste contexto, podem ser estabelecidas algumas conexões entre o papel estético e simbólico que esses espaços representam e as possibilidades de atribuir valores de pertencimento e identidade local para aqueles que os percorrem. Numa época em que estão cada vez mais reduzidos os espaços livres das modernas cidades, a ocupação das praças pelos Homens as transforma em lugares repletos de memórias, imagens e subjetividades. Lugares nos quais o sério e o lúdico se combinam.

A premissa é ressaltada por Peixoto: “As pessoas vivem, diferentemente, tempo e espaço, de acordo com suas percepções do lúdico, dos papéis sociais que assumem e das suas condições de vida. Mas a vida urbana, embora não nos permita muitas escolhas, nos permite afrontar com o presente e nele estabelecer táticas e barganhas” (2000, p.192).

A partir deste estudo também me foi possível reencontrar e recuperar valores e ações ligados a Praça Pedro Sanches tão marcantes na minha infância e juventude. Deparei-me com imagens de Poços de Caldas e, sobretudo, da Praça Pedro Sanches, que guardam ao longo do meu tempo de vivências na cidade, magia, beleza e lembranças.

Durante a finalização do trabalho vários questionamentos persistem: será a Praça Pedro Sanches apenas uma paisagem? Qual é o verdadeiro significado deste espaço naqueles que o percorrem?

O espaço da Praça Pedro Sanches foi transformado em lugar, no qual as características externas e o seu aspecto físico estão aliadas e integradas a pensamentos e significados de grupos e indivíduos. A transformação de um espaço em lugar é o que o diferencia dos outros tantos existentes nas cidades. Lugares são constituídos tendo como base determinadas ações, eventos e experiências socialmente produzidas. A representação da imagem e suas significações como

imaginário individual e coletivo conferem ao espaço o sentido de lugar. Imagem e Imaginário são elementos capazes de conformar e demarcar os chamados lugares.

Para Arantes:

O lugar nessa acepção em que foi redescoberto, está longe, portanto, de se confundir com o espaço físico de implante da construção (algo em si mesmo neutro e desprovido de significação), embora dependa deste suporte material; de fato ele se cristaliza por assim dizer impregnando, circunscrevendo em um espaço determinado sentido (histórico, psicológico etc.), camadas de significação que ultrapassam o ser bruto imediato (1995, p.124).

Esta reflexão é ressaltada por Pozzer:

No processo da construção humana edificam-se ao mesmo tempo as imagens e o imaginário urbano. Na confluência desses elementos materializam-se os lugares das cidades. Sendo assim, muitas dessas paisagens construídas são também lugares de memória local (2001, p. 156).

Assim como ao folhear um álbum de fotografias, as memórias e significados do lugar onde se situa a Praça Pedro Sanches permitem olhar para a cidade de Poços de Caldas sob várias perspectivas.

Como a fotografia que perpetua o tempo transitório, a ocupação da Praça de Poços de Caldas admite a criação de novas concepções, impregnadas de memórias e sentimentos, como um cartão-postal revisto sempre que se quer lembrar de fatos a ele ligados.

A paisagem da praça vai se transformando em um lugar no qual pessoas que residem na cidade ou a visitam, constroem espaço público coletivo, presente no imaginário de várias gerações. O presente muitas vezes difícil de ser relatado encontra-se nas alamedas, bancos, monumentos e vegetação colorida da praça, o passado sempre impregnado de histórias e reminiscências.

O espaço da praça, inicialmente denominado Largo, sempre foi local onde acontecem as principais relações sociais da cidade. Não foi delineado como espaço político nem sagrado: seu significado sempre esteve condicionado a intensas relações e integrações sociais.

Diferentemente da formação da maioria das cidades, o Largo onde situavam-se as nascentes das "águas milagrosas", marco zero da origem da cidade de Poços de Caldas, não representou o local sagrado sinalizado pela presença de uma capela, símbolo da Igreja. Tampouco o lugar que hoje recebe o nome de Praça Pedro Sanches não significou a presença do poder do Estado, representado por edificações oficiais como a Prefeitura, a Câmara Legislativa ou a cadeia.

A exigência que definiu a demarcação de limites da praça da cidade de Poços de Caldas foi a importância de suas águas: não como solo sagrado, mas representação da saúde.

Em Poços de Caldas, o processo de doação de sesmarias para a ampliação dos aglomerados urbanos e o início das vilas e posteriormente cidades não se deu da maneira usual. A concessão das terras ocorreu em virtude da necessidade cada vez maior de organizar o espaço onde nasciam as águas quentes, cada vez mais procuradas.

A criação do povoado de "Nossa Senhora da Saúde das Águas de Poços de Caldas" oficializou-se em 1872, em virtude da desapropriação da região próxima às nascentes das águas, com o objetivo de se construir uma estação balneária. A terra, antes aberta a todos, foi doada a um posseiro e privatizada. E com essa medida retorna para uso público.

A presença dos imigrantes italianos foi marcante para a formação de Poços de Caldas, pois, ao instalarem-se na cidade que nascia, trouxeram não só a substituição para mão de obra

escrava na cultura cafeeira, como foram os profissionais liberais que exercendo diversas funções, contribuíram para a sua estruturação.

A comunidade italiana conferiu à cidade em crescimento aspectos de sua cultura natal e modos de pensar, inclusive quanto à musicalidade. Mourão (1952), ao relatar os personagens da lenda das Três Porteiras, atribuí ao italiano Vicente Petreca, que guardava a “Porteira da Fortuna”, a criação dos primeiros bailes e apresentação de músicas populares.

A influência européia é marcante não só pela presença dos italianos. A cidade é formada seguindo os moldes e valores europeus vigentes no final do século XVIII e início do século XIX, como as idéias sanitaristas e de rotinas de saúde, da ênfase dada ao corpo como receptáculo da vida, do culto ao lazer, principalmente o contemplativo. A preocupação com o planejamento urbano é uma constante desde o início da formação da cidade, característica também das novas idéias e concepções de espaço provenientes da Europa.

Importante ressaltar a importação não só do saber científico de novos métodos e rotinas de saúde, tão bem relatadas por Pedro Sanches de Lemos em seu livro “Notas de Viagem” (1903): um grupo em viagem à Europa recolhe impressões, relatos e condutas a serem utilizadas para os recursos terapêuticos das águas de Poços de Caldas.

A vocação turística da cidade influencia a formação e o seu delineamento urbano.

A cidade nasce para acolher os doentes que vinham à procura de cura. A sua formação tem caráter de servir ao que vem de fora, o que talvez reforce a sua atual função de acolhimento a pessoas mais velhas. O Largo, posteriormente a Praça Senador Godoy, e finalmente a Praça Pedro Sanches, foi elaborado para o convívio social determinando o perfil das construções à sua

volta: hotéis, casas de veraneio e posteriormente cassinos fazem o contorno do lugar. As edificações ali construídas representavam o ideal de busca da cura e do lazer. Compõem o lugar de forma peculiar: o centro nevrálgico da cidade é a representação pública de convívio social ligado aos benefícios da ciência para a saúde.

O delineamento dos novos bairros, implementados em colinas, em decorrência da topografia montanhosa da cidade, não oferece a comunicação terrestre entre bairros: sempre é necessário ir ao centro, o que reforça o caráter de ponto nevrálgico e estratégico de relações sociais.

Palco e cenário de importantes acontecimentos sociais e políticos tanto para a comunidade local quanto para aqueles que percorriam transitoriamente seus domínios, a área central da cidade de Poços de Caldas nasceu como dimensão pública intensamente utilizada e ocupada em todos os momentos, desde a origem da cidade.

As “Grandes Obras”, representadas pelas Thermas Antônio Carlos, Pálace Hotel e Pálace Cassino, foram planejadas neste espaço, pois a praça é o lugar que sempre manteve significado como apropriação coletiva.

Se na formação das cidades a construção da igreja em suas praças central era caracterizada pela grandiosidade da obra, visibilidade e localização como sinais de importância e poder, a imponência das “Grandes Obras” confere ao espaço central da cidade de Poços de Caldas a missão de ponto de referência para aqueles que procuram o lazer e a saúde.

Anteriormente a este estudo, a idéia da pesquisadora era de que a composição dos jardins e alamedas havia sido planejada para emoldurar a grandiosidade das obras projetadas por Eduardo Pederneiras.

O pensamento que hoje permeia estas in-conclusões é que, contrariamente, a importância desse espaço como elemento histórico e de relevância social e cultural levou à construção das edificações.

A área central de Poços de Caldas, representada por sua praça, é ponto de agregação de diversas atividades e convívios sociais. Ao longo da história da cidade, permanece como marco histórico de sua formação.

Os monumentos e construções que compõem o universo da Praça Pedro Sanches também são muito significativos.

O monumento “Minas ao Brasil” retrata a missão terapêutica da cidade e sua relação com a doença e a cura. O próprio nome, “Minas ao Brasil”, demonstra a valorização da cidade de Poços de Caldas como referência para o restante do país.

A presença do monumento em homenagem ao governador Antônio Carlos, o principal responsável pela realização das “Grandes Obras”, é a sinalização e a representação simbólica da importância de que as mudanças arquitetônicas e paisagísticas ocorridas no espaço da praça delinearam o seu perfil de forma decisiva.

A existência do coreto personifica a musicalidade do lugar. Os sons são múltiplos e harmônicos em todas as horas do dia. O cantar variado dos variados pássaros, as vozes e sorrisos das crianças, as buzinas dos vendedores de sorvete, as bicicletas, se unem muitas vezes à Banda

Maestro Azevedo aos domingos, ou aos sons das músicas latinas e sobretudo ao movimento de corpos, ritmos, aplausos e melodias dos bailes ao redor do coreto.

As edificações referentes às “Grandes Obras e os parques que as circundam representam no passado e no presente o ideário de uma cidade que possui no seu espaço central lugar onde são intensas as relações e trocas sociais.

A premissa é ressaltada por Mattes:

Então, esses espaços gerados pelas grandes obras da década de 30, constituíram o espaço público da área central. Um lugar onde a carga simbólica de uma arquitetura do passado e as dinâmicas da vida moderna e das novas tecnologias se mesclam, fazendo com que a qualidade individual de cada edificação seja condição para o resultante da riqueza de uma apropriação coletiva. As edificações da área central, não só as grandes obras, mas aquelas residências que ainda hoje carregam referências arquitetônicas de um passado político e social, compõem essa construção do cotidiano, reforçando as dinâmicas sociais (2005:95).

Em um momento em que as atenções estão direcionadas ao envelhecer mundial e às condutas que objetivem melhores condições de vida aos mais velhos, a observação cotidiana de como a presença de indivíduos velhos ou envelhescentes é presente na vida social da cidade, corroboram os dados fornecidos pelo IBGE a respeito do número de indivíduos com mais de 55 anos moradores de Poços de Caldas. O crescimento dessa parcela da população é evidente e marcado pela inversão da pirâmide demográfica de 1991 a 2000.

No jornal Folha de S. Paulo de 16 de outubro de 2006, o médico Alexandre Kalache²⁰ ressalta a necessidade urgente de se repensar o Brasil em relação ao envelhecimento, onde ainda milhões de idosos são marginalizados e carentes.

²⁰ Alexandre Kalache, médico, doutor em saúde pública pela Universidade de Oxford (Inglaterra) e fundador do departamento de Epidemiologia do Envelhecimento da London School of Hygiene and Tropical Medicine, é chefe do Programa de Envelhecimento e Saúde da OMS (Organização Mundial de Saúde) desde 1995.

O médico alerta que o aumento da esperança de vida foi a grande conquista social do século XX, e torna-se o grande desafio para o século XXI. Principalmente para os países em desenvolvimento.

O perfil das doenças foi também modificado em função da mudança demográfica ocorrida nos últimos séculos: durante o envelhecimento as doenças infecciosas dão lugar à crônicas. Se por um lado a mortalidade é diminuída, sem efetivação de políticas públicas de saúde a cronicidade das patologias levará a um alto índice de déficits funcionais, perda da independência, alterando de forma efetiva a autonomia dos mais velhos.

O artigo termina com uma indagação que permeia também o objeto central desta pesquisa: “os velhos que quebram antigos tabus, e por meio de atividades diferenciadas e de novos modos de interação social, estão conferindo diferentes sentidos às suas vidas?”:

Não há dúvida: ante esse envelhecimento galopante, há que repensar o contrato entre as gerações. E que ele seja pautado pela solidariedade. Entre o rico e o pobre, o público e o privado e, sobretudo entre o jovem e o idoso. Em 2002, as Nações Unidas celebraram a Assembléia Mundial do Envelhecimento, em Madri, quando o Plano Internacional de Ação para o Envelhecimento foi endossado por 192 países. Se posto em prática, no "futuro", envelhecer será não um exercício de sobrevivência, mas isto sim, uma etapa da vida a ser celebrada e bem vivida (KALACHE, 2006: caderno Opinião da Folha de São Paulo de 16/10/2006).

Os questionamentos persistem: por que a cidade tem um maior número de idosos comparativamente à maioria das localidades brasileiras? O que leva a cidade de Poços de Caldas receber grande contingente de migrantes que a procuram como morada depois de se aposentar?

Se o processo de geriatriação que o mundo moderno vem assistindo instiga a avaliar e refletir sobre o aumento da expectativa de vida e a diminuição da taxa de natalidade. Os dados

obtidos a partir da análise do novo diagnóstico para o Plano Diretor da cidade de Poços de Caldas demonstram que o número de indivíduos de 0 a 20 anos vem diminuindo sensivelmente na cidade. Em contrapartida cresce o número de pessoas acima de 70 anos. A cidade está adquirindo um perfil de cidade envelhecida e precisa estar preparada para resolver este desafio. Muito mais do que se avaliar a expectativa de vida, devemos atentar para oferecer condições para que esse envelhecimento apresente qualidade.

Os altos índices de qualidade ambiental e infra-estrutura que a cidade oferece devem ser marcadores a serem refletidos quando se discute o envelhecimento local.

As linhas gerais do planejamento urbano da cidade de Poços de Caldas sempre priorizaram o bem-estar e o conforto. Inicialmente projetado para todos os tipos de usuários, inclusive os doentes, o centro da cidade apresenta vasta vegetação em parques e jardins, calçadas com um recuo de 4 metros, o que facilita caminhar e estar, valores almejados por todos, principalmente os que estão envelhecendo.

Fato interessante observado na maioria dos prédios construídos no centro da cidade entre as décadas de 1970 e 1980: não foram projetados com garagens, pois o centro da cidade é propício ao caminhar.

Existe somatória de fatores que propiciam uma melhor qualidade de vida para os idosos na cidade de Poços de Caldas.

Além disto, é grande o número de jovens poços-caldenses imigrantes que procuram melhores condições de trabalho no exterior (aproximadamente 25 mil estão a trabalho, legal ou clandestino, nos Estados Unidos).

Durante muito tempo, era grande o número de jovens de classe média que se afastava da cidade para fazer o curso superior e dificilmente retornava. A realidade está sendo modificada com a vinda de Universidades para a cidade.

Utilizando novamente a idéia da fotografia como instrumento de representação do cotidiano. Além da avaliação do seu potencial estético, a imagem perpetuada em uma fotografia nos conduz à conscientização e à reflexão. Não podemos revelar ou copiar a memória, mas ao observarmos cena refletida em papel, muito mais do que lugares, vivências e histórias são sentidas.

A cidade de Poços de Caldas, principalmente o seu centro urbano, é cartão postal povoado de memórias. Existe uma visão nacional de associar a cidade à questões ligadas ao bem estar. A cidade mantém uma memória coletiva ligada à saúde. Saúde vinda em função da descoberta das águas quentes. Persiste a idéia histórica de ser um lugar onde doenças são abandonadas e o bem-estar cultivado, valores almejados durante o processo de envelhecimento.

Além disto, a cidade de Poços de Caldas representa a memória de tempos passados, palco onde diversos acontecimentos afetivos aconteceram. É comum ouvir relatos quanto a lua-de-mel de pais, avós e conhecidos. Muitos também são os relatos de férias ou estadas pela estância durante a infância ou tempos remotos.

Assim como na fotografia, voltar a percorrer a cidade de Poços de Caldas, ou significa reviver momentos. O velho procura a cidade muitas vezes justamente pela memória coletiva que a cidade proporciona.

A Praça Pedro Sanches tem papel relevante como espaço de permanência de indivíduos de todas as idades, principalmente os mais velhos.

Os espaços e possibilidades de lazer para o idoso são escassos e difíceis. A praça representa, portanto, oásis de convívio e trocas de experiências intergeracionais. Exemplo de convívio e inter-relações. Espaço peculiar, levando a diferentes formas de interpretações e percepções. Compartilhar viveres transforma-se em exercício diário na diversidade de ações que a praça Pedro Sanches proporciona.

A importância do relacionamento e da integração entre indivíduos de diferentes idades é ressaltada por Monteiro:

Quando o velho e o jovem atingem a autonomia do diálogo intergeracional sem conflito, passam a perceber que seus tempos se completam, formando um único e verdadeiro tempo: o da experiência com qualidade – o que é ser um velho experiente se essa experiência não puder ser de qualidade? Quando eles experimentam juntos o tempo presente, os espaços se ampliam, tornando-se mais habitáveis, porque a moradia *reside* na comunhão, e não na solidão que rompe, maltrata, fere a carne, colocando o velho à parte de seu tempo e espaço. (MONTEIRO, 2003, p.148)

O centro da Poços de Caldas é tumultuado: carros, sons, poluição visual, poucos e inconstantes rebaixamentos para a sua travessia. Os bairros periféricos da cidade não facilitam o caminhar.

Santos resalta as transformações que o espaço sofre em função das modificações ocorridas na sociedade que o utiliza:

Os movimentos da totalidade social, modificando as relações entre os componentes da sociedade, alteram os processos, incitam a novas funções. Do mesmo modo, as formas geográficas se alteram ou mudam de valor; e o espaço se modifica para atender às transformações da sociedade (2004, p.57).

Ao observar as atividades que acontecem na Praça Pedro Sanches fica clara a relação da memória com o espaço constituído. A praça foi desde o início da cidade, um local onde o bem-estar foi priorizado. A luminosidade do lugar, mesmo em dias chuvosos e a facilidade de caminhar que suas alamedas propiciam incitam a um maior despojamento do corpo.

A Praça Pedro Sanches é lugar de referencial histórico, ponto estruturador da cidade, e suas atividades são ferramentas contemporâneas para a democratização do espaço e inclusão das pessoas.

Em seu artigo, Kalache ressalta:

Nessas trocas intergeracionais fica clara a contribuição do idoso para sua comunidade - que por ser difícil de quantificar, é tantas vezes descartada pela sociedade. Prevalece o estereótipo: idoso é quem recebe cuidados, quando, na realidade, ele os provê com grande frequência. Não há dúvida: ante esse envelhecimento galopante, há que repensar o contrato entre as gerações. E que ele seja pautado pela solidariedade. Entre o rico e o pobre, o público e o privado e, sobretudo, entre o jovem e o idoso (KALACHE, 2006: caderno Opinião da Folha de S. Paulo de 16/10/2006).

As atividades de dança ao redor do coreto são exemplos de formas de reinventar o tempo e as atividades características do envelhecimento. Buscar valores onde o corpo do idoso seja valorizado e estimulado a agir. Corpo em movimento. Novos olhares e reflexões sobre o envelhecer. Desejos e sonhos a serem alcançados.

Peixoto assinala:

As manifestações espontâneas de sociabilidade inauguram, assim, para as pessoas de mais idade, uma nova maneira de conceber sua imagem. Reconhecer a importância dessas práticas sociais permite compreender melhor os mecanismos de apropriação de territórios e de construção da identidade ligados à idade e, portanto, de uma nova representação da velhice. A identificação do peso que a sociabilidade, tecida nos lugares públicos, adquire na vida cotidiana das pessoas envelhecidas permite, também, refletir sobre as transformações das relações familiares: a mudança do papel desempenhado no interior da família não conduz à ruptura dos laços familiares, mas a prática da

vivência não é mais praticada predominantemente no seio da família. Conquistando um espaço de sociabilidade outro, as pessoas envelhecidas mudam a imagem que lhes é habitualmente imposta. De hoje em diante, independentes e livres, eles seguem a evolução da dança até o fim (2000, p.195).

As entrevistas e os depoimentos ressaltaram o que é comprovado pela visão de quem assiste aos bailes: o coreto transformou-se em espaço democrático e livre para ações como a dança. Os sentimentos assinalados por DaMatta (1997), em que a casa e o acolhimento que dela provêm significam sentimentos e valores do que é privado, encontram representação e inversão do seu significado quando o coreto, que é público, assume características de pertencimento e aconchego atribuídos ao lar. O coreto transforma-se na casa coreto mesmo apenas durante a duração do baile.

As experiências corporais verificadas no cotidiano das pessoas que dançam ou mesmo apenas assistem aos bailes do coreto da Praça Pedro Sanches, se mostram amplas e possibilitam a aprendizagem de vários modos de existir.

Diferentes relações passam a existir. A relação entre o tempo e o espaço para o lazer acontece como se houvesse diálogo possível entre a história da cidade e a vida pessoal de cada um. Movimento e invenção de novos modos de envelhecer.

A viagem está terminada. Olhar e sentir a cidade modificaram-se. Ao rever o discutido sobre a velhice e o velho patrimônio da praça de Poços, faço analogia sobre a “sabedoria” e “acolhimento” que a praça da cidade proporciona aos seus velhos freqüentadores.

As “Grandes Obras” exercem papel dos “anciãos”, patrimônio referência da cidade. Velhas construções que fazem a ponte entre a história e as mudanças e transformações, como possibilidade de construir memória que é viva por meio dos espaços.

Minha leitura interdisciplinar sobre o envelhecer também foi modificada: é necessário pensar também sobre o espaço público a longo prazo. É necessário preparar os espaços para o envelhecimento.

A Praça Pedro Sanches e seu coreto transformou-se em espaço de permanências que retrata a história do lugar e das pessoas com ele envolvidas. Vidas que têm uma história, formando conjuntos humanos.

Assim como o caminhar, a elaboração de elementos que compõe este novo olhar para a cidade, a praça e para o próprio envelhecimento necessita de um tempo mais lento. É necessária a procura constante de antigos e novos companheiros: refletir sobre o envelhecer e a possibilidade de juntos atravessarem a velhice.

Poços de Caldas e sua praça, a Praça Pedro Sanches, com suas atividades desenvolvidas, criaram característica de espaço público percebido neste novo modo de contar o tempo. Tempo em que o envelhecimento seja momento de criatividade, possibilidades, vivências. Lugar para pensar o espaço público como tempo de permanências.

Bibliografia

ALVISI, LÍLIAN DE CÁSSIA. **Memórias de Vivências em Poços de Caldas-MG Escola Profissional Dom Bosco (1946-1960)**. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de Campinas-Unicamp, Campinas.2001.

ARANTES, Otilia Beatriz Fiori. **O Lugar da Arquitetura depois dos Modernos**, in **Praças Brasileiras**, São Paulo: Edusp.

BARRETO, Frederico Flósculo. **Espaços para a Terceira Idade** in **Humanidades** Revista da Universidade Nacional -UNB, Brasília, n.46, outubro. 1999.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. **Envelhecimento Cultura e Transformações Culturais** in **Tempo de Envelhecer**. Rio de Janeiro: Nau Editora., 2004.

BERTAZZO. Ivaldo. **Cidadão Corpo: Identidade e Autonomia do Movimento**. 2 ed. São Paulo: Summus, 1998.

BRANDÃO, Carlos. Rodriguez. **O que é Educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

BRASIL. **Código de processo Civil**. 4 ed.. São Paulo: Revista dos Tribunais

BRECHT, Bertoldt. **Historias de Almanaque**. Tradução de Rafael Gomes Felipe. Lisboa-Portugal: Editora Veja. 1987.

BRITO, Marilza. **Memória e Cultura Centro de Memória da Eletricidade no Brasil**. Rio de Janeiro: CMEB, 1989.

CARVALHO, Filho Eurico Thomaz de; PAPALÉO, Netto Matheus; e COLABORADORES **Anatomia do Envelhecimento in Geriatria: Fundamentos, Clínica e Terapêutica.** São Paulo: Atheneu, 2002.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais.** 6^a ed. São Paulo: Editora Cortez, 2003.

COSTA, Lucio. **Registros de uma Vivencia.** Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 1998.

DAMATTA, Roberto da. **A Casa e a Rua- Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil.** 5^a ed. Rio de Janeiro-: Editora Rocco, 1997.

DIAS, Miguel Carvalho. **A Imigração Estrangeira em Poços de Caldas.** in **Poços de Caldas em Revista.** ano XVI n. XIII, 1972.

DONNE, Marcella Delle. **Teorias Sobre a Cidade.** Rio de Janeiro: Edições 70, 1990.

DUMAZEDIER, Jofre. **Sociologia Empírica do Lazer.** 2ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

ENCICLOPÉDIA BRASILEIRA DOS MUNICIPIOS BRASILEIROS IBGE, v.XXVI, maio, 1959.

FARRET, Ricardo Libanez.. **O Espaço de Cidade: contribuição à análise urbana.** São Paulo: Parma, 1985.

FERRARA, Lucrécia D'aléssio. **Os Significados Urbanos.** São Paulo: Edusp, 2000.

FERREIRA, Aurelio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa.** 8^a ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2003.

FREITAS, Elizabete Viana. **Demografia e Epidemiologia do Envelhecimento in Tempo de Envelhecer.** Rio de Janeiro: Nau Ed., 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5^a ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 1999.

GOLDFARB Delia Catulo. **Corpo, Tempo e Envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

_____, **Corpo e Temporalidade. Aporte para uma clinica do envelhecimento** in **Revista Kairós**. Programa de Estudos Graduated em Gerontologia, Puc/SP. Ano 1-n.1, São Paulo: Educ, 1998.

GÓMEZ, Zandra Pedraza; **Corpo Pessoa e Ordem Social** in **Corpo & Cultura**, Revista do Programa de Estudos Pós- Graduated em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: Educ, 2002.

GREGOTTI, Vittorio. **Território da Arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

GUTIERREZ, Gustavo Luiz. **Lazer e Prazer**. São Paulo: Autores Associados, 2001.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

HILLMAN, James. **Cidade e Alma**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

INAUGURAÇÃO do Novo Coreto Municipal. O Prego, Poços de Caldas, 23 de julho de 1922. p. 1.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA- IBGE in www@ibge.br, 2004.

IWANOWICZ, Josefa Bárbara. **O Lazer do Idoso e o Desenvolvimento Prosocial** in BRUHNS, Heloisa (org) **Temas sobre o Lazer**. Campinas: Autores Associados, 2000.

JORNAL DA MANTIQUEIRA. Poços de Caldas, 28 de junho 1985. p. 4.

KALACHE, Alexandre. **Folha de S. Paulo**, 16 de outubro 2006. Caderno Opinião.

KOHLSDORF, Maria Elaine. **A Apreensão da Forma da Cidade**. Brasília: UNB, 1996.

LAPIERRE, André. **O Corpo** in **Revista do Corpo e Linguagem**. v.4 São Paulo: Gráfica Editorial, 1994.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito a Cidade**. São Paulo: Editora Documentos Ltda., 1969.

LEHMANS, João Mendonça. **A Psicomotricidade na Geriatria** in **Revista do Corpo e Linguagem**. v.8 São Paulo: Gráfica Editorial, 1998.

LEITE, Celso Barroso. **O Século do Lazer**. São Paulo: LTR, 1995.

LEME, Maria Cristina da Silva. **Urbanismo no Brasil 1895-1965**. São Paulo: FUPAN, Studio Nobel, 1999.

LE MOS, Pedro Sanches. **Notas de Viagem**. São Paulo: Escola Tipográfica Salesiana, 1903.

_____, **A Propósito de Águas Virtuosas**. São Paulo: Escola Tipográfica Salesiana, 1904.

_____, **Breve Notícia sobre as Águas Thermaes de Poços de Caldas**. São Paulo: Typographia e Estereotypia King, 1890.

_____, **Os Fundamentos de Minhas Crenças Médicas**. São Paulo: Cardoso Filho & Companhia, 1909.

LIMENA, Maria. Margarida Cavalcanti. **Cidades Contemporâneas; Ordem, Desordem e Perspectivas de Reorganização** in Revista Kairós. Programa de Estudos Graduated em Gerontologia, Puc/SP. v.6 n. 2. São Paulo: Educ, 2003.

LOPES, Ruth Gelehrter da Costa. **Velhos Indignos** in **Revista Kairós**. Programa de Estudos Graduated em Gerontologia, Puc/SP. Ano 1-n.1, São Paulo: Educ, 1998.

LOWEN, Alexander. **O Corpo em Depressão** 5 ed. São Paulo: Summus, 1983.

LURIA, Alexander Romanovich. **Pensamento e Linguagem: As últimas conferências de Luria**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

MACEDO, Mônica Medeiros. **A Entrevista, Buscando o significado social pela narrativa in A Etnopesquisa Crítica e Multireferencial nas Ciências Humanas e na Educação**. Salvador: Edufba, 2000.

MACEDO, Silvio Soares. **Higienópolis e Arredores: Processo de Mutação da Paisagem Urbana**. São Paulo: Edusp, 1987.

_____, **Quadro do Paisagismo no Brasil**. São Paulo: Quapá, 1999.

MAIA, Carlos. **Uma Estação em Poços de Caldas - Crônicas Publicadas no Jornal “O Combate” de Fevereiro a Março de 1925**. São Paulo: Instituto D. Ana Rosa, 1925.

MARCELINO, Nelson Carvalho. **Estudos do Lazer: uma introdução**. 2 ed Campinas: Editores Associados, 2002.

MARRAS, Eduardo. **A Propósito de Águas Virtuosas: formação e ocorrências de uma estação balneária no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG Editora., 2004.

MARTINS, Joel. **Não Somos Cronos, somos Kairós** in **Revista Kairós** Programa de Estudos Graduados em Gerontologia, Puc/SP. Ano 1-n.1, São Paulo: Educ,1998.

MARX, Murillo. **A Cidade Brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1991.

_____, **Cidade no Brasil Terra de Quem?** São Paulo: Edusp Nobel,1991.

MATTHES, Adriane. **Arquitetura e Permanências: O Projeto Urbano na Constituição da Esfera Pública**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Mestrado em Urbanismo do Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologias da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. 2005.

MAZZOTTI, Alda Judith Alves. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais**. 2 ed. São Paulo: Editora Pioneira, 1999.

MEGALE, Nilza Botelho. **Memórias Históricas de Poços de Caldas**. 2. ed. Poços de Caldas: Editora Revista Ampliada, Gráfica Sulminas, 2002.

MENDES, Miriam Garcia. **A dança**. São Paulo: Atica, 1985.

MERCADANTE, Elisabeth. Frohlich. **A Identidade e a Subjetividade do Idoso** in **Revista Kairós**. Programa de Estudos Graduados em Gerontologia, Puc/SP. Ano 1-n.1, São Paulo: Educ,1998.

_____, MERCADANTE, **A identidade estigmatizada** in **Serviço Social & Sociedade**. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

MINAYO, Maria. Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento–Pesquisa Qualitativa em Saúde**. São Paulo: Editora Hucitec/ Abrasco, 2000.

MONTEIRO, Pedro Paulo. **Envelhecer: Histórias, Encontros, Transformações**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____, **Espaços Internos e Externos do Corpo: envelhecimento e autonomia** in **Serviço Social & Sociedade** São Paulo: Cortez Editora, 2003.

MORETTI, Maria Inês. **Cidadania: a conquista de um espaço para os que envelhecem** in **Revista Kairós**. Programa de Estudos Graduated em Gerontologia, Puc/SP. Ano 1-n.1, São Paulo: Educ,1998..

MOURÃO, Benedictus Mario. **Medicina Hidrológica - Moderna Terapêutica das Águas Minerais e Estâncias de Cura**. Poços de Caldas: Prima Promotora de Informações da Mantiqueira, 1992.

_____, **O Quarteto Construtor de Poços de Caldas e a Epopéia de Pedro Sanches**. Poços de Caldas: Gráfica Sul Minas, 1998.

MOURÃO, Mario. **Poços de Caldas: Síntese Histórico- Social**. São Paulo: Saraiva, 1952

MUNFORD, Danusa. **Evolução Humana**. São Paulo: Editora Atheneu, 2004.

NERI, Anita Liberalesso. **Desenvolvimento e Envelhecimento**. São Paulo: Papirus, 2001

_____, NERI, **Palavras Chaves em Gerontologia**. Campinas:Alínea, 2001.

NEVES, Lucila de Almeida. **Memória História e Sujeitos: substratos de identidade** in **Revista História Oral**. n.3. Associação Brasileira de História Oral, Sapo. Paulo: Gadalf, 2000.

NOVAIS, Fernando; SEVCENKO, Nicolau. **História da Vida Privada no Brasil**. vol 3 São Paulo: Companhia da Letras, 1998.

OLIVEIRA, Yeda Aparecida Duarte. **O Lazer do Idoso** in RODRIGUES, Rosalina Aparecida Partezani; DIOGO, Maria José D'Elboux.. **Como cuidar dos idosos**. Campinas: Papirus, 1996.

OLIVEIRA, Paulo Salles. **O Lúdico na Vida Cotidiana** in BRUHNS, Heloisa Turini (Org). **Introdução aos Estudos do Lazer**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

OTTONI, Homero Benedicto. **Poços de Caldas**. São Paulo: Editora Anhembi, 1960.

PASCHOAL, Sergio Marcio Pacheco. **Qualidade de Vida na Velhice** in FREITAS, Elizabete Viana (org). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

PEIXOTO, Clarice. Ehlers. **Envelhecimento e Imagem**. São Paulo: Anmabluma Comunicação, 2000.

PONDÉ, Luiz Felipe. **Algumas Reflexões sobre o Existir nas Cidades** in **Revista Kairós**. Programa de Estudos Graduados em Gerontologia, Puc/SP. V 7(1), São Paulo: Educ, 2004.

PONTES, Hugo. **A Poesia das Águas: Retratos Escritos de Poços de Caldas**. Poços de Caldas: Gráfica Sul Minas, 2004.

_____, **O Barracão da Discórdia**. Poços de Caldas: Gráfica Sul Minas, 2000.

POZZER, Carlos Eduardo. **Poços de Caldas: A Construção da Paisagem Urbana**. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. 2001.

PREFEITURA MUNICIPAL DE POÇOS DE CALDAS: **Plano Diretor**-Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação da Prefeitura de Poços de Caldas-MG, 1992.

_____, Revisão do Plano Diretor- Lei Complementar 74 - Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação da Prefeitura de Poços de Caldas-MG, 2006.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **Relatos Orais do Indivizível ao Divizível** in SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. (Org). **Experimentos com Historias de Vida**. São Paulo: Editora Vertice, 1988.

REVISTA MAGAZINE DAS NAÇÕES, São Paulo: Editora Roman Ltda, 1952.

RIFKIN, Jeremy. **A Era do Acesso**. São Paulo: Makron Book, 2001.

RIO, João do. **A Correspondência de uma Estação de Cura**. São Paulo: Scipione, Fundação Casa Ruy Barbosa, Instituto Moreira Salles, 1992.

RIO, João do; **Um escritor entre duas cidades- Exposição Iconográfica**. São Paulo: Unibanco Editora , Instituto Moreira Salles, 1992.

ROBBA, Fabio; MACEDO; Silvio Soares. **Praças Brasileiras**. São Paulo: Edusp, 2003.

RODRIGUES, Graziela. **Bailarino, pesquisador, intérprete: processo de formação**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1997.

ROLNIK, Raquel. **O que é a Cidade** 3ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

ROSSI, Aldo. **A Arquitetura da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SAINT-HILAIRE, August de. **Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Geraes e a São Paulo (1822)**. Tradução de Affonso de E. Taunay. São Paulo: Editora Nacional, 1932.

_____, **Viagem a Província de São Paulo**. São Paulo: Livraria Martins Fontes, Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. **Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea**. São Paulo: Estação Liberdade Ltda., 2001.

SANTOS, Milton. **Pensando o Espaço do Homem** 5ª edição São Paulo: Edusp, 2004.

São Paulo: Fundação Seade, 1995.

SAWAIA, Bader Burihan; **O Calor do Lugar**. In **São Paulo em Perspectiva**. v.9 n 2.

SCHILDER, Paul. **A Imagem do Corpo: As Energias Construtivas da Psique**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SEGUSO, Mario. **Os Admiráveis Italianos de Poços de Caldas-1884-1915**. Poços de Caldas: [s.n.], 1988.

SIMÕES, Regina; **Corporeidade: A Marginalização do Corpo do Idoso**. Piracicaba: Unimep, 1998.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. **Historia Oral e Velhice Bem Sucedida – Perspectivas Biológicas e Sociológicas**. in NERI, Anita. Liberalesco. (Org). **Desenvolvimento e Envelhecimento**. São Paulo: Editora: Papirus, 2001.

SOUZA, Antonio Candido de Mello. **Sou bastante Poços-caldense com raiz antiga**. Folha de S. Paulo, 8 de junho 2006. Caderno de Turismo.

SZMRECSANYI, Maria. Irene Ferreira. **Lazer e Consumo: Espaços Públicos e Semi-Públicos no Cotidiano Urbano** in Heloisa Turini; GUITIERREZ Gustavo Luiz. (Org), **Representações do Lúdico, II Ciclo de Debates do Lazer e da Motricidade** BRUHNS, Campinas-SP: Autores Associados, 2001.

TESOUROS DO BRASIL. Projeto Tesouros do Brasil. São Paulo: Ed. Conceitos Comunicação Estratégica, 2005. pgs. 92-93.

TURATO, Egberto Ribeiro. **Tratado da Metodologia da Pesquisa Clinico - Qualitativa**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes: 2003.

VALLE, Edênio. **A Velhice e o Futuro: Os Novos Velhos do Terceiro Milênio.** in **A Terceira Idade** ano X n 13: SESC, São Paulo,1998.

VIEIRA, Eliane Brandão. **Manual de Gerontologia: um guia prático para profissionais cuidadores e familiares.** Rio de Janeiro: Revinter, 1996.

VILLAYERDE, Sandoval. **Corpo, Lazer e Natureza: Elementos para uma Discussão Ética** in BRUHNS, Heloisa Turini; GUITIERREZ Gustavo Luiz (Org). **Representação do lúdico: II ciclo de debates Lazer e Motricidade.** Campinas: Autores Associados, 2001.

VITTA, Alberto de. **Atuação Preventiva em Fisioterapia.** Bauru: Edusc, 2000.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A Formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes,1984.

WAGNER. Elvira de Melo. **Aspectos Biológicos do Exercício Físico no Envelhecimento** in **XVII Simpósio Internacional de Ciências do Esporte.** São Caetano do Sul: Cefalics,1999.

WILLIAMS, Don Duanne. **Memorial da Companhia Geral de Minas: História da Mineração do Planalto de Poços de Caldas.** Poços de Caldas: Alcoa Alumínio S/S Editora, 2001.

ANEXOS

--	--

ANEXO I

CARTA DE CESSÃO

Por meio do presente acordo cedo à Teresa Cristina Alvisi, todos os direitos de uso do conteúdo das entrevistas, por mim concedidas e gravadas em fita magnética, como parte da Pesquisa “Os Velhos que Dançam na Praça de Poços de Caldas”, com a finalidade de atender à pesquisa para dissertação de mestrado do programa de estudos Pós Graduação em Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Autorizo, ainda, permitir a consulta, a reprodução e a publicação destas informações.

Poços de Caldas, ____ de _____ de _____.

CEDENTE:

(assinatura)

CESSIONÁRIO: Teresa Cristina Alvisi

(assinatura)

ANEXO II

NOME E APELIDO
DATA DE NASCIMENTO
LOCAL DE NASCIMENTO
LOCAL DE RESIDÊNCIA
ESCOLARIDADE
PROFISSÃO PRESENTE
PROFISSÃO PASSADA